



O Melhor de A. W. Tozer

Digitalizado por Neuza
Enviado por id
Revisado e formatado por amigo anônimo



www.semeadoresdapalavra.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

SEMEADORES DA PALAVRA e-books evangélicos

Sumário

Introdução.....	3
# Excertos Extraídos de <i>À Procura de Deus</i>	4
1. Seguindo a Deus de Perto.....	5
2. A Voz do Verbo.....	8
3. Mansidão e Descanso.....	14
# Excertos Extraídos de <i>O Poder de Deus</i>	17
4. Nascido Depois da Meia-Noite.....	17
5. Erótico Versus Espiritual.....	18
6. Para Estarmos Certos, Temos de Pensar Certo	20
7. A Fé se Arrisca a Falhar	21
8. O Valor de uma Imaginação Santificada	23
9. Proximidade E Semelhança	24
10. Por Que Somos Indiferentes Quanto ao Retorno de Cristo.....	25
# Excertos Extraídos de <i>Deus Fala com o Homem que Mostra Interesse</i>	27
11. Deus Fala com o Homem Que Mostra Interesse.....	27
12. A Posição Vital da Igreja.....	28
13. Organização: Necessária e Perigosa.....	29
14. As Divisões nem Sempre São Más	31
15. A Responsabilidade da Liderança.....	32
16. A Oração de um Profeta Menor	34
17. Precisa-se: Coragem com Moderação	35
18. Este Mundo: Parque de Diversões ou Campo de Batalha?.....	37
19. A Autoridade Decrescente de Cristo nas Igrejas.....	38
# Excertos Extraídos de <i>Esse Cristão Incrível</i>	42
20. Esse Cristão Incrível	42
21. O Que Significa Aceitar Cristo	43
22. A Insuficiência do "Cristianismo Instantâneo"	45
23. Não Existe Substituto para a Teologia	46
24. A Importância da Auto-Análise.....	47
25. Sinais do Homem Espiritual	49
# Excertos Extraídos de <i>A Raiz dos Justos</i>	50
26. A Raiz dos Justos.....	50
27. É Fácil Viver com Deus	51
28. Quanto a Receber Admoestação	52
29. O Grande Deus Entretenimento.....	53
30. Bíblia Ensinada ou Espírito Ensinado?	55
31. A Cruz E uma Coisa Radical.....	56
# Excertos Extraídos de <i>De Deus e o Homem</i>	57
32. O Relatório do Observador.....	57
33. Exposição Requer Aplicação.....	58
34. Cuidado com a Mentalidade de Cartão de Fichário	59
35. O Uso e Abuso do Bom Humor.....	61
36. Cultivemos a Simplicidade e a Solidão.....	62
37. O Mundo Bíblico E o Mundo Real	63
38. Louvor em Três Dimensões.....	64
# Excertos Extraídos de <i>O Homem: a Habitação de Deus</i>	65
39. O Homem: a Habitação de Deus.....	65

40.	Por Que Alguns Acham a Bíblia Difícil.....	66
41.	A Fé: uma Doutrina Incompreendida.....	68
42.	A Verdadeira Religião não se Baseia em Sentimentos mas na Vontade	69
43.	A Velha e a Nova Cruz	71
44.	Deus Deve Ser Amado por Ele Mesmo.....	72
45.	Como Provar os Espíritos.....	74
46.	Algumas Idéias sobre os Livros e a Leitura.....	80
47.	Os Santos Devem Andar a Sós	81
	# Excerto Extraído de <i>Como Encher-se com o Espírito Santo</i>	83
48.	Como Encher-se com o Espírito Santo.....	83
	# Excerto Extraído de <i>A Adoração: Jóia Ausente na Igreja Evangélica</i>	87
49.	A Adoração: Ocupação Normal dos Seres Morais.....	87
	# Excerto Extraído de <i>Quem Colocou Jesus na Cruz?</i>	89
50.	Cristão, Você se Considera Muito Inferior?	89
	# Excerto Extraído de <i>Caminhos para o Poder</i>	95
51.	Os Milagres Seguem o Arado.....	95
	# Excerto Extraído de <i>Deixe Ir o Meu Povo</i>	97
52.	O Sistema Jaffray.....	97

Introdução

"Penso que minha filosofia é esta: Tudo está errado até que Deus endireite as coisas."

Esta declaração do Dr. A. W. Tozer resume perfeitamente a sua crença e o que ele tentou fazer durante seus anos de ministério. Todo o foco de sua pregação e tudo aquilo que escreveu concentrava-se em Deus. Não tinha tempo para mascates religiosos que inventavam novos meios de promover suas vendas e elevar suas estatísticas. Da mesma forma que Thoreau, autor por ele muito admirado, Tozer marchava ao som de um tambor diferente; e por esta razão, no geral achava-se fora de compasso com muitos dos participantes na parada religiosa.

Mas o que nos fazia amá-lo e admirá-lo era justamente esta excentricidade evangélica. Ele não temia dizer-nos o que estava errado, nem vacilava em mostrar-nos como Deus poderia endireitar as coisas. Se um sermão pode ser comparado à luz, A. W. Tozer lançava então um raio laser do púlpito, um raio que penetrava o seu coração, queimava a sua consciência, expunha o pecado e fazia você gritar: "Que devo fazer para ser salvo?" A resposta vinha sempre igual: renda-se a Cristo; conheça pessoalmente a Deus; cresça para assemelhar-se a Ele.

Aiden Wilson Tozer nasceu em Newburg (então conhecido como La Jose), Pensilvânia, a 21 de abril de 1897. Em 1912 a família mudou-se da fazenda de Akron, Ohio; e em 1915 ele converteu-se a Cristo, entrando imediatamente numa vida de grande intensidade devocional e testemunho pessoal. Em 1919 começou a pastorear a igreja da Aliança em Nutter Fort, em West Virgínia. Também serviu em igrejas nas cidades de Morgsntown, West Virginia; Toledo, Ohio; Indianapolis, Indiana; e em 1928 iniciou seu trabalho na igreja da Aliança em Chicago (Southside Alliance Church). Ali serviu até novembro de 1959, quando tornou-se pastor da igreja Avenue Road em Toronto. Um repentino ataque cardíaco a 12 de maio de 1963 pôs fim a esse ministério e Tozer foi introduzido na glória.

Estou certo de que Tozer alcançou mais pessoas através de seus escritos do que de sua pregação. Grande parte do que escreveu foi refletido na pregação de pastores que alimentavam a alma dos seus fiéis com as palavras dele. Em maio de 1950, Tozer foi nomeado redator da revista "The Alliance Weekly", agora *The Alliance Witness*, talvez a única revista religiosa comprada principalmente pelos seus editoriais. Ouvi certa vez o Dr. Tozer, numa conferência na Associação da Imprensa Evangélica, criticando os editores que praticavam o que ele chamava de "jornalismo de supermercado — duas colunas de anúncios e um corredor de material de leitura". Ele era um escritor exigente e tão rigoroso

consigo mesmo quanto com os demais.

O que toma conta de nós e não nos deixa escapar mais nos trabalhos de Tozer? Ele não teve o privilégio de cursar uma universidade nem um seminário, ou sequer uma escola bíblica; todavia, deixou-nos uma estante de livros que será consultada até a volta do Senhor por aqueles que buscam crescer em espiritualidade.

A. W. Tozer escrevia com convicção. Ele não tinha interesse em agradar os superficiais cristãos atenienses que estavam em busca de novidades. Tozer voltou a cavar os velhos poços e nos chamou de volta aos velhos caminhos, acreditando ardentemente nas verdades por ele ensinadas e pondo-as em prática. Certa vez disse a um amigo meu: "Consegui a antipatia de todos em toda plataforma a que subi neste país durante a realização de uma Conferência Bíblica!" O povo não corre para ouvir alguém cujas convicções tragam constrangimento.

Tozer era um místico — um místico evangélico — numa era pragmática e materialista. Ele continua a chamar-nos para observar aquele mundo da realidade espiritual que fica além do mundo físico que tanto nos seduz. Ele nos pede para agradar a Deus e ignorar a multidão, para adorar a Deus a fim de nos assemelharmos a Ele. Quão desesperadamente precisamos hoje dessa mensagem!

A. W. Tozer tinha o dom de tomar uma verdade espiritual e colocá-la sob a luz, a fim de que, como um diamante, cada faceta fosse vista e admirada. Ele não se perdia nos pântanos homiléticos; o vento do Espírito soprava e ossos mortos ganhavam vida. Seus ensaios são como delicados camafeus, cujo valor não é determinado pelo seu tamanho. Sua pregação caracterizava-se por uma intensidade espiritual que penetrava o coração, ajudando-o a ver Deus. Feliz o cristão que pode dispor de um livro de Tozer quando sua alma está sedenta e ele sente que Deus se distanciou.

Isto leva àquela que julgo ser a maior contribuição que A. W. Tozer faz em seus escritos: ele o estimula tanto com relação à verdade, que você se esquece de Tozer e procura a sua Bíblia. Ele mesmo repetiu muitas vezes que o melhor livro é aquele que faz você desejar pô-lo de lado e pensar por si mesmo. É raro eu ler Tozer sem procurar meu caderno de notas e escrever nele alguma coisa que mais tarde possa ser transformada numa mensagem. Tozer é como um prisma que recolhe a luz e depois revela a sua beleza.

Selecionar o "melhor de A. W. Tozer" é uma tarefa impossível. Melhor para quem? Para que necessidades? Como pastor, eu escolheria cinquenta ensaios que iriam desafiar e abençoar o coração de meus irmãos no ministério, mas Tozer é lido por muitos que não exercem essa função. Por ser escritor, eu poderia escolher capítulos dos seus livros que revelam sua habilidade com as palavras; mas a maioria dos leitores não escreve livros. Aqueles dentre nós que apreciamos os escritos de Tozer certamente temos os nossos favoritos, mas tenho certeza de que não haveria dois que concordassem.

Dos livros de Tozer publicados pela Christian Publications de Harrisburg, Pensilvânia, fiz seleções com base no tema e seu desenvolvimento. O Dr. Tozer dizia com frequência as mesmas coisas de modos diversos, e tentei escolher os temas principais em sua melhor expressão. Se um de seus ensaios favoritos estiver faltando, talvez você seja compensado lendo um outro que tenha perdido ou esquecido.

Se este livro for a sua primeira introdução a A. W. Tozer, permita-me então sugerir a melhor maneira de ler seus ensaios. Você deve lê-los lentamente e com reflexão, meditando enquanto lê. À medida que lê, ouça o que Tozer chamava de "a outra Voz" falando a verdade através dessas breves mensagens. Se certa verdade se puser a queimar em seu coração, coloque o livro de lado e deixe que Deus o oriente. Aguarde em silêncio diante dEle e bem fundo em seu coração Deus lhe falará.

Excertos Extraídos de *À Procura de Deus*

1. Seguindo a Deus de Perto

“A minha alma apegar-se a ti: a tua destra me ampara” (Sl 63:8.).

O evangelho nos ensina a doutrina da graça preveniente, que significa simplesmente que, antes de um homem poder buscar a Deus, Deus tem que buscá-lo primeiro.

Para que o pecador tenha uma idéia correta a respeito de Deus, deve receber antes um toque esclarecedor em seu íntimo; que, mesmo que seja imperfeito, não deixa de ser verdadeiro, e é o que desperta nele essa fome espiritual que o leva à oração e à busca.

Procuramos a Deus porque, e somente porque, Ele primeiramente colocou em nós o anseio que nos lança nessa busca. “Ninguém pode vir a mim”, disse o Senhor Jesus, “se o Pai que me enviou não o trouxer” (Jo 6:44), e é justamente através desse trazer preveniente, que Deus tira de nós todo vestígio de mérito pelo ato de nos achegarmos a Ele. O impulso de buscar a Deus origina-se em Deus, mas a realização do impulso depende de O seguirmos de todo o coração. E durante todo o tempo em que O buscamos, já estamos em Sua mão: “... o Senhor o segura pela mão” (Sl 37:24.).

Nesse “amparo” divino e no ato humano de “apegar-se” não há contradição. Tudo provém de Deus, pois, segundo afirma Von Hügel, Deus é sempre a causa primeira. Na prática, entretanto (isto é, quando a operação prévia de Deus se combina com uma reação positiva do homem), cabe ao homem a iniciativa de buscar a Deus. De nossa parte deve haver uma participação positiva, para que essa atração divina possa produzir resultados em termos de uma experiência pessoal com Deus. Isso transparece na calorosa linguagem que expressa o sentimento pessoal do salmista no Salmo 42: “Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo: quando irei e me verei perante a face de Deus?” E um apelo que parte do mais profundo da alma, e qualquer coração anelante pode muito bem entendê-lo.

A doutrina da justificação pela fé — uma verdade bíblica, e uma bênção que nos liberta do legalismo estéril e de um inútil esforço próprio — em nosso tempo tem-se degenerado bastante, e muitos lhe dão uma interpretação que acaba se constituindo um obstáculo para que o homem chegue a um conhecimento verdadeiro de Deus. O milagre do novo nascimento está sendo entendido como um processo mecânico e sem vida. Parece que o exercício da fé já não abala a estrutura moral do homem, nem modifica a sua velha natureza. É como se ele pudesse aceitar a Cristo sem que, em seu coração, surgisse um genuíno amor pelo Salvador. Contudo, o homem que não tem fome nem sede de Deus pode estar salvo? No entanto, é exatamente nesse sentido que ele é orientado: conformar-se com uma transformação apenas superficial.

Os cientistas modernos perderam Deus de vista, em meio às maravilhas da criação; nós, os crentes, corremos o perigo de perdermos Deus de vista em meio às maravilhas da Sua Palavra. Andamos quase inteiramente esquecidos de que Deus é uma pessoa, e que, por isso, devemos cultivar nossa comunhão com Ele como cultivamos nosso companheirismo com qualquer outra pessoa. É parte inerente de nossa personalidade conhecer outras personalidades, mas ninguém pode chegar a um conhecimento pleno de outrem através de um encontro apenas. Somente após uma prolongada e afetuosa convivência é que dois seres podem avaliar mutuamente sua capacidade total.

Todo contato social entre os seres humanos consiste de um reconhecimento de uma personalidade para com outra, e varia desde um esbarrão casual entre dois homens, até a comunhão mais íntima de que é capaz a alma humana. O sentimento religioso consiste, em sua essência, numa reação favorável das personalidades criadas, para com a Personalidade Criadora, Deus. “E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste”.

Deus é uma pessoa, e nas profundezas de Sua poderosa natureza Ele pensa, deseja, tem gozo, sente, ama, quer e sofre, como qualquer outra pessoa. Em seu relacionamento conosco, Ele se mantém fiel a esse padrão de comportamento da personalidade. Ele se comunica conosco por meio de nossa mente, vontade e emoções.

O cerne da mensagem do Novo Testamento é a comunhão entre Deus e a alma remida,

manifestada em um livre e constante intercâmbio de amor e pensamento.

Esse intercâmbio, entre Deus e a alma, pode ser constatado pela percepção consciente do crente. É uma experiência pessoal, isto é, não vem através da igreja, como Corpo, mas precisa ser vivida, por cada membro. Depois, em consequência dele, todo o Corpo será abençoado. E é uma experiência consciente: isto é, não se situa no campo do subconsciente, nem ocorre sem a participação da alma (como, por exemplo, segundo alguns imaginam, se dá com o batismo infantil), mas é perfeitamente perceptível, de modo que o homem pode “conhecer” essa experiência, assim como pode conhecer qualquer outro fato experimental.

Nós somos em miniatura, (excetuando os nossos pecados) aquilo que Deus é em forma infinita. Tendo sido feitos a Sua imagem, temos dentro de nós a capacidade de conhecê-IO. Enquanto em pecado, falta-nos tão-somente o poder. Mas, a partir do momento em que o Espírito nos revivifica, dando-nos uma vida regenerada, todo o nosso ser passa a gozar de afinidade com Deus, mostrando-se exultante e grato. Isso é este nascer do Espírito sem o qual não podemos ver o reino de Deus. Entretanto, isso não é o fim, mas apenas o começo, pois é a partir daí que o nosso coração inicia o glorioso caminho da busca, que consiste em penetrar nas infinitas riquezas de Deus. Posso dizer que começamos neste ponto, mas digo também que homem nenhum já chegou ao final dessa exploração, pois os mistérios da Trindade são tão grandes e insondáveis que não têm limite nem fim.

Encontrar-se com o Senhor, e mesmo assim continuar a buscá-IO, é o paradoxo da alma que ama a Deus. É um sentimento desconhecido daqueles que se satisfazem com pouco, mas comprovado na experiência de alguns filhos de Deus que têm o coração abrasado. Se examinarmos a vida de grandes homens e mulheres de Deus, do passado, logo sentiremos o calor com que buscavam ao Senhor. Choravam por Ele, oravam, lutavam e buscavam-nO dia e noite, a tempo e fora do tempo, e, ao encontrá-IO, a comunhão parecia mais doce, após a longa busca. Moisés usou o fato de que conhecia a Deus como argumento para conhecê-IO ainda melhor. “Agora, pois, se achei graça aos teus olhos, rogo-te que me faças saber neste momento o Teu caminho, para que eu Te conheça, e ache graça aos Teus olhos” (Ex 33:13). E, partindo daí, fez um pedido ainda mais ousado: “Rogo-te que me mostres a tua glória” (Ex 33:18). Deus ficou verdadeiramente alegre com essa demonstração de ardor e, no dia seguinte, chamou Moisés ao monte, e ali, em solene cortejo, fez toda a Sua glória passar diante dele.

A vida de Davi foi uma contínua ânsia espiritual. Em todos os seus salmos ecoa o clamor de uma alma anelante, seguido pelo brado de regozijo daquele que é atendido. Paulo confessou que a mola-mestra de sua vida era o seu intenso desejo de conhecer a Cristo mais e mais. “Para O conhecer” (Fp 3:10), era o objetivo de seu viver, e para alcançar isso, sacrificou todas as outras coisas. “Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus meu Senhor: por amor do qual perdi todas as cousas e as considero como refugio, para ganhar a Cristo” (Fp 3:8).

Muitos hinos evangélicos revelam este anelo da alma por Deus, embora a pessoa que canta, já saiba que o encontrou. Há apenas uma geração, nossos antepassados cantavam o hino que dizia: “Verei e seguirei o Seu caminho”; hoje não o ouvimos mais entre os cristãos. É uma tragédia que, nesta época de trevas, deixemos só para os pastores e líderes a busca de uma comunhão mais íntima com Deus. Agora, tudo se resume num ato inicial de “aceitar” a Cristo (a propósito, esta palavra não é encontrada na Bíblia), e daí por diante não se espera que o convertido almeje qualquer outra revelação de Deus para a sua alma. Estamos sendo confundidos por uma lógica espúria que argumenta que, se já encontramos o Senhor, não temos mais necessidade de buscá-IO. Esse conceito nos é apresentado como sendo o mais ortodoxo, e muitos não aceitariam a hipótese de que um crente instruído na Palavra pudesse crer de outra forma. Assim sendo, todas as palavras de testemunho da Igreja que significam adoração, busca e louvor, são friamente postas de lado. A doutrina que fala de uma experiência do coração, aceita pelo grande contingente dos santos que possuíam o bom perfume de Cristo, hoje é substituída por uma interpretação superficial

das Escrituras, que sem dúvida soaria como muito estranha para Agostinho, Rutherford ou Brainerd.

Em meio a toda essa frieza existem ainda alguns — alegro-me em reconhecer — que jamais se contentarão com essa lógica superficial. Talvez até reconheçam a força do argumento, mas depois saem em lágrimas à procura de algum lugar isolado, a fim de orarem: “Ó Deus, mostra-me a tua glória”. Querem provar, ver com os olhos do íntimo, quão maravilhoso Deus é.

É meu propósito instilar nos leitores um anseio mais profundo pela presença de Deus. É justamente a ausência desse anseio que nos tem conduzido a esse baixo nível espiritual que presenciamos em nossos dias. Uma vida cristã estagnada e infrutífera é resultado da ausência de uma sede maior de comunhão com Deus. A complacência é inimigo mortal do crescimento cristão. Se não existir um desejo profundo de comunhão, não haverá manifestação de Cristo para o Seu povo. Ele espera que o procuremos. Infelizmente, no caso de muitos crentes, é em vão que essa espera se prolonga.

Cada época tem suas próprias características. Neste exato instante encontramos-nos em um período de grande complexidade religiosa. A simplicidade existente em Cristo raramente se acha entre nós. Em lugar disso, vêem-se apenas programas, métodos, organizações e um mundo de atividades animadas, que ocupam tempo e atenção, mas que jamais podem satisfazer à fome da alma. A superficialidade de nossas experiências íntimas, a forma vazia de nossa adoração, e aquela servil imitação do mundo, que caracterizam nossos métodos promocionais, tudo testifica que nós, em nossos dias, conhecemos a Deus apenas imperfeitamente, e que raramente experimentamos a Sua paz.

Se desejamos encontrar a Deus em meio a todas as exteriorizações religiosas, primeiramente temos que resolver buscá-Lo, e daí por diante prosseguir no caminho da simplicidade. Agora, como sempre o fez, Deus revela-Se aos pequeninos e se oculta daqueles que são sábios e prudentes aos seus próprios olhos. É mister que simplifiquemos nossa maneira de nos aproximar dEle. Urge que fiquemos tão-somente com o que é essencial (e felizmente, bem poucas coisas são essenciais). Devemos deixar de lado todo esforço para impressioná-Lo e ir a Deus com a singeleza de coração da criança. Se agirmos dessa forma, Deus nos responderá sem demora.

Não importa o que a Igreja e as outras religiões digam. Na realidade, o que precisamos é de Deus mesmo. O hábito condenável de buscar “a Deus e” é que nos impede de encontrar ao Senhor na plenitude de Sua revelação. É no conectivo “e” que reside toda a nossa dificuldade. Se omitíssemos esse “e”, em breve acharíamos o Senhor e nEle encontraríamos aquilo por que intimamente sempre anelamos.

Não precisamos temer que, se visarmos tão-somente a comunhão com Deus, estejamos limitando nossa vida ou inibindo os impulsos naturais do coração. O oposto é que é verdade. Convém-nos perfeitamente fazer de Deus o nosso tudo, concentrando-nos nEle, e sacrificando tudo por causa dEle.

O autor do estranho e antigo clássico inglês, *The Cloud of Unknowing* (A nuvem do desconhecimento), dá-nos instruções de como conseguir isso. Diz ele: “Eleve seu coração a Deus num impulso de amor; busque a Ele, e não Suas bênçãos. Daí por diante, rejeite qualquer pensamento que não esteja relacionado com Deus. E assim não faça nada com sua própria capacidade, nem segundo a sua vontade, mas somente de acordo com Deus. Para Deus, esse é o mais agradável exercício espiritual”.

Em outro trecho, o mesmo autor recomenda que, em nossas orações, nos despojemos de todo o empecilho, até mesmo de nosso conhecimento teológico. “Pois lhe basta a intenção de dirigir-se a Deus, sem qualquer outro motivo além da pessoa dEle.” Não obstante, sob todos os seus pensamentos, aparece o alicerce firme da verdade neotestamentária, porquanto explica o autor que, ao referir-se a “ele”, tem em vista “Deus que o criou, resgatou, e que, em Sua graça, o chamou para aquilo que você agora é”. Este autor defende vigorosamente a simplicidade total: “Se desejamos ver a religião cristã resumida em uma única palavra, para assim compreendermos melhor o seu alcance, então tomemos uma palavra de uma sílaba ou duas. Quanto mais curta a palavra, melhor será,

pois uma palavra menor está mais de acordo com a simplicidade que caracteriza toda a operação do Espírito. Tal palavra deve ser ou Deus ou Amor”.

Quando o Senhor dividiu a terra de Canaã entre as tribos de Israel, a de Levi não recebeu partilha alguma. Deus disse-lhe simplesmente: “Eu sou a tua porção e a tua herança no meio dos filhos de Israel” (Nm 18:20), e com essas palavras tornou-a mais rica que todas as suas tribos irmãs, mais rica que todos os reis e rajás que já viveram neste mundo. E em tudo isto transparece um princípio espiritual, um princípio que continua em vigor para todo sacerdote do Deus Altíssimo.

O homem, cujo tesouro é o Senhor, tem todas as coisas concentradas nEle. Outros tesouros comuns talvez lhe sejam negados, mas mesmo que lhe seja permitido desfrutar deles, o usufruto de tais coisas será tão diluído que nunca é necessário à sua felicidade. E se lhe acontecer de vê-los desaparecer, um por um, provavelmente não experimentará sensação de perda, pois conta com a fonte, com a origem de todas as coisas, em Deus, em quem encontra toda satisfação, todo prazer e todo deleite. Não se importa com a perda, já que, em realidade nada perdeu, e possui tudo em uma pessoa — Deus — de maneira pura, legítima e eterna.

Ó Deus, tenho provado da Tua bondade, e se ela me satisfaz, também aumenta minha sede de experimentar ainda mais. Estou perfeitamente consciente de que necessito de mais graça. Envergonho-me de não possuir uma fome maior. Ó Deus, ó Deus trino, quero buscar-Te mais; quero buscar apenas a Ti; tenho sede de tornar-me mais sedento ainda. Mostra-me a Tua glória, rogo-Te, para que assim possa conhecer-Te verdadeiramente. Por Tua misericórdia, começa em meu íntimo uma nova operação de amor. Diz à minha alma: “Levanta-te, querida minha, formosa minha, e vem” (Ct 2:10). E dá-me graça para que me levante e te siga, saindo deste vale escuro onde estou vagueando há tanto tempo. Em nome de Jesus. Amém.

2. A Voz do Verbo

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus (Jo 1:1.)

Qualquer homem de inteligência média, ainda que não instruído das verdades do cristianismo, chegando a ler esse texto, certamente concluirá que João tencionava ensinar que falar faz parte da natureza de Deus, ou seja, Ele deseja comunicar seus pensamentos aos outros seres inteligentes. E teria plena razão. A palavra (verbo) é o meio através do qual os pensamentos são expressos — pelo que também a aplicação do termo “Verbo” ao Filho eterno de Deus leva-nos a crer que a auto-expressão faz parte inerente da divindade, e que Deus está sempre procurando falar de Si mesmo às Suas criaturas. E a Bíblia inteira apóia essa idéia. Deus continua falando. Não somente falou, mas *continua falando*. Por força de Sua própria natureza, Ele se comunica continuamente. Enche o mundo com Sua voz.

Uma das grandes realidades que temos de levar em conta, e com a qual nos vemos a braços, é a voz de Deus neste mundo. A hipótese mais simples sobre a formação do universo, e a mais certa, é essa: “Ele falou, e tudo se fez.” A *razão de ser* da lei natural não é outra senão a voz de Deus, imanente em Sua criação. E essa palavra de Deus, que trouxe à existência todos os mundos criados, não pode ter sido a Bíblia, porquanto esta não fora escrita nem impressa ainda, mas é a expressão da vontade de Deus, manifesta na estrutura de todas as coisas. Essa palavra que vem de Deus é o sopro divino que enche o mundo de potencialidade vital. A voz de Deus é a mais poderosa força que há na natureza, e, na realidade, a única força que atua na natureza, onde reside toda a energia pelo simples fato de que a palavra de poder foi proferida.

A Bíblia é a Palavra escrita de Deus; e, por haver sido escrita, está confinada e limitada

pelas necessidades da tinta, do papel e do couro. A voz de Deus, entretanto, é viva e livre como o próprio Deus. "As palavras que eu vos tenho dito, são espírito e são vida." (Jo 6:36.) A vida está encerrada nas palavras proferidas por Deus. A Palavra de Deus, na Bíblia, só tem poder porque corresponde perfeitamente à palavra de Deus no universo. É a voz presente no mundo que dá à Palavra escrita todo o seu poder. De outro modo, estaria para sempre adormecida, aprisionada entre as páginas de um livro.

Temos uma visão muito pequena e primitiva das coisas, quando pensamos em Deus, no ato da criação, a entrar em contato físico com essas coisas, a modelar, adaptar, e fabricar, como se fosse um carpinteiro. A Bíblia ensina uma coisa totalmente diversa: "Os céus por sua palavra se fizeram, e pelo sopro de sua boca o exército deles. . . Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir" (Sl 33:6, 3). "Pela fé entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das cousas que não aparecem." (Hb 11:3.) Uma vez mais, convém que nos lembremos de que Deus se refere aqui, não à Sua Palavra escrita, à Bíblia, mas antes, à voz da Sua palavra. Isto se refere à voz que enche antes o mundo, aquela voz que antecede a Bíblia em séculos e séculos; aquela voz que não silenciou mais desde o início da criação, mas que continua a soar, e alcança todos os recantos desse imenso universo.

A Palavra de Deus é viva e poderosa. No princípio Ele falou ao nada, e o nada se tornou em *alguma coisa*. O caos a ouviu e se fez ordem, as trevas a ouviram, e se transformaram em luz. "E disse Deus. . . e assim se fez." Essas sentenças gêmeas, como se fossem causa e efeito, ocorrem em todo o relato da criação, no livro de Gênesis. O *disse* explica o *assim* se fez. O *assim* se fez é o *disse*, poso em forma de presente contínuo.

Deus está aqui, e está sempre falando. Essas verdades são o pano de fundo de todas as demais verdades bíblicas; sem elas estas últimas não poderiam ser revelações de forma alguma. Deus não escreveu um livro para enviá-lo através de mensageiros e ser lido à distância, por mentes desassistidas. Ele "falou" um livro e vive em Suas palavras proferidas, constantemente afirmando as Suas palavras e outorgando-lhes o poder que elas têm, pelo que também persistem através de todos os séculos. Deus soprou sobre o barro, e este se transformou em homem; Ele sopra sobre os homens, e estes se tornam barro. "Porque tu és pó e ao pó tornarás" (Gn 3:19) foi a palavra proferida quando da queda, mediante a qual decretou a morte física de todo homem, e não foi necessário dizer mais nenhuma palavra. O triste curso da humanidade, em toda a face da terra, desde o nascimento até à sepultura, é prova de que Sua palavra original foi o bastante.

Ainda não demos atenção suficiente àquela profunda declaração que lemos no Evangelho de João: "A verdadeira luz que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem" (Jo 1:9). Pode-se mudar à vontade a pontuação, que a verdade inteira continua ali encerrada: a Palavra de Deus afeta o coração de todos os homens, porque é luz para a alma. A luz brilha no coração de todos os homens e a palavra ali ressoa, e não há como escapar dela. Isso seria uma decorrência lógica do fato de Deus estar vivo e atuante neste mundo. E João afirma que isto realmente acontece. Até mesmo aqueles que nunca ouviram da Bíblia, já ouviram a pregação da verdade com clareza suficiente para que não tenham mais desculpas. "Estes mostram a norma da lei, gravada nos seus corações, testemunhando-lhes também a consciência, e os seus pensamentos mutuamente acusando-se ou defendendo-se." (Rm 2:15.) "Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das cousas que foram criadas. Tais homens são por isso indesculpáveis." (Rm 1:20.)

Essa voz universal de Deus era chamada de sabedoria, pelos antigos hebreus, e dizia-se que estava em toda a parte investigando e perscrutando toda a face da terra, buscando alguma reação favorável da parte dos filhos dos homens. O oitavo capítulo do livro de Provérbios começa com as palavras: "Não clama porventura a sabedoria, e o entendimento não faz ouvir a sua voz?" O escritor sagrado, em seguida, pinta a sabedoria como uma bela mulher, postada "no cume das alturas, junto ao caminho, nas encruzilhadas das veredas". E faz ouvir a sua voz em todos os lugares, de tal maneira que ninguém pode deixar de ouvi-

la. "A vós outros, ó homens, clamo; e a minha voz se dirige aos filhos dos homens." Então conclama os simples e os néscios para que lhe dêem ouvidos. O que a sabedoria de Deus requer é a reação espiritual favorável da parte dos homens, uma resposta que ela sempre tem buscado, mas que raramente tem conseguido. A tragédia é que nosso bem-estar eterno depende de ouvirmos, mas nós temos feito ouvidos moucos.

Essa voz universal sempre soou, e perturbou os homens, mesmo quando não eram capazes de compreender a origem de seus temores. Quem sabe se essa voz, derramando-se gota a gota no coração dos homens, não é a causa oculta da consciência perturbada e do anseio pela imortalidade, confessados por milhões de pessoas, desde o início da História? Não há o que temer. Essa voz é um fato. E qualquer um pode observar como a humanidade tem reagido em face dela.

Quando do céu Deus falou ao Senhor Jesus, muitos homens que ouviram a voz explicaram-na como sendo fenômenos naturais. Diziam ter ouvido um trovão. Esse hábito de apelar às leis naturais para explicar a voz de Deus é a própria raiz da ciência moderna. Nesse universo que vive e respira, há algo misterioso, por demais maravilhoso, por demais tremendo para que qualquer mente o compreenda. O crente não exige explicações, mas dobra os joelhos e adora, sussurrando: "Deus meu". O homem mundano também se inclina, mas não para adorar. Inclina-se para examinar, para pesquisar, para descobrir a causa e o funcionamento das coisas. O que ocorre é que estamos vivendo na era secular. Estamos acostumados a pensar como cientistas e não como adoradores. Sentimo-nos mais inclinados a pensar do que a adorar. "Foi apenas um trovão!" exclamamos nós, e continuamos levando uma vida mundana. Contudo, a voz divina continua ecoando, chamando. A ordem e a vida do mundo dependem totalmente dessa voz, mas os homens estão por demais atarefados ou são teimosos demais para dar-lhe qualquer atenção.

Cada um de nós já experimentou sensações impossíveis de serem explicadas: um súbito senso de solidão, ou um sentimento de admiração e espanto em face da vastidão universal. Ou, como que recebendo um raio de luz de um outro sol, tivemos uma revelação momentânea de que pertencemos a um outro mundo, e que nossa origem se explica em Deus. O que então sentimos, ouvimos ou vimos, talvez tenha sido contrário a tudo quanto nos tem sido ensinado nas escolas, ou esteja em total conflito com nossas crenças e conceitos. Naquele momento, em que as nuvens se dissiparam e tivemos aquela revelação pessoal, fomos forçados a afastar as dúvidas costumeiras. Por mais que queiramos explicar essas coisas, penso que não estaremos sendo sinceros, enquanto não admitirmos pelo menos a possibilidade de que tais experiências venham da presença de Deus no mundo, bem como, de Seus persistentes esforços para comunicar-Se com a humanidade. Não ponhamos de lado essa hipótese, por julgá-la falsa.

Eu, particularmente, creio (e não me ressentirei se ninguém concordar comigo) que tudo quanto de bom e de belo o homem tem produzido neste planeta é resultado de sua resposta imperfeita e imaculada pelo pecado, à voz criadora que ecoa por toda a Terra. Como explicar os filósofos moralistas que tiveram elevados sonhos de virtude; os pensadores religiosos, com suas especulações acerca de Deus e da imortalidade; os poetas e os artistas, que da matéria criaram beleza pura e duradoura? Não basta dizer simplesmente: "Ele foi um gênio". Pois, que é um gênio? Não seria possível que um gênio fosse um homem que, "importunado" por essa voz, esforça-se e luta freneticamente para atingir um objetivo que ele apenas vagamente entende? O fato de que, na lida diária, os homens tenham perdido Deus de vista, que até mesmo tenham falado ou escrito contra Deus, não destrói a idéia que eu procuro demonstrar. A revelação redentora de Deus, nas Sagradas Escrituras, é necessária para a fé salvadora e para a paz com Deus. Para que esta inconsciente aspiração pela imortalidade leve o homem a uma comunhão satisfatória com Deus, é necessário que ele confie no Salvador ressurreto. Para mim, essa é uma explicação plausível para tudo que é excelente fora de Cristo.

A voz de Deus é amiga. Ninguém precisa temê-la, a menos que já tenha resolvido resistir a ela. O sangue de Jesus Cristo cobriu não apenas a raça humana mas também toda a criação. "E que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse

consigo mesmo todas as cousas, quer sobre a terra, quer nos céus." (Cl 1:20.) Nós podemos falar, com toda segurança, de um céu que nos é propício. Tanto os céus como a terra estão cheios da boa-vontade daquele que veio manifestar-se na sarça ardente. O sangue santo de Cristo, na expiação, garante isso para sempre.

Quem quiser aplicar os ouvidos, ouvirá a todos dos céus. Estamos numa época em que os homens decididamente não aceitam exortações de bom grado, porquanto *ouvir* não faz parte do conceito popular da religião. E nisto, estamos fazendo exatamente o contrário do que devemos. As igrejas, de um modo geral, aceitam a grande heresia de que fazer barulho, ser grande e ativa torna-as mais preciosas para Deus. Mas não devemos desanimar, pois é a um povo atingido pela tormenta do último e maior de todos os conflitos que Deus diz: "Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus." (Sl 46:10.) E ele ainda diz o mesmo hoje, como se quisesse informar-nos de que nossa força e segurança dependem não tanto de nossa agitação, mas de nosso silêncio e serenidade.

Precisamos estar quietos para esperar em Deus. Seria melhor se pudéssemos ficar a sós, com a Bíblia aberta à nossa frente. Se quisermos, podemos nos chegar a Deus e começar a ouvi-LO falar ao nosso próprio coração. Penso que para a média das pessoas a manifestação dessa voz será mais ou menos assim: primeiramente, ouve-se um ruído como de uma presença a andar pelo jardim. Em seguida ouve-se uma voz, mais inteligível, mas ainda não muito distinta. Depois disto, vem um instante feliz em que o Espírito Santo começa a iluminar as Sagradas Escrituras, e aquilo que até ali fora apenas um ruído, ou quando muito uma voz, agora se torna em palavra calorosa, íntima e clara como a palavra de um amigo muito caro. Depois é que vêm a vida e a luz, e, melhor de tudo, a capacidade de ver, de descansar em Jesus Cristo e de aceitá-lo como Salvador e Senhor.

A Bíblia jamais será um livro vivo para nós enquanto não ficarmos convencidos de que Deus está articulado com seu próprio universo. A transição de um mundo morto e impessoal para uma Bíblia dogmática é difícil para a maioria das pessoas. Talvez admitam que *devem* aceitar a Bíblia como a Palavra de Deus, e talvez até tentem pensar nela como tal; mas depois descobrirão ser impossível crer que as palavras, escritas nas páginas da Bíblia, se aplicam à sua vida. Um homem pode dizer com os lábios: "Estas palavras foram dirigidas a mim", e, contudo, em seu coração sentir que não sabe o que elas dizem. É, nesse caso, vítima de um raciocínio errado — pensa que Deus permanece mudo em tudo o mais, e se manifesta apenas em seu livro.

Acredito que grande parte de nossa incredulidade se deve a um conceito errôneo a respeito das Escrituras. Deus está silencioso e, subitamente, começa a falar em um livro. Terminado o livro, cai no silêncio outra vez, e para sempre. Por isso, muitos lêem a Bíblia como se fora o registro do que Deus disse quando estava com vontade de falar. Se pensarmos desta forma, como poderemos confiar plenamente? O fato, contudo, é que Deus não está calado, e nunca esteve. Falar faz parte da natureza de Deus. A segunda pessoa da Trindade é chamada de *Verbo* (Palavra). A Bíblia é o resultado inevitável da contínua manifestação de Deus. É a revelação infalível de Sua mente, a nós dirigida, expressa em termos humanos, para que possamos compreendê-la.

Penso que um novo mundo surgirá entre as nebulosidades religiosas, quando nos aproximarmos da Bíblia munidos da idéia de que se trata não somente de um livro que foi falado numa certa época, mas que ainda *continua falando*. Os profetas sempre afirmavam:

É esta a substância moral que se compõe o chamado mundo civilizado. Todo o ambiente está contaminado; nós o respiramos a cada momento e bebemos dele juntamente com o leite materno. A cultura e a educação refinam apenas superficialmente essas qualidades negativas, mas deixam-nas basicamente intactas. Todo um mundo literário foi criado para defender a tese de que esta é a única maneira normal de se viver. E isso se torna ainda mais estranho quando percebemos que são justamente esses os males que tanto amarguram a existência de todos nós. Todas as nossas preocupações e muitas de nossas mazelas físicas originam-se diretamente dos nossos pecados. O orgulho, a arrogância, o ressentimento, os maus pensamentos, a malícia, a cobiça — essas são as

fontes de todas as enfermidades que afligem a nossa carne.

Em um mundo como este, as palavras de Jesus soam de um modo maravilhoso e totalmente novo, como uma visitação do alto. Foi bom que Ele tivesse dito aquelas palavras, porque ninguém poderia tê-lo feito tão bem quanto Ele, e nós deveríamos dar ouvidos à Sua voz. Suas palavras são a essência da verdade. Ele não estava apenas exprimindo Sua opinião; Jesus jamais apresentou opiniões. Ele nunca fazia conjecturas; pelo contrário, Ele sabia e sabe todas as coisas. Suas palavras não foram, como as de Salomão, a súplica de uma profunda sabedoria ou o resultado de uma cuidadosa observação. Ele falava na plenitude da Sua divindade, e Suas palavras são a própria verdade. Ele era o único que poderia ter dito "bem-aventurados", com a mais completa autoridade, pois Ele é o bendito de Deus que veio a este mundo a fim de conferir bênçãos à humanidade. Suas palavras foram apoiadas por feitos mais poderosos do que os de qualquer outra pessoa da Terra. Obedecê-las é prova de grande sabedoria.

Como geralmente acontecia, Jesus empregou o vocábulo "mansos" numa frase curta e resumida, e só algum tempo depois foi que passou a explicá-lo. No mesmo Evangelho de Mateus, Ele nos fala novamente nessa palavra e aplica-a à nossa vida. "Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve." (Mt 11:28-30.) Aqui vemos dois conceitos opostos: fardo e descanso. Este fardo não pesava somente sobre aqueles que ali se achavam, mas sobre toda a raça humana. Não se trata de opressão política, nem de pobreza, nem de trabalho árduo. É um problema bem mais complexo do que isso. Os ricos e os pobres o sentem da mesma forma, porque é um estado do qual nem riquezas nem lazeres podem nos libertar.

O fardo que pesa sobre a humanidade é grande e esmagador. O termo empregado pelo Senhor Jesus indica que é um peso que levamos conosco, ou uma fadiga que chega à exaustão. O descanso é simplesmente o alívio que sentimos quando essa carga nos é tirada dos ombros. Não se trata de algo que fazemos, mas de algo que nos é proporcionado, quando deixamos de fazer outra coisa. A Sua própria mansidão — esse é o nosso descanso.

Façamos um exame desse fardo. Ele se localiza em nosso íntimo. Chega primeiramente ao coração e à mente, e atinge o nosso corpo de dentro para fora. Primeiramente há o fardo do *orgulho*. Nosso esforço para resguardar o amor-próprio é realmente exaustivo. Se procurarmos examinar nossa vida, verificaremos que muitas das nossas aflições têm origem no fato de alguém ter falado de modo depreciativo a nosso respeito. Enquanto o homem se considerar um pequeno deus, o qual deve tributar sua lealdade, haverá sempre aqueles que se deleitarão em afrontar seu ídolo. Como, então, esperamos ter paz interior? O veemente esforço que o coração envia para defender-se contra as injúrias, para proteger a sua honra sensível, contra toda opinião desfavorável da parte de amigos e adversários jamais permitirá que sua mente goze paz. Se persistirmos nessa luta, com o passar dos anos, o fardo se tornará simplesmente intolerável. No entanto, os homens continuam levando essa carga pela vida afora, desafiando cada palavra proferida contra eles, ressentindo-se contra toda crítica, magoando-se profundamente com a mais leve indiferença, revolvendo-se insones em seus leitos, se outros forem preferidos em lugar deles.

Todavia ninguém é obrigado a carregar um fardo pesado como esse. Jesus nos convida a descansar. Ele, e a mansidão é o método aplicado. O homem manso não se importa se alguém for maior do que ele, porque há muito compreendeu que as coisas que o mundo aprecia não são importantes para ele, e não vale a pena lutar por elas. Pelo contrário, desenvolve para consigo mesmo um interessante senso de humor e passa a dizer: "Ah, então você foi esquecido, hein? Passaram você para trás, não é? Disseram até que você é um traste sem importância? E agora você está ressentido porque os outros estão dizendo exatamente aquilo que você mesmo tem dito sobre si? Ainda ontem você disse a Deus que não representa nada, que é apenas um verme que vem do pó. Onde está a coerência? Vamos, humilhe-se, deixe de preocupar-se com o que os homens pensam."

O homem manso não é covarde nem vive atormentado por reconhecer sua própria inferioridade. Pelo contrário, seu espírito é valente como um leão e forte como um Sansão; porém, deixou de iludir a si próprio. Reconheceu que é correta a avaliação que Deus faz de sua própria vida. Compreende que é fraco e necessitado tal como Deus afirmou que ele é; mas, paradoxalmente, ao mesmo tempo sabe que, aos olhos de Deus, é mais importante que os próprios anjos. Nada representa em si mesmo, mas em Deus, tudo. Esse é o seu lema. Sabe perfeitamente bem que o mundo jamais o verá como Deus o vê, e por isso deixou há muito de importar-se com os conceitos dos homens. Sente-se plenamente satisfeito em deixar que Deus restabeleça os seus valores. Aguarda pacientemente o dia em que todas as coisas, serão julgadas, e o seu verdadeiro valor será reconhecido por todos. Só então é que os justos resplandecerão no reino de seu Pai. Ele está disposto a esperar esse dia.

Nesse ínterim, terá encontrado descanso para sua alma. Se andar em mansidão, ele ficará satisfeito em permitir que Deus o defenda. Já não precisa lutar para defender o seu "eu", porque encontrou a paz que a mansidão proporciona.

Outrossim, ficará livre *do fardo do fingimento*. Quando digo fingimento não me refiro à hipocrisia, mas o desejo muito comum no homem de mostrar ao mundo o seu lado melhor, ocultando sua verdadeira pobreza e miséria internas. Pois o pecado tem usado conosco de muitas artimanhas traiçoeiras, e uma delas foi incutir em nós um falso sentimento de vergonha. Dificilmente encontramos alguém que queira ser exatamente o que é, sem tentar forjar uma aparência exterior para o mundo. O temor de ser descoberto corrói o coração humano. O homem de cultura sente-se perseguido pelo receio de algum dia aparecer um homem mais culto do que ele. O erudito teme encontrar outro mais erudito do que ele. O rico vive preocupado, sempre com receio de que suas roupas, seu automóvel ou sua casa algum dia pareçam baratos em comparação com as posses de outro homem mais rico do que ele. Os motivos que impulsionam a chamada "alta sociedade" não são mais nobres do que esses, e as classes mais pobres, em seu próprio nível, também, não são muito melhores em suas atitudes.

Ninguém deve menosprezar essas verdades. Esse fardo é real, e, pouco a pouco, ele mata as vítimas dessa maneira de viver nociva e antinatural. Esta mentalidade adquirida através dos anos faz com que a mansidão autêntica nos pareça irreal como um sonho, e distante como as estrelas. É justamente às vítimas dessa enfermidade corrosiva que o Senhor Jesus diz: "Deveis tornar-vos como criancinhas." Isso porque as criancinhas não fazem comparações dessa natureza, mas alegram-se naturalmente com aquilo que possuem, sem se incomodar com o que as outras crianças possam ter. Somente quando se tornam maiores, e o pecado começa a afetar seus corações, é que aparecem o ciúme e a inveja. Daí por diante são incapazes de desfrutar do que possuem, se alguém tiver algo maior ou melhor. E desde essa tenra idade o fardo passa a pesar sobre suas almas, e nunca mais as deixa, até que o Senhor Jesus lhes dê a libertação.

Outro pecado que representa uma carga pesada para o homem é a *artificialidade*. Estou certo de que a maioria das pessoas vive com um receio íntimo de que algum dia acabarão se descuidando e, talvez, um amigo ou inimigo consiga ver o interior de suas almas vazias e pobres. Dessa forma, elas vivem numa constante tensão. As pessoas mais inteligentes vivem preocupadas e alertas, com medo de serem levadas a dizer algo que pareça vulgar ou estúpido. As viajadas receiam encontrar algum Marco Polo que lhe fale de algum lugar remoto, onde jamais estiveram.

Essa condição antinatural faz parte de nossa triste herança de pecado; em nossos dias, entretanto, o problema é agravado pelo nosso modo de viver. A propaganda baseia-se quase inteiramente nesse hábito de preocupar-se com a aparência externa. Oferecem-se "cursos" sobre este ou aquele campo do saber humano, os quais apelam claramente para o desejo que a vítima tem de se sobressair. Vendem-se livros, inventam-se vestes e cosméticos, brincando continuamente com esse desejo que o homem tem de parecer o que não é. A artificialidade é uma maldição que desaparece no momento em que nos ajoelhamos aos pés do Senhor Jesus e nos rendemos à Sua mansidão. Daí para a frente não

nos incomodaremos com o que as pessoas pensam a nosso respeito, contanto que Deus nos esteja aprovando. Então *o que somos* será tudo; e o que parecemos ser descerá na escala de valores das coisas que nos interessam. Afastado o pecado, nada temos de que nos possamos envergonhar. Somente o nosso desejo de prestígio é que nos faz querer parecer aos outros aquilo que não somos.

O mundo inteiro está a ponto de sucumbir sob esse fardo tremendo de orgulho e dissimulação. Ninguém pode ser liberto dessa carga a não ser através da mansidão de Cristo. Uma racionalização inteligente pode ajudar, mas muito pouco, pois esse hábito é tão forte, que, se o abafarmos aqui, ele surgirá mais adiante. Jesus diz a todos: "Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei." O descanso oferecido por ele é o descanso da mansidão, aquele alívio bendito que sentimos quando admitimos o que realmente somos, e deixamos de lado todo o fingimento. É preciso bastante coragem a princípio, mas a graça necessária nos será dada, pois veremos que estamos partilhando esse outro jugo com o Filho de Deus. Ele mesmo o chama de "meu jugo", e leva-o ombro a ombro conosco.

Senhor, torna meu coração como o de uma criança. Livra-me do impulso de competir com os outros, buscando posição mais elevada entre os homens. Desejo ser simples e ingênuo como uma criança. Livra-me das atitudes fingidas e da dissimulação. Perdoa-me por haver pensado tanto em mim. Ajuda-me a esquecer a mim mesmo e a encontrar minha verdadeira paz na Tua contemplação. A fim de que possas responder a esta oração, eu me humilho perante Ti. Coloca sobre mim Teu fardo suave do autodesprendimento, para que eu possa encontrar descanso. Amém.

3. Mansidão e Descanso

Para fornecer um quadro fiel da raça humana a alguém que a desconhecesse, bastaria que tomássemos as bem-aventuranças e invertêssemos o seu sentido.

Para fornecer um quadro fiel da raça humana a alguém que a desconhecesse, bastaria que tomássemos as bem-aventuranças e invertêssemos o seu sentido. Então poderíamos dizer: "Eis aqui a raça humana." Pois a verdade é que as características que distinguem a vida e a conduta dos homens são justamente o oposto das virtudes enumeradas nas bem-aventuranças.

Neste mundo dos homens não vemos nada que se aproxime pelo menos um pouco das virtudes que Jesus mencionou logo no início de Seu famoso Sermão do Monte. No lugar da humildade de espírito, encontramos o orgulho em seu mais alto grau; em lugar de pranteadores, encontramos somente os que buscam, os prazeres; em vez de mansidão, por toda a parte nos cerca a arrogância, ao contrário de fome e sede de justiça, só se ouve os homens exclamando: "Estou rico de bens, e de nada tenho necessidade"; em vez de misericórdia, contemplamos a crueldade; ao invés de pureza de coração, abundam os pensamentos corruptos; em vez de pacificadores, os homens são irascíveis e rancorosos; em lugar de regozijo em face das injúrias, vemos os homens revidando afronta com todas as armas ao seu alcance.

É esta a substância moral que se compõe o chamado mundo civilizado. Todo o ambiente está contaminado; nós o respiramos a cada momento e bebemos dele juntamente com o leite materno. A cultura e a educação refinam apenas superficialmente essas qualidades negativas, mas deixam-nas basicamente intactas. Todo um mundo literário foi criado para defender a tese de que esta é a única maneira normal de se viver. E isso se torna ainda mais estranho quando percebemos que são justamente esses os males que tanto amarguram a existência de todos nós. Todas as nossas preocupações e muitas de nossas mazelas físicas originam-se diretamente dos nossos pecados. O orgulho, a arrogância, o ressentimento, os maus pensamentos, a malícia, a cobiça essas são as fontes de todas as enfermidades que afligem a nossa carne.

Em um mundo como este, as palavras de Jesus soam de um modo maravilhoso e totalmente novo, como uma visitação do alto. Foi bom que Ele tivesse dito aquelas palavras, porque ninguém poderia tê-lo feito tão bem quanto Ele, e nós deveríamos dar ouvidos à Sua voz. Suas palavras são a essência da verdade. Ele não estava apenas exprimindo Sua opinião; Jesus jamais apresentou opiniões. Ele nunca fazia conjecturas; pelo contrário Ele sabia e sabe todas as coisas. Suas palavras não foram, como as de Salomão, a súpula de uma profunda sabedoria ou o resultado de uma cuidadosa observação. Ele falava na plenitude da Sua divindade, e Suas palavras são a própria verdade. Ele era o único que poderia ter dito "bem-aventurados", com a mais completa autoridade, pois Ele é o bendito de Deus que veio a este mundo a fim de conferir bênçãos à humanidade. Suas palavras foram apoiadas por feitos mais poderosos do que os de qualquer outra pessoa da Terra. Obedecê-las é prova de grande sabedoria. Como geralmente acontecia, Jesus empregou o vocábulo "mansos" numa frase curta e resumida, e só algum tempo depois foi que passou a explicá-lo. No mesmo Evangelho de Mateus, Ele nos fala novamente nessa palavra e aplica-a à nossa vida. "Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve." (Mt 11:28-30.) Aqui vemos dois conceitos opostos: fardo e descanso. Este fardo não pesava somente sobre aqueles que ali se achavam, mas sobre toda a raça humana. Não se trata de opressão política, nem de pobreza, nem de trabalho árduo. É um problema bem mais complexo do que isso. Os ricos e os pobres o sentem da mesma forma, porque é um estado do qual nem riquezas nem lazeres podem nos libertar.

O fardo que pesa sobre a humanidade é grande e esmagador. O termo empregado pelo Senhor Jesus indica que é um peso que levamos conosco, ou uma fadiga que chega à exaustão. O descanso é simplesmente o alívio que sentimos quando essa carga nos é tirada dos ombros. Não se trata de algo que fazemos, mas de algo que nos é proporcionado, quando deixamos de fazer outra coisa. A Sua própria mansidão esse é o nosso descanso. Façamos um exame desse fardo. Ele se localiza em nosso íntimo. Chega primeiramente ao coração e à mente, e atinge o nosso corpo de dentro para fora. (Primeiramente há o fardo do orgulho) Nosso esforço para resguardar o amor-próprio é realmente exaustivo. Se procurarmos examinar nossa vida, verificaremos que muitas das nossas aflições têm origem no fato de alguém ter falado de modo depreciativo a nosso respeito. Enquanto o homem se considerar um pequeno deus, o qual deve tributar sua lealdade, haverá sempre aqueles que se deleitarão em afrontar seu ídolo. Como, então, esperamos ter paz interior? O veemente esforço que o coração envia para defender-se contra as injúrias, para proteger a sua honra sensível, contra toda opinião desfavorável da parte de amigos e adversários jamais permitirá que sua mente goze paz. Se persistirmos nessa luta, com o passar dos anos, o fardo se tornará simplesmente intolerável. No entanto, os homens continuam levando essa carga pela vida afora, desafiando cada palavra proferida contra eles, ressentindo-se contra toda crítica, magoando-se profundamente com a mais leve indiferença, revolvendo-se insones em seus leitos, se outros forem preferidos em lugar deles.

Todavia ninguém é obrigado a carregar um fardo pesado como esse. Jesus nos convida a descansar nEle, e a mansidão é o método aplicado. O homem manso não se importa se alguém for maior do que ele, porque há muito compreendeu que as coisas que o mundo aprecia não são importantes para ele, e não vale a pena lutar por elas. Pelo contrário, desenvolve para consigo mesmo um interessante senso de humor e passa a dizer: "Ah, então você foi esquecido, hein? Passaram você para trás, não é? Disseram até que você é um traste sem importância? E agora você está ressentido porque os outros estão dizendo exatamente aquilo que você mesmo tem dito sobre si? Ainda ontem você disse a Deus que não representa nada, que é apenas um verme que vem do pó. Onde está a coerência? Vamos, humilhe-se, deixe de preocupar-se com o que os homens pensam."

O homem manso não é covarde nem vive atormentado por reconhecer sua própria

inferioridade. Pelo contrário, seu espírito é valente como um leão e forte como um Sansão; porém, deixou de iludir a si próprio. Reconheceu que é correta a avaliação que Deus faz de sua própria vida. Compreende que é fraco e necessitado tal como Deus afirmou que ele é; mas, paradoxalmente, ao mesmo tempo sabe que, aos olhos de Deus, é mais importante que os próprios anjos. Nada representa em si mesmo, mas em Deus, tudo. Esse é o seu lema. Sabe perfeitamente bem que o mundo jamais o verá como Deus o vê, e por isso deixou há muito de importar-se com os conceitos dos homens. Sente-se plenamente satisfeito em deixar que Deus restabeleça os seus valores. Aguarda pacientemente o dia em que todas as coisas serão julgadas, e o seu verdadeiro valor será reconhecido por todos. Só então é que os justos resplandecerão no reino de seu Pai. Ele está disposto a esperar esse dia.

Nesse ínterim, terá encontrado descanso para sua alma. Se andar em mansidão, ele ficará satisfeito em permitir que Deus o defenda. Já não precisa lutar para defender o seu "eu", porque encontrou a paz que a mansidão proporciona.

Outrossim, ficará livre do fardo do fingimento. Quando digo fingimento não me refiro à hipocrisia, mas o desejo muito comum no homem de mostrar ao mundo o seu lado melhor, ocultando sua verdadeira pobreza e miséria internas. Pois o pecado tem usado conosco de muitas artimanhas traiçoeiras, e uma delas foi incutir em nós um falso sentimento de vergonha. Dificilmente encontramos alguém que queira ser exatamente o que é, sem tentar forjar uma aparência exterior para o mundo. O temor de ser descoberto corrói o coração humano. O homem de cultura sente-se perseguido pelo receio de algum dia aparecer um homem mais culto do que ele. O erudito teme encontrar outro mais erudito do que ele. O rico vive preocupado, sempre com receio de que suas roupas, seu automóvel ou sua casa algum dia pareçam baratos em comparação com as posses de outro homem mais rico do que ele. Os motivos que impulsionam a chamada "alta sociedade" não são mais nobres do que esses, e as classes mais pobres, em seu próprio nível, também, não são muito melhores em suas atitudes.

Ninguém deve menosprezar essas verdades. Esse fardo é real, e, pouco a pouco, ele mata as vítimas dessa maneira de viver nociva e antinatural. Esta mentalidade adquirida através dos anos faz com que a mansidão autêntica nos pareça irreal como um sonho, e distante como as estrelas. É justamente às vítimas dessa enfermidade corrosiva que o Senhor Jesus diz: "Deveis tornar-vos como criancinhas." Isso porque as criancinhas não fazem comparações dessa natureza, mas alegram-se naturalmente com aquilo que possuem, sem se incomodar com o que as outras crianças possam ter. Somente quando se tornam maiores, e o pecado começa a afetar seus corações, é que aparecem o ciúme e a inveja. Daí por diante são incapazes de desfrutar do que possuem, se alguém tiver algo maior ou melhor. E desde essa tenra idade o fardo passa a pesar sobre suas almas, e nunca mais as deixa, até que o Senhor Jesus lhes dê a libertação.

Outro pecado que representa uma carga pesada para o homem é a artificialidade. Estou certo de que a maioria das pessoas vive com um receio íntimo de que algum dia acabarão se descuidando e, talvez, um amigo ou inimigo consiga ver o interior de suas almas vazias e pobres. Dessa forma, elas vivem numa constante tensão. As pessoas mais inteligentes vivem preocupadas e alertas, com medo de serem levadas a dizer algo que pareça vulgar ou estúpido. As viajadas receiam encontrar algum Marco Polo que lhe fale de algum lugar remoto, onde jamais estiveram.

Essa condição antinatural faz parte de nossa triste herança de pecado; em nossos dias, entretanto, o problema é agravado pelo nosso modo de viver. A propaganda baseia-se quase inteiramente nesse hábito de preocupar-se com a aparência externa. Oferecem-se "cursos" sobre este ou aquele campo do saber humano, os quais apelam claramente para o desejo que a vítima tem de se sobressair. Vendem-se livros, inventam-se vestes e cosméticos, brincando continuamente com esse desejo que o homem tem de parecer o que não é. A artificialidade é uma maldição que desaparece no momento em que nos ajoelhamos aos pés do Senhor Jesus e nos rendemos à Sua mansidão. Daí para a frente não nos incomodaremos com o que as pessoas pensam a nosso respeito, contanto que Deus

nos esteja aprovando. Então o que somos será tudo; e o que parecemos ser descerá na escala de valores das coisas que nos interessam. Afastado o pecado, nada temos de que nos possamos envergonhar. Somente o nosso desejo de prestígio é que nos faz querer parecer aos outros aquilo que não somos.

O mundo inteiro está a ponto de sucumbir sob esse fardo tremendo de orgulho e dissimulação. Ninguém pode ser liberto dessa carga a não ser através da mansidão de Cristo. Uma racionalização inteligente pode ajudar, mas muito pouco, pois esse hábito é tão forte, que, se o abafarmos aqui, ele surgirá mais adiante. Jesus diz a todos: "Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, Q eu vos aliviarei. "O descanso oferecido por ele é o descanso da mansidão, aquele alívio bendito que sentimos quando admitimos o que realmente somos, e deixamos de lado todo o fingimento. É preciso bastante coragem a princípio, mas a graça necessária nos será dada, pois veremos que estamos partilhando esse outro jugo com o Filho de Deus. Ele mesmo o chama de "meu jugo", e leva-o ombro a ombro conosco.

Senhor, toma meu coração como o de uma criança. Livra-me do impulso de competir com os outros, buscando posição mais elevada entre os homens. Desejo ser simples e ingênuo como uma criança. Livra-me das atitudes fingidas e da dissimulação. Perdoa-me por haver pensado tanto em mim. Ajuda-me a esquecer a mim mesmo e a encontrar minha verdadeira paz na Tua contemplação. A fim de que possas responder a esta oração, eu me humilho perante Ti. Coloca sobre mim Teu fardo suave do autodesprendimento, para que eu possa encontrar descanso. Amém

Excertos Extraídos de *O Poder de Deus*

4. Nascido Depois da Meia-Noite

Entre cristãos afeitos a avivamentos tenho ouvido este ditado: "Os avivamentos nascem depois da meia-noite".

É um provérbio que, embora não inteiramente verdadeiro, se tomado ao pé da letra, aponta para algo bem verdadeiro.

Se entendemos que esse ditado significa que Deus não ouve a nossa oração por avivamento, se for feita durante o dia, evidentemente não é verdadeiro. Se entendemos que significa que a oração que fazemos quando estamos cansados e exaustos tem maior poder do que a que fazemos quando estamos descansados e com vigor renovado, outra vez não é verdadeiro. Certamente Deus teria de ser muito austero para exigir que transformemos a nossa oração em penitência, ou para gostar de ver-nos impondo-nos punição a nós mesmos pela intercessão. Traços destas noções ascéticas ainda se encontram entre alguns cristãos evangélicos, e, conquanto esses irmãos sejam recomendados por seu zelo, não devem ser desculpados por atribuir inconscientemente a Deus algum vestígio de sadismo indigno até dos seres humanos decaídos.

Contudo, há considerável verdade na idéia de que os avivamentos nascem depois da meia-noite, pois os avivamentos (ou quaisquer outros dons e graças espirituais) só vêm para os que os desejam com angustiosa intensidade. Pode-se dizer sem reserva que todo homem é tão santo e tão cheio de Espírito como o deseja. Ele não pode estar tão cheio como gostaria, mas com toda a certeza está tão cheio como deseja estar.

Nosso Senhor colocou isto fora de discussão quando disse: "Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos". Fome e sede são sensações físicas que, em seus estágios agudos, podem tornar-se verdadeira dor. A experiência de incontáveis pessoas que procuravam a Deus é que, quando os seus desejos se tornaram dolorosos, foram satisfeitos repentina e maravilhosamente. O problema não consiste em persuadir Deus a que nos encha do Espírito, mas em desejar a Deus o suficiente para permitir-Lhe

que o faça. O cristão comum é tão frio e se mostra tão contente com a sua pobre condição, que não há nele nenhum vácuo de desejo no qual o bendito Espírito possa derramar-se em satisfatória plenitude.

Ocasionalmente aparece no cenário religioso alguém cujos anelos espirituais insatisfeitos vão ganhando tanto volume e importância em sua vida, que expulsam todos os outros interesses. Tal pessoa se recusa a contentar-se com as orações seguras e convencionais dos enregelados irmãos que "dirigem em oração" semana após semana e ano após ano nas assembleias locais. Suas aspirações a levam longe e muitas vezes o tornam incômodo. Seus irmãos em Cristo, perplexos, sacodem a cabeça e olham uns para os outros com ar de entendidos, mas, como o cego que clamou por sua vista e foi repreendido pelos discípulos, "ele, porém, cada vez gritava mais".

E se não tiver ainda satisfeito as condições, ou se houver alguma coisa impedindo a resposta à sua oração, poderá prosseguir orando até as horas tardias da noite. Não a hora da noite, mas o estado do seu coração é que decide o tempo da sua visita. Para este irmão bem pode acontecer que o avivamento venha depois da meia-noite.

Todavia, é muito importante que nós compreendamos que as longas vigílias em oração, ou mesmo o forte clamor e as lágrimas, não são em si mesmos atos meritórios. Toda bênção flui da bondade de Deus como de uma fonte. Ainda aquelas recompensas das boas obras sobre as quais certos mestres falam tão servilmente, sempre em contraste agudo com os benefícios recebidos somente pela graça, no fundo são tão certamente de graça como o próprio perdão do pecado. O mais santo apóstolo não pode ter a pretensão de ser mais que um servo inútil. Os próprios anjos subsistem graças à pura bondade de Deus. Nenhuma criatura pode "ganhar" nada, no sentido comum da palavra (de trabalhar para ganhar ou de receber por merecimento ou de adquirir pagando). Todas as coisas pertencem à bondade soberana de Deus e por ela nos são dadas.

A senhora Juliana resumiu lindamente isso quando escreveu: "Honra mais a Deus, e O agrada muito mais, que oremos fielmente a Ele por Sua bondade e nos apeguemos a Ele por Sua graça, e com verdadeiro entendimento, permanecendo firmes por amor, do que se empregássemos todos os recursos que o coração possa imaginar. Pois se usássemos todos os recursos, seria muito pouco, e não honraria plenamente a Deus. Mas em Sua bondade, a ação é mais que completa, faltando exatamente nada... Pois a bondade de Deus é a oração mais elevada, e desce às partes mais fundas da nossa necessidade".

Apesar de toda a boa vontade de Deus para conosco, Ele não pode atender aos desejos do nosso coração enquanto os nossos desejos não forem reduzidos a um só. Quando tivermos dominado as nossas ambições; quando tivermos esmagado o leão e a víbora da carne, e calcado o dragão do amor próprio sob os nossos pés, e nos considerarmos verdadeiramente mortos para o pecado, então, e só então, Deus poderá elevar-nos à novidade de vida e encher-nos do Seu bendito Espírito Santo.

É fácil aprender a doutrina do avivamento pessoal e da vida vitoriosa; é coisa completamente diversa tomar a nossa cruz e afadigar-nos na escalada do sombrio e áspero morro da renúncia. Aqui muitos são chamados, poucos escolhidos. Para cada um que de fato passa para a Terra Prometida, muitos ficam por um tempo, olhando ansiosamente através do rio e depois retornam tristemente à segurança relativa das vastidões arenosas da vida antiga.

Não, não há mérito nas orações feitas a desoras, mas requer disposição mental séria e coração determinado deixar o comum pelo incomum no modo de orar. A maioria dos cristãos nunca o faz. E é mais que possível que as poucas almas que se empenham na busca da experiência incomum cheguem lá depois da meia-noite.

5. Erótico Versus Espiritual

O período em que vivemos bem pode passar à história como a Era Erótica. O amor sexual foi elevado à posição de culto. Eros tem mais cultuadores entre os homens

civilizados de hoje do que qualquer outro deus. Para milhões o erótico suplantou completamente o espiritual.

Não é difícil verificar como o mundo chegou a este estado. Entre os favores que contribuíram para isso estão o fonógrafo e o rádio, que podem difundir canções de amor de costa a costa sem problema de dias ou de ocasiões; o cinema e a televisão, que possibilitam a toda a população focalizar mulheres sensuais e jovens amorosos ferrados em apaixonado abraço (e isto nas salas de estar de lares "cristãos" e diante dos olhos de crianças inocentes!); jornada de trabalho mais curta e uma multiplicidade de artefatos mecânicos com o resultante aumento do lazer para toda gente. Acrescentem-se a isso tudo as dezenas de campanhas publicitárias astutamente idealizadas, que fazem do sexo a isca não muito secretamente escondida para atrair compradores de quase todos os produtos imagináveis; os corruptos colunistas que consagraram a vida à tarefa de publicar fofas e sorrateiras nulidades com rostos de anjos e com moral de gatas da rua; romancistas sem consciência, que conquistam fama duvidosa e se enriquecem graças ao trabalho inglório de dragar podridões literárias das imundas fossas das suas almas para dar entretenimento às massas. Estas coisas nos dizem algo sobre a maneira pela qual Eros conseguiu seu triunfo sobre o mundo civilizado.

Pois bem, se esse deus nos deixasse a nós, cristãos, em paz, eu por mim deixaria em paz o seu culto. Toda a sua esponjosa e fétida sujeira afundará um dia sob o seu próprio peso e será excelente combustível para as chamas do inferno, justa recompensa recebida, e que nos enche de compaixão por aqueles que são arrastados em sua ruinosa voragem. Lágrimas e silêncio talvez fossem melhores do que palavras, se as coisas fossem ligeiramente diversas do que são. Mas o culto de Eros está afetando gravemente a igreja. A religião pura de Cristo que flui como rio cristalino do coração de Deus está sendo poluída pelas águas impuras que escorrem de trás dos altares da abominação que aparecem sobre todo monte alto e sob toda árvore verde, de Nova Iorque a Los Angeles.

Sente-se a influência do espírito erótico em toda parte quase, nos arraiais evangélicos. Grande parte dos cânticos de certos tipos de reuniões têm em si maior porção de romance do que do Espírito Santo.. Tanto as palavras como a música se destinam a provocar o libidinoso. Cristo é cortejado com uma familiaridade que revela total ignorância de quem Ele é. Não é a reverente intimidade do santo em adoração, mas a impudente familiaridade do amante carnal.

A ficção religiosa também faz uso do sexo para dar interesse à leitura pública, a fina desculpa sendo que, se o romance e a religião forem entretecidos compondo uma história, a pessoa comum que não leria um livro puramente religioso lerá a história, e assim se defrontará com o Evangelho. Deixando de lado o fato de que, na maioria, os romancistas religiosos modernos são amadores de talento caseiro, sendo raros os capazes de escrever uma única linha de boa literatura, todo o conceito subjacente ao romance religioso é errôneo. Os impulsos libidinosos e os suaves e profundos movimentos do Espírito são diametralmente opostos uns aos outros. A noção de que Eros pode ser induzido a servir de assistente do Senhor da glória é ultrajante. A película "cristã" que procura atrair espectadores retratando cenas de amor carnal em sua propaganda é completamente infiel à religião de Cristo. Só quem for espiritualmente cego se deixará levar por isso.

A moda atual de usar beleza física e personalidades brilhantes na promoção religiosa é outra manifestação da influência do espírito romântico na igreja. O balanceio rítmico, o sorriso plástico, e a voz muito, mas muito alegre mesmo, denunciam a frivolidade religiosa mundana. O executante aprendeu a sua técnica da tela da TV, mas não a apreendeu suficientemente bem para ter sucesso no campo profissional. Daí, ele traz a sua produção inepta para o lugar santo e a mascateia, oferecendo-a aos cristãos doentes e inferiores que andam à procura de alguma coisa que os divirta enquanto ficarem dentro dos limites dos costumes sócio-religiosos vigentes.

Se meu linguajar parece severo, é bom lembrar que não o dirijo a nenhuma pessoa individualmente. Para com o mundo perdido dos homens, só tenho uma grande compaixão e o desejo de que todos venham a arrepender-se. Pelos cristãos cuja liderança vigorosa

mas equivocada tem procurado atrair a igreja moderna do altar de Jeová para os altares do erro, sinto genuíno amor e simpatia. Quero ser o último a ofendê-los e o primeiro a perdoá-los, lembrando-me dos meus pecados passados e da minha necessidade de misericórdia, bem como da minha fraqueza pessoal e da minha tendência natural para o pecado e o erro. A jumenta de Balaão foi usada por Deus para repreender um profeta. Daí parece que Deus não exige perfeição no instrumento que Ele emprega para advertir e exortar o Seu povo.

Quando as ovelhas de Deus estão em perigo, o pastor não deve contemplar as estrelas e meditar sobre temas "inspiradores". É obrigado a agarrar sua arma e a correr em defesa delas. Quando as circunstâncias o exigirem, o amor poderá usar a espada, embora por sua natureza deva, em vez disso, ligar o coração quebrantado e atender os feridos. É tempo de o profeta e o vidente se fazerem ouvir e sentir outra vez. Nas últimas três décadas a timidez disfarçada de humildade tem ficado encolhida no seu canto enquanto a qualidade do cristianismo evangélico vem piorando ano após ano. *Até quando. Senhor, até quando?*

6. Para Estarmos Certos, Temos de Pensar Certo

O que pensamos quando estamos com liberdade para pensar sobre o que queremos ser — é isso que somos ou logo seremos.

A Bíblia tem muita coisa para dizer acerca dos nossos pensamentos; o evangelismo atual não tem praticamente nada para dizer sobre eles. A razão por que a Bíblia fala tanto deles é que os nossos pensamentos são vitalmente importantes para nós; a razão por que o evangelismo fala tão pouco é que estamos reagindo exageradamente contra as seitas do "pensamento", como as do Novo Testamento, da Unidade, da Ciência Cristã, e outras semelhantes. Estas seitas fazem os nossos pensamentos ficarem muito perto de tudo, e nos opomos fazendo-os ficar muito perto de nada. Ambas as posições são erradas.

Os nossos pensamentos voluntários não só revelam o que somos; predizem o que seremos. A não ser aquela conduta que brota dos nossos instintos naturais básicos, todo o nosso comportamento é precedido pelos nossos pensamentos e deles se origina. A vontade pode vir a ser serva dos pensamentos, e, em elevado grau, mesmo as nossas emoções seguem o nosso pensar. "Quanto mais penso nisso, mais louco fico", é como o homem comum o coloca, e ao fazê-lo, não somente relata com precisão os seus processos mentais, mas também paga inconsciente tributo ao poder do pensamento. O pensamento instiga o sentimento, e o sentimento dispara a ação. Assim fomos feitos, e bem que podemos aceitá-lo.

Os Salmos e os Profetas contêm numerosas referências ao poder que o reto pensamento tem de inspirar sentimento religioso e de incitar a conduta certa. "Considero os meus caminhos, e volto os meus passos para os teus testemunhos". "Enquanto eu meditava ateou-se o fogo: então disse eu com a própria língua. . ." Vezes sem conta os escritores do Velho Testamento nos exortam a aquietar-nos e a pensar em coisas elevadas e santas como fator preliminar para a correção da vida ou uma boa ação ou um feito corajoso.

O Velho Testamento não está sozinho em seu respeito pelo poder do pensamento humano, poder outorgado por Deus. Cristo ensinou que os homens se corrompem por seus maus pensamentos, e chegou ao ponto de igualar o pensamento ao ato: "Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração já adulterou com ela". Paulo recitou uma lista de fulgentes virtudes, e ordenou: "Seja isso o que ocupe o vosso pensamento".

Estas citações são apenas quatro das centenas que poderiam fazer-se das Escrituras. Pensar em Deus e em coisas santas cria uma atmosfera moral favorável ao crescimento da fé, bem como do amor, da humildade e da reverência. Pelo pensamento não podemos regenerar os nossos corações, nem eliminar os nossos pecados, nem mudar as manchas do leopardo. Tampouco podemos com o pensamento acrescentar um côvado à nossa estatura,

ou tornar o mal bem, ou as trevas luz. Ensinar isso é representar falsamente uma verdade bíblica e usá-la para a nossa própria ruína. Mas, pelo pensamento inspirado pelo Espírito, podemos ajudar a fazer de nossas mentes santuários purificados em que Deus terá prazer em habitar.

Referi-me num parágrafo anterior aos "nossos pensamentos voluntários", e usei as palavras de propósito. Em nosso jornada através deste mundo mau e hostil, ser-nos-ão impostos muitos pensamentos de que não gostamos e pelos quais não temos simpatia moral. As necessidades da vida podem compelir-nos por dias e anos a abrigar pensamentos em nenhum sentido edificantes. O conhecimento comum do que fazem os nossos semelhantes produz pensamentos repugnantes à nossa alma cristã. Estes necessariamente nos afetam, mas pouco. Não somos responsáveis por eles, e eles passam por nossas mentes como um pássaro cruzando os ares, sem deixar rastro. Não têm efeito duradouro em nós porque não são propriamente nossos. São intrusos mal recebidos pelos quais não temos amor e dos quais nos livramos tão depressa quanto possível.

Quem quiser verificar sua verdadeira condição espiritual pode fazê-lo notando quais foram os seus pensamentos nas últimas horas ou dias. Em que pensou quando estava livre para pensar no que lhe agradasse? Para o quê se voltou o íntimo do seu coração quando estava livre para voltar-se para onde quisesse? Quando o pássaro do pensamento foi posto em liberdade, voou para longe como o corvo, para pousar sobre as carcaças flutuantes ou, como a pomba, circulou e voltou para a arca de Deus? É fácil realizar esse teste, e, se formos sinceros conosco mesmos, poderemos descobrir não só o que somos, mas também o que vamos ser. Logo seremos a suma dos nossos pensamentos voluntários.

Conquanto os nossos pensamentos instiguem os nossos sentimentos, e assim influenciem fortemente as nossas vontades, é contudo certo que a vontade pode e deve ser senhora dos nossos pensamentos. Toda pessoa normal pode determinar aquilo em que vai pensar. Naturalmente, a pessoa aflita ou tentada pode achar um tanto difícil controlar os seus pensamentos, e mesmo enquanto se concentra num objeto digno, pensamentos insensatos e fugidios podem fazer travessuras sobre a sua mente, como vivos relâmpagos numa noite de verão. Tendem estes a ser mais molestos do que perniciosos e, no final das contas, não fazem muita diferença, sejam isto ou aquilo.

O melhor meio de controlar os nossos pensamentos é oferecer a mente a Deus em completa submissão. O Espírito Santo a aceitará e assumirá o controle dela imediatamente. Depois será relativamente fácil pensar em coisas espirituais, especialmente se treinarmos o nosso pensamento mediante longos períodos de oração diária. Praticar longamente a arte da oração mental (isto é, falar com Deus interiormente, enquanto trabalhamos ou viajamos) ajudará a formar o hábito do pensamento santo.

7. A Fé se Arrisca a Falhar

Neste mundo os homens são julgados pela habilidade com que fazem as coisas.

São avaliados de acordo com a distância que cobriram na escalada do monte da realização. No sopé jaz o fracasso total; no topo o sucesso completo; e entre esses dois extremos a maioria dos homens civilizados sua e labuta, da juventude à velhice.

Alguns desistem e escorregam para o sopé, e se tornam ocupantes da Fileira do Raspa-Chão. Ali, perdida a ambição e rota a vontade, subsistem graças a empréstimos, até a natureza executar-lhes a hipoteca e a morte os levar.

No alto estão os poucos que, por uma combinação de talento, árduo trabalho e boa sorte, conseguem chegar ao pico, e ao luxo, fama e poder que ali se encontram.

Mas nisso tudo não há felicidade. O esforço para ter sucesso exerce muita pressão sobre os nervos. A excessiva preocupação com a luta pela conquista aperta a mente, endurece o coração e veda mil visões fulgurantes que poderiam ser desfrutadas se tão-somente houvesse vagar para notá-las.

O homem que chega ao pináculo raramente é feliz por muito tempo. Logo é devorado

por temores de que pode escorregar uma estaca abaixo e ser forçado a dar seu lugar a outro. Acham-se exemplos disto no modo febril como o astro da TV observa a classificação do seu valor, e como o político examina a sua correspondência.

Faça-se saber a um magistrado eleito que um levantamento de dados mostra que ele é dois por cento menos popular em agosto do que fora em março, e ele começa a suar como um homem a caminho da prisão. O jogador de bola vive por suas médias de rendimento no campo, o homem de negócio por seu gráfico ascendente, e o concertista pelo medidor dos seus aplausos. Não é incomum suceder que o lutador desafiante no ringue chore abertamente por não conseguir nocautear o campeão. Ser o segundo colocado o deixa completamente desconsolado; tem de ser o primeiro para ser feliz.

Esta mania pelo sucesso é a preservação de uma coisa boa. O desejo de cumprir o propósito para o qual fomos criados é, por certo dom de Deus, mas o pecado retorceu este impulso e fez dele uma cobiça egoísta pelo primeiro lugar e pelas honras das altas posições. O mundo inteiro dos homens é arrastado por esta cobiça como por um demônio, e não há escape.

Quando vamos a Cristo entramos num mundo diferente. O Novo Testamento nos apresenta uma filosofia espiritual infinitamente mais elevada do que a que motiva o mundo, e inteiramente contrária a ela. Conforme o ensino de Cristo, os humildes de espírito são bem-aventurados; os mansos herdam a terra; os primeiros são os últimos, e os últimos são os primeiros; o maior homem é aquele que serve melhor os outros; o que perde tudo é o único que por fim possuirá tudo; o homem do mundo coroado de êxito verá os tesouros que acumulou serem varridos pela tempestade do juízo; o mendigo justificado vai para o seio de Abraão, e o rico arde nas chamas do inferno.

Nosso Senhor morreu em aparente fracasso, desacreditado pelos líderes da religião estabelecida, rejeitado pela sociedade e abandonado pelos Seus amigos. O homem que O mandou para a cruz foi o estadista de sucesso cuja mão o ambicioso mercenário político beijara. Coube à ressurreição demonstrar quão gloriosamente Cristo havia triunfado e quão tragicamente o governador tinha fracassado.

Contudo, a impressão que se tem hoje é que a igreja não aprendeu nada. Continuamos vendo como os homens vêem e julgando à maneira do julgamento humano. Quanto trabalho religioso leito com

o ativismo do pastor tem por motivação o desejo carnal de fazer e bem! Quantas horas de oração são gastas pedindo-se a Deus que abençoe projetos arquitetados para a glorificação de pequeninos homens! Quanto dinheiro sagrado é despejado sobre homens que, a despeito dos seus lacrimosos apelos, só procuram realizar uma bela e carnal exibição.

O cristão verdadeiro deve fugir disso tudo, Especialmente os ministros do Evangelho devem sondar os seus corações e examinar lá no fundo os seus motivos íntimos. Ninguém merece sucesso enquanto não estiver disposto a fracassar. Ninguém é moralmente digno de sucesso nas atividades religiosas enquanto não quiser que a honra da vitória vá para outrem, se for esta a vontade de Deus.

Deus talvez permita que o Seu servo tenha êxito depois de o ter disciplinado, a tal ponto que ele não precise vencer para ser feliz. O homem a quem o sucesso exalta e o fracasso abate é carnal ainda. Na melhor das hipóteses, o fruto que der terá bicho.

Deus permitirá sucesso a Seu servo quando este aprender que o sucesso não o torna mais caro a Deus, nem mais valioso no esquema global das coisas. Não podemos comprovar o favor de Deus com grandes reuniões ou apresentando conversos ou com novos missionários enviados ou com a distribuição de Bíblias. Todas estas coisas podem ser realizadas sem o auxílio do Espírito Santo. Uma boa personalidade e um penetrante conhecimento da natureza humana é tudo que qualquer pessoa necessita para ser um sucesso nos círculos religiosos hoje.

A nossa grande honra está em sermos precisamente o que Jesus foi e é. Ser aceito pelos que O aceitam, rejeitado pelos que O rejeitam, amado pelos que O amam e odiado por todos os que O odeiam — que maior glória poderia advir a alguém?

Podemos dispor-nos a seguir a Cristo rumo ao fracasso. A fé se arrisca a falhar. A

ressurreição e o juízo demonstrarão perante os mundos todos, quem ganhou e quem perdeu. Podemos esperar.

8. O Valor de uma Imaginação Santificada

Como todas as outras faculdades que nos pertencem, a imaginação pode ser bênção ou maldição, dependendo inteiramente de como é utilizada e da medida em que é bem disciplinada.

Todos temos em algum grau capacidade para imaginar. Este dom nos habilita a ver sentido nos objetos materiais, a observar semelhanças entre coisas que à primeira vista parecem tão diferentes entre si. Permite-nos saber coisas que os sentidos jamais poderiam dizer-nos, pois com ela somos capazes de ver, através das impressões sensoriais, a realidade que está por trás das coisas.

Todo avanço feito pela humanidade em qualquer campo começou com uma idéia à qual nada correspondia na ocasião. A mente do inventor simplesmente pegava fragmentos de idéias conhecidas e com eles fazia alguma coisa que, não só era totalmente desconhecida, mas também inexistia completamente na época. Assim, "criamos" coisas e, ao fazê-lo, provamos que fomos feitos à imagem do Criador. O fato de que muitas vezes o homem decaído emprega os seus poderes criadores a serviço do mal, não invalida o nosso argumento. Qualquer talento pode ser usado para o mal como para o bem, mas, não obstante, todo talento provém de Deus.

Algumas pessoas que erroneamente confundem a palavra "imaginativo" com a palavra "imaginário", talvez neguem que a imaginação é de grande valor no serviço de Deus.

O Evangelho de Jesus Cristo não negocia com coisas imaginárias. O livro mais realista do mundo é a Bíblia. Deus é real, os homens são reais, e real é o pecado, bem como a morte e o inferno para onde o pecado leva inevitavelmente. A presença de Deus não é imaginária, e a oração não é a indulgência de uma deleitável fantasia. Os objetos que absorvem a atenção do homem que ora, conquanto imateriais, são contudo completamente reais; mais certamente reais, afinal se haverá de convir, do que qualquer objeto terreno.

O valor da imaginação purificada na esfera da religião está em seu poder de perceber nas coisas naturais sombras de coisas espirituais. Ela capacita o homem reverente a *"Ver o mundo num grão de areia e a eternidade numa hora"*.

A fraqueza do fariseu do passado era sua falta de imaginação, ou, o que dá na mesma, sua recusa em permitir-lhe entrar no campo da religião. Via o texto com a sua definição teológica guardada com cuidado, e não via nada além disso.

"Uma prímula à margem do rio era para ele uma prímula amarela, e nada mais."

Quando Cristo veio com a Sua esplendente penetração espiritual e com Sua fina sensibilidade moral, parecia ao fariseu um devoto de outra espécie de religião, o que Ele realmente era, se o mundo o tivesse tão-somente compreendido. Ele podia ver a alma do texto, enquanto que o fariseu só podia ver o corpo, e podia provar sempre que Cristo estava errado apelando para a letra da lei ou para uma interpretação consagrada pela tradição. O abismo que os separava era grande demais para permitir que coexistissem. Assim, o fariseu, que estava em condições de fazê-lo, entregou o jovem Vidente à morte. Tem sido sempre assim, e creio que assim será sempre, até que a terra se encha do conhecimento do Senhor como as águas cobrem o mar.

A imaginação, visto que é uma faculdade da mente natural, necessariamente tem de sofrer por suas limitações intrínsecas e por uma inerente inclinação para o mal. Embora a palavra, como se acha na Versão do Rei Tiago (King James Bible), normalmente não signifique imaginação, mas simplesmente raciocínio de homens cheios de pecado¹ não escrevo com o fim de desculpar a imaginação não santificada. Bem sei que dela como de

¹ Comparem-se, por exemplo, as seguintes versões de Romanos 1:21. quanto à palavra grega que ali ocorre: Almeida, Revista e Corrigida: discursos; Almeida, Revista e Atualizada: raciocínios. Nota do Tradutor

uma fonte poluída, jorraram correntes de idéias malignas que através dos anos têm levado os homens a um comportamento desordenado e destrutivo.

Contudo, uma imaginação purificada e dirigida pelo Espírito é coisa completamente diversa, e c o que tenho em mente aqui. Anseio por ver a imaginação liberta de sua prisão e recebendo o lugar que por direito lhe cabe entre os filhos da nova criação. O que estou tentando descrever aqui é o sagrado dom de ver, a capacidade de olhar além do véu e contemplar com maravilhado espanto as belezas e os mistérios das realidades santas e eternas.

A pesada mente presa à terra não dá crédito ao cristianismo. Permitindo-se]he dominar a igreja bastante tempo, ela o forçará a tomar uma destas duas direções: ou a do liberalismo, no qual achará alívio numa falsa liberdade; ou a do mundo, onde achará prazer desfrutável, mas fatal.

Mas pergunto se tudo isso não está incluído nas palavras do nosso Senhor, registradas no Evangelho Segundo João: "Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade, porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará cousas que hão de vir. Ele me glorificará porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar" (16:13, 14).

Possuir mente habilitada pelo Espírito é privilégio do cristão, sob a graça, e isto abrange tudo quanto venho tentando dizer aqui.

9. Proximidade E Semelhança

Um problema sério e às vezes angustiante para muitos cristãos é sentirem que Deus está longe deles ou que eles estão longe dEle, o que vem a dar no mesmo.

É difícil regozijar-nos no Senhor quando padecemos deste senso de distância. É como procurar ter um claro e quente verão sem sol. Certamente que o maior mal aqui não é intelectual, e não pode ser sanado com recursos intelectuais; todavia, a verdade tem de penetrar na mente antes de poder entrar no coração, e por isso vamos raciocinar juntos sobre isso. Nas questões espirituais só pensamos corretamente quando com ousadia pomos de lado o conceito de espaço. Deus é no espírito, e o espírito não habita no espaço. O espaço tem a ver com a matéria, mas o espírito independe dele. Pelo conceito de espaço explicamos a relação dos corpos materiais, uns com os outros.

Jamais devemos pensar em Deus como estando espacialmente perto ou distante, pois Ele não está aqui ou ali, mas leva o aqui e o ali em Seu coração. O espaço não é infinito, como alguns pensam; somente Deus é infinito, e em Sua infinidade Ele absorve todo o espaço. "Não encho eu os céus e a terra? diz o Senhor". Ele enche os céus e a terra, como o oceano enche o balde que afundou nele. e assim como o oceano circunda o balde. Deus o faz com o Universo que Ele enche. "Os céus dos céus não te podem conter". Deus não é contido. Ele contém.

Como criaturas terrenas, naturalmente nos inclinamos a pensar mediante analogias terrenas. "Quem vem da terra é terreno e fala da terra." Deus nos criou como almas viventes e nos deu corpos pelos quais podemos experimentar o mundo que nos cerca e comunicar-nos uns com os outros. Quando o homem caiu, mediante o pecado, começou a pensar que tem alma em vez de o ser. Faz muita diferença, se o homem crê que é um corpo que tem alma, ou uma alma que tem corpo.

A alma é interna e oculta, enquanto que o corpo está sempre presente para os sentidos; conseqüentemente, nós tendemos a ser cientes do corpo, e o conceito de perto e remoto, ligado às coisas materiais, parece-nos plenamente natural. Mas só é válido quando aplicado às criaturas morais. Quando tentamos aplicá-lo a Deus, não mais retém a sua validade.

Entretanto, quando falamos de estarem os homens "longe" de Deus, falamos verazmente. O Senhor disse de Israel: " O seu coração está longe de mim", e aí temos a definição de perto e longe em nossa relação com Deus. As palavras se referem, não à

distância física, mas à semelhança.

As Escrituras ensinam claramente que Deus está igualmente perto de todas as partes do Seu universo (Salmo 139:1-18); contudo, alguns seres experimentam a Sua proximidade e outros não, dependendo da sua semelhança moral com Ele. E a dessemelhança que produz o senso da remota distância entre as criaturas, e entre os homens e Deus.

Duas criaturas podem estar tão perto fisicamente uma da outra que podem tocar-se, mas, dada a desigualdade de natureza, estão separadas por milhões de quilômetros. Pode-se imaginar a presença de um anjo e de um gorila na mesma sala, mas a radical diferença entre as suas naturezas impossibilitaria a sua comunhão. Na realidade estariam "longe" um do outro.

Para a desigualdade moral entre o homem e Deus a Bíblia tem uma palavra, alienação, ou profunda separação, e o Espírito Santo apresenta um horrendo quadro dessa alienação e dos resultados que produz no caráter humano. A natureza humana decaída é precisamente oposta à natureza de Deus como revelada em Jesus Cristo. Uma vez que não há semelhança moral, não há comunhão, e daí o senso de distância física, o sentimento de que Deus está longe no espaço. Esta noção errônea desencoraja e impede muitos pecadores de crerem para a vida.

Paulo animou os atenienses lembrando-lhes que Deus não estava longe de nenhum deles, que era nEle que viviam, moviam-se e existiam. Todavia, os homens pensam que Ele está mais longe do que a mais distante estrela. A verdade é que Ele está mais perto de nós do que estamos nós mesmos.

Como pode, porem, o pecador ligar o tremendo abismo que o separa de Deus na experiência real? A resposta é que ele não pode fazê-lo, mas a glória da mensagem cristã é que Cristo o fez. Pelo sangue da Sua cruz, Ele fez a paz, para poder reconciliar consigo mesmo todas as coisas. "E a vós outros também que outrora éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas, agora, porém, vos reconciliou no corpo da sua carne, mediante a sua morte, para apresentar-vos perante ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis" (Colossenses 1:21,22).

O novo nascimento faz-nos partícipes da natureza divina. Aí começa a obra de desfazer a desigualdade entre nós e Deus. Daí ela progride pela santificante operação do Espírito Santo, até dar plena satisfação a Deus.

Essa é a teologia da matéria em foco, mas como já disse, mesmo a alma regenerada pode sofrer com o sentimento de que Deus está longe dela. Que deverá fazer, então?

Primeiro, pode ser que o problema não seja mais que uma temporária ruptura na comunhão consciente com Deus devida a uma dentre meia centena de causas. A cura é a fé. Confie em Deus em meio à escuridão até voltar a luz.

Segundo, caso o senso da distância persista, apesar das orações e aquilo que você crê que é fé, sonde a sua vida interior em busca de evidências de atitudes erradas, maus pensamentos ou defeitos de caráter. Essas coisas diferem de Deus e criam um abismo psicológico entre você e Ele, Expulse de si o mal, creia, e o senso de proximidade se restaurará. Deus nunca foi o primeiro a se afastar.

10. Por Que Somos Indiferentes Quanto ao Retorno de Cristo

Logo depois do término da primeira guerra mundial, ouvi um grande pregador do sul dizer que temia que o intenso interesse pela profecia generalizada naquela época resultaria na morte da bendita esperança quando os eventos provassem que os entusiásticos intérpretes estavam errados.

O homem era profeta, ou pelo menos um estudioso notavelmente perspicaz da natureza humana, pois aconteceu exatamente e que ele predisse. A esperança da vinda de Cristo está quase morta hoje em dia entre os cristãos bíblicos.

Não significa que tenham abandonado a doutrina do segundo advento. De modo nenhum. Tem havido, como todas as pessoas bem informadas sabem, um ajustamento entre alguns dos pontos doutrinários menores do nosso credo, mas a imensa maioria dos evangélicos firmes continua sustentando a crença em que Jesus Cristo algum dia voltará de fato à terra em pessoa. A vitória final de Cristo é aceita como uma das inabaláveis doutrinas da Escritura Sagrada.

É verdade que em alguns rincões as profecias da Bíblia são expostas ocasionalmente. Isto acontece especialmente entre os cristãos hebreus que, por razões muito compreensíveis, parecem sentir-se mais perto dos profetas do Velho Testamento do que os crentes gentios. O amor que votam a seu povo leva-os naturalmente a apegar-se a toda esperança de conversão e restauração última de Israel. Para muitos deles o retorno de Cristo representa rápida e feliz solução do "problema judeu". Os longos séculos de peregrinação terminarão quando Ele vier, e Deus nesse tempo restaurará "o reino a Israel". Não ousamos deixar que o nosso profundo amor por nossos irmãos cristãos hebreus nos cegue para as óbvias implicações políticas deste aspecto da esperança messiânica. Não os censuramos por isso. Apenas chamamos a atenção para o fato.

Todavia, o retorno de Cristo como bendita esperança está quase morto entre nós, como já disse. A verdade referente ao segundo advento onde é apresentada hoje, é na maior parte acadêmica ou política. O jubiloso elemento pessoal falta por completo. Onde estão aqueles que

"Tanto anseiam pelo sinal

ó Cristo, do Teu cumprimento;

pelo chamejar desvanecem,

dos Teus passos em Teu advento?"

A aspiração por ver a Cristo que queimava o peito daqueles primeiros cristãos parece ter-se queimado toda. Tudo que resta são cinzas. É precisamente o "anseio" e o "desvanecimento" pelo retorno de Cristo que distingue entre a esperança pessoal e a teológica. O mero conhecimento da doutrina correta é pobre substituto de Cristo, e a familiaridade com a escatologia do Novo Testamento nunca tomará o lugar do desejo inflamado de amor de fitar Sua face.

Se o ardoroso anelo desapareceu da esperança do advento hoje, deve haver razão para isto; acho que sei qual é, ou quais são, pois há um bom número delas. Uma é simplesmente que a teologia fundamentalista popular tem dado ênfase à utilidade da cruz, e não à beleza d'Aquele que nela morreu. A relação do salvo com Cristo é apresentada como contratual, em vez de pessoal. Tem-se acentuado tanto a "obra" de Cristo, que esta eclipsou a pessoa de Cristo. Permitiu-se que a substituição tomasse o lugar da identificação. O que Ele fez por mim parece mais importante do que o que Ele é para mim. Vê-se a redenção como uma transação de negócio direto que "aceitamos"; e à coisa toda fica faltando conteúdo emocional. Temos de amar muito a alguém, para ficarmos despertos esperando a sua vinda, e isso talvez explique a ausência de vigor na esperança do advento entre aqueles que ainda crêm nela.

Outra razão da ausência de real anseio pelo retorno de Cristo é que os cristãos se sentem tão bem neste mundo que têm pouco desejo de deixá-lo. Para os líderes que regulam o passo da religião e determinam o seu conteúdo e a sua qualidade, o cristianismo tornou-se afinal notavelmente lucrativo. As ruas de ouro não exercem atração muito grande sobre aqueles que acham fácil amontoar ouro e prata no serviço do Senhor cá na terra. Todos queremos reservar a esperança do céu como uma espécie de seguro contra o dia da morte, mas enquanto temos saúde e conforto, por que trocar um bem que conhecemos por uma coisa a respeito da qual pouco sabemos? Assim raciocina a mente carnal, e com tal sutileza que dificilmente ficamos cientes disso.

Outra coisa; nestes tempos a religião passou a ser uma brincadeira boa e festiva neste presente mundo, e, por que ter pressa quanto ao céu, seja como for? O cristianismo, contrariamente ao que alguns pensaram, é forma diversa e mais elevada de entretenimento. Cristo padeceu todo o sofrimento. Derramou todas as lágrimas e carregou

todas as cruces; temos apenas que desfrutar os benefícios das suas dores em forma de prazeres religiosos modelados segundo o mundo e levados adiante em nome de Jesus. É o que dizem pessoas que ao mesmo tempo afirmam que crêem na segunda vinda de Cristo.

A história revela que os tempos de sofrimento da igreja têm sido igualmente tempos de alçar os olhos. A tribulação sempre deu sobriedade ao povo de Deus e o encorajou a buscar e a esperar ansiosamente o retorno do seu Salvador. A nossa presente preocupação com este mundo pode ser um aviso de amargos dias por vir. Deus fará com que nos desapeguemos da terra de algum modo — do modo fácil, se possível; do difícil, se necessário. É a nessa vez.

Excertos Extraídos de *Deus Fala com o Homem que Mostra Interesse*

11. Deus Fala com o Homem Que Mostra Interesse

A Bíblia foi escrita em lágrimas e aos que choram revelará os seus melhores tesouros. Deus nada tem a dizer ao indivíduo frívolo.

Foi a Moisés, um homem atemorizado, que Deus falou no monte, e esse mesmo homem mais tarde salvou a nação quando se prostrou diante de Deus oferecendo-se para que seu nome fosse apagado do livro divino a favor de Israel. O longo período de jejum e oração de Daniel fez com que Gabriel descesse dos céus e lhe contasse o segredo dos séculos. Quando o amado João chorou muito por não haver ninguém digno de abrir o livro de sete selos, um dos anciãos confortou-o com as alegres novas de que o Leão da tribo de Judá tinha vencido.

Os salmistas com frequência escreviam chorando, os profetas mal conseguiam ocultar sua tristeza, e o apóstolo Paulo em sua epístola alegre aos filipenses, derramou lágrimas ao pensar nos muitos inimigos da cruz de Cristo cujo fim seria a destruição eterna. Os líderes cristãos que abalaram o mundo foram todos homens de dores, cujo testemunho à humanidade brotou de corações pesados. Não existe poder nas lágrimas em si, mas as lágrimas e o poder sempre estiveram juntos na Igreja dos Primogênitos.

A idéia de que os escritos dos profetas abatidos pela tristeza são muitas vezes estudados por pessoas simplesmente curiosas, que jamais derramaram uma única lágrima pelos males do mundo não é de modo algum animadora. Elas especulam sobre os acontecimentos futuros, esquecendo-se de que o único propósito da profecia bíblica é preparar-nos tanto moral como espiritualmente para o momento que virá.

A doutrina da volta de Cristo está sendo negligenciada, e pelo que posso constatar ela não exerce hoje qualquer poder sobre os cristãos comuns. Alguns fatores contribuem certamente para isto: mas o principal, em minha opinião, foi o infortúnio sofrido pela verdade profética entre as duas guerras mundiais, quando homens de olhos secos decidiram instruir-nos a respeito dos escritos dos profetas lacrimosos. Multidões e ofertas generosas foram o resultado até que os acontecimentos provaram o erro dos mestres em um grande número de pontos; a reação não se fez demorar e a profecia entrou em desfavor junto às massas. Este foi um truque engenhoso do diabo e funcionou muito bem. Devemos aprender que não é possível tratar das coisas santas negligentemente sem sofrer as consequências.

Outra esfera em que os homens sem lágrimas nos prejudicaram muito foi na oração pelos doentes. Sempre houve homens reverentes, compenetrados, que julgaram ser um dever sagrado orar pelos doentes para que pudessem ser curados segundo a vontade de Deus. Foi dito que as orações de Spurgeon levantaram mais doentes do que as ministrações de qualquer médico de Londres. Quando os promotores de olhos secos se apossaram da doutrina, ela foi transformada num negócio lucrativo. Homens de maneiras

suaves, persuasivas, usaram métodos de venda superiores a fim de fazer grandes fortunas com suas campanhas. Suas grandes propriedades e esplêndidos investimentos financeiros provam como tiveram êxito em separar os doentes e os sofrendores do seu dinheiro. E tudo isto em nome do Homem de Dores que não tinha onde repousar a cabeça.

Tudo que é feito sem envolver o coração é feito nas trevas, não importa quão bíblico pareça ser. Pela lei da justa compensação, o coração do que brinca com assuntos religiosos será destruído pelo brilho excessivo da verdade em que tocar. Os olhos sem lágrimas serão finalmente cegados pela luz que contemplam.

Nós que pertencemos às igrejas não-litúrgicas temos a tendência de considerar com certo desdém aquelas igrejas que seguem uma forma de serviço cuidadosamente prescrita, e certamente deve haver muito em tais serviços que tem pouco ou nenhum significado para o participante comum — isto não se deve ao fato de ser programado com detalhes, mas porque o participante comum é o que é. Observei, entretanto, que nosso serviço improvisado, planejado pelo líder vinte minutos antes, com frequência tende a seguir uma ordem deprimente, cansativa, quase tão padronizada quanto a Missa. O serviço litúrgico é pelo menos belo, enquanto o nosso quase sempre se destaca por ser feio. O deles foi cuidadosamente elaborado através dos séculos a fim de capturar o máximo de beleza possível e preservar um espírito de reverência entre os adoradores. O nosso é com frequência algo provisório, sem nada que o recomende. A sua proclamada liberdade não passa de simples relaxamento.

Em teoria, quando a reunião não é planejada, o Espírito Santo opera livremente e isso seria verdadeiro se todos os adoradores mostrassem reverência e fossem cheios do Espírito. Mas na maioria das vezes não há ordem nem Espírito, apenas uma oração de rotina que, exceto por pequenas variações, é sempre a mesma, semana após semana, e alguns hinos que já não eram muito bons desde o início e com o tempo perderam todo o seu significado pela repetição.

Na maioria de nossos cultos dificilmente existe um traço de pensamentos reverentes, nenhum reconhecimento da unidade do corpo, e pouco ou nenhum senso da Presença divina, nenhum momento de quietude, solenidade, admiração, temor santo. No geral, o que existe é um regente de cânticos distraído, que tenta fazer graça, e um encarregado que anuncia cada "número" como num programa radiofônico, esforçando-se para dar continuidade ao espetáculo.

Toda a família cristã está necessitando desesperadamente de uma restauração da penitência, da humildade e das lágrimas. Possa Deus enviá-las muito em breve.

12. A Posição Vital da Igreja

A expressão mais alta da vontade de Deus nesta era é a igreja que Ele comprou com seu próprio sangue. Para ter valor conforme os princípios bíblicos, toda atividade religiosa precisa fazer parte da igreja. Quero declarar incisivamente que Deus só aceita aqueles serviços que se concentram na igreja e têm nela sua origem. Escolas dominicais, sociedades para distribuição de folhetos, comitês de homens de negócios cristãos, e os muitos grupos independentes trabalhando em uma ou outra fase da religião precisam fazer uma auto-análise com reverência e coragem, pois não possuem qualquer significado espiritual verdadeiro fora da igreja ou em separado dela.

Segundo as Escrituras, a igreja é a habitação de Deus através do Espírito, e como tal o organismo mais importante debaixo do sol. Ela não é apenas mais uma instituição importante, juntamente com o lar, o Estado e a escola; mas a mais vital de todas as instituições — a única que pode alegar uma origem divina.

O cínico pode perguntar a que igreja nos referimos, e pode lembrar-nos de que a igreja cristã acha-se tão dividida que seria impossível dizer qual a verdadeira, mesmo que esta exista. Não ficamos porém demasiado constrangidos com o sorriso disfarçado do zombador. Por estarmos dentro da igreja, provavelmente conhecemos as suas falhas

melhor do que qualquer pessoa do lado de fora possa conhecê-las, e cremos nela mesmo assim, onde quer que se manifeste num mundo de trevas e incredulidade.

A igreja é encontrada sempre que o Espírito Santo reúna algumas pessoas que confiem em Cristo para a sua salvação, adorem a Deus em espírito e não tenham qualquer associação com o mundo e a carne. Os membros podem, devido às circunstâncias, estar espalhados sobre a superfície da terra e separados pela distância e pela necessidade, mas em cada verdadeiro membro da igreja abriga-se o instinto comunitário e a ânsia da ovelha pelo redil e o pastor. Basta dar a alguns cristãos verdadeiros uma brecha e eles se agrupam, organizando e planejando reuniões regulares de oração e culto. Nessas reuniões ouvem uma exposição das Escrituras, partem juntos o pão de uma ou outra forma segundo julgam melhor, e tentam na medida do possível transmitir ao mundo perdido o evangelho da salvação.

Grupos assim são células no Corpo de Cristo, e cada uma delas é uma verdadeira igreja, uma parte real da igreja maior. É nessas células e através delas que o Espírito opera na terra. Quem zomba da igreja local zomba do Corpo de Cristo. A igreja deve ser ainda levada em conta. "As portas do inferno não prevalecerão contra ela."

13. Organização: Necessária e Perigosa

A organização é, de forma básica, o arranjo de várias partes de um todo numa relação tal umas com as outras que um fim desejado possa ser atingido. Isto pode ser feito por consentimento ou compulsão, dependendo das circunstâncias.

Certo nível de organização é necessário em toda parte, através de todo o universo criado, e em toda sociedade humana. Sem ela não poderia haver ciência, governo, unidade familiar, arte, música, literatura, nenhuma atividade criativa.

A vida requer organização. Não existe vida em separado do meio através do qual ela se expressa. Ela não pode subsistir por si mesma, independente de um corpo organizado, sendo achada apenas onde existe algum corpo, alguma forma em que possa residir. E onde existe corpo e forma existe organização. O homem, por exemplo, é a soma de suas partes organizadas e coordenadas e nelas e através delas o mistério da vida encontra expressão. Quando, por um motivo qualquer, as partes se desorganizam, a vida se acaba e o homem morre.

A sociedade exige organização. Caso os homens devam viver juntos no mundo, eles precisam ter alguma forma de organização. Isto foi reconhecido em todas as épocas e lugares e é visto em todos os níveis da sociedade humana, desde a tribo selvagem até o império mundial. De maneira ideal, o objeto do governo é conseguir ordem com um mínimo de restrição, permitindo ao mesmo tempo um máximo de liberdade ao indivíduo.

O fato de certa restrição da liberdade individual ser boa e necessária, é algo admitido por todas as pessoas inteligentes; e que muita restrição produz resultados negativos é também algo admitido por todos. Surge o conflito quando tentamos definir "certa" e "muita". Quanto é "muita"? e quão pouco é "certa"? Se isto pudesse ser estabelecido a paz desceria sobre o Congresso e o Parlamento, os partidos políticos entrariam em acordo, e uma criança os levaria pela mão.

A diferença entre a escravidão e a liberdade é apenas questão de grau. Os próprios países totalitários gozam de alguma liberdade, e os cidadãos das nações livres precisam suportar certo grau de restrição. É o equilíbrio entre ambos os elementos que decide se um dado país é escravo ou livre. Nenhum cidadão bem informado acredita ser absolutamente livre. Ele sabe que sua liberdade precisa ser restringida de alguma forma para o benefício de todos. O mais que pode esperar é que a restrição seja mantida num mínimo. A este mínimo de limitação ele chama de "liberdade", e tão preciosa é ela que está disposto a arriscar sua vida a fim de mantê-la. O mundo ocidental travou duas grandes guerras num espaço de vinte e cinco anos a fim de preservar este equilíbrio de liberdade e escapar às restrições mais severas que o nazismo e o fascismo lhe teriam imposto.

Pela sua formação cristocêntrica e religiosa, este escritor naturalmente associa tudo à religião cristã. Desde há muitos anos eu me preocupo com a tendência de organizar demasiado a comunidade cristã, e já fui acusado por causa disso de não acreditar na organização. Mas a verdade é muito outra.

O homem que se opuser a toda organização na igreja ignora completamente os fatos da vida. A arte é a beleza organizada; a música é o som organizado; a filosofia, o pensamento organizado; a ciência, o conhecimento organizado; o governo não passa de sociedade organizada. E o que é a verdadeira igreja de Cristo senão o mistério organizado?

O pulsar do coração da igreja é vida — na frase feliz de Henry Scougal, "a vida de Deus na alma do homem". Esta vida, juntamente com a presença real de Cristo em seu interior, faz da igreja uma entidade divina, um mistério, um milagre. Entretanto, sem substância, forma e ordem esta vida divina não teria onde habitar, nem meios de expressar-se na comunidade.

Por este motivo, o Novo Testamento fala muito de organização. As epístolas pastorais de Paulo e suas cartas aos cristãos de Corinto revelam que o grande apóstolo era um organizador. Ele lembrou Tito que o deixara em Creta a fim de pôr ordem nas coisas necessárias e ordenar presbíteros em cada cidade. Isto só pode indicar que Tito foi comissionado pelo apóstolo a fim de impor uma espécie de ordem sobre os vários grupos de crentes que viviam naquela ilha, e a ordem só pode ser alcançada através da organização.

Os cristãos têm cometido erros em várias direções por não compreenderem o propósito da organização e os perigos resultantes caso ela não seja controlada. Alguns não querem qualquer tipo de organização e as conseqüências são confusão e desordem. Estes dois elementos negativos não ajudam a humanidade nem servem para glorificar a Deus. Outros substituem a vida da igreja pela organização e embora tendo o nome de vivos estão na verdade mortos. Outros, ainda, se apaixonam de tal forma pelas regras e regulamentos que os multiplicam além de todo bom senso, e logo a espontaneidade se apaga dentro da igreja e a vida desaparece.

É com este último erro que me preocupo mais. Muitos grupos da igreja pereceram por excesso de organização, da mesma forma que outros por falta dela. Os líderes sábios devem ficar vigilantes com relação a ambos os extremos. O homem pode morrer tanto de pressão alta como de baixa, e pouco importa qual das duas o tenha matado. Ele está igualmente morto de um modo ou de outro. A coisa importante na organização da igreja é descobrir o equilíbrio escriturístico entre os dois extremos e evitá-los a ambos.

É doloroso ver um grupo de cristãos felizes, nascidos com simplicidade e unidos pelos laços do amor celestial, perderem gradualmente seu caráter simples, começando a tentar controlar cada movimento do Espírito e morrendo lentamente de dentro para fora. Essa foi, porém, a direção que quase todas as denominações cristãs tomaram através da História, e apesar da advertência feita pelo Espírito Santo e as Escrituras, essa é a direção que quase todos os grupos religiosos estão tornando hoje.

Embora haja algum perigo de que nossos grupos evangélicos possam sofrer atualmente de falta de organização apropriada, o perigo real certamente se acha do lado oposto. As igrejas se precipitam em direção à complexidade, como os patos para a água. O que se acha por trás disso?

Em primeiro lugar, penso eu, as raízes estão fincadas no desejo carnal por parte de uma minoria bem dotada de impor-se à maioria menos talentosa e mantê-la onde não possa interferir em suas ousadas ambições. A frase muito citada (e às vezes mal interpretada) é tão verdadeira em religião quanto na política: "O poder se inclina a corromper as pessoas e o poder absoluto corrompe totalmente." A vontade de aparecer e um mal cuja cura não foi ainda descoberta.

Outro motivo para as nossas superorganizações é o medo. As igrejas e sociedades fundadas por homens santos com coragem, fé e imaginação santificadas, parecem incapazes de propagar-se no mesmo nível espiritual além de uma ou duas gerações. Os pais espirituais não tiveram capacidade para gerar outros com coragem e fé semelhantes à

sua. Os pais tinham Deus e pouco mais, mas seus descendentes perdem a sua visão e procuram métodos e constituições para conseguir o poder que seus corações lhes mostram faltar-lhes. Os regulamentos e os precedentes endurecem então, formando uma armadura protetora, onde podem refugiar-se dos problemas. É sempre mais fácil e seguro encolher o pescoço do que lutar no campo de batalha,

Em nossa vida decaída existe um forte poder de atração na complexidade, afastando-nos das coisas simples e reais. Parece haver uma espécie de triste inevitabilidade por trás de nosso impulso mórbido em direção ao suicídio espiritual. Apenas através da percepção profética, oração vigilante e trabalho árduo é que podemos inverter o curso e recuperar a glória perdida.

No velho cemitério próximo à histórica Rocha de Plymouth, onde repousam os Patriarcas Peregrinos, existe uma pedra onde foram gravadas estas solenes palavras (cito de memória): "Aquilo que nossos pais com tanto esforço conseguiram, não lancemos fora descuidadamente".

Os evangélicos de nossos dias devem ser suficientemente sábios e aplicar essa frase à nossa própria situação religiosa. Continuamos protestantes. Devemos protestar diante do ato despreocupado de lançar fora nossa liberdade religiosa. A espontaneidade dos primeiros cristãos está se perdendo para nós. Um a um, estamos perdendo aqueles direitos comprados para nós com o sangue da aliança eterna — o direito de sermos nós mesmos, o direito de obedecer ao Espírito Santo, o direito de ter pensamentos próprios, o direito de fazer o que quisermos com nossa vida, o direito de determinar o que fazer com nosso dinheiro, de acordo com Deus.

Lembre-se então, os perigos que enfrentamos no momento não vêm de fora, mas de dentro.

14. As Divisões nem Sempre São Más

Quando unir-se e quando dividir-se, eis a questão, e uma resposta abalizada exige a sabedoria de um Salomão.

Alguns resolvem o problema de maneira simples e prática: Toda união é boa e toda divisão é má. Muito fácil. Mas esta maneira simplista de tratar do assunto ignora as lições de história e se esquece das profundas leis espirituais que regem a vida do homem.

Se os homens bons desejassem a união e os maus a divisão, ou vice-versa, isso simplificaria as coisas para nós. Ou se pudesse ser mostrado que Deus sempre une e o diabo sempre divide, seria fácil encontrar nosso caminho neste mundo confuso. Mas as coisas não são assim.

Dividir o que deve ser dividido e unir o que deve ser unido faz parte da sabedoria. A união de elementos heterogêneos jamais é boa mesmo que possível, nem a divisão arbitrária de elementos semelhantes. Isto se aplica certamente tanto às coisas morais e religiosas, como às políticas e científicas.

Deus foi quem fez a primeira divisão, quando separou a luz das trevas no momento da criação. Esta divisão estabeleceu a regra para todo o comportamento divino na natureza e na graça. A luz e as trevas são incompatíveis. Tentar ter ambas no mesmo lugar ao mesmo tempo é tentar o impossível e o resultado será sempre nulo, nem uma nem outra, mas obscuridade e escuridão.

No mundo dos homens, atualmente são poucos os contornos que se destacam. A raça acha-se decaída. O pecado trouxe confusão. O trigo cresce junto com o joio, as ovelhas e os cabritos coexistem, as terras dos justos e injustos ficam lado a lado na paisagem, a missão tem o bordel como vizinho.

As coisas, porém, não serão sempre assim. Está chegando a hora em que as ovelhas serão separadas dos cabritos, o joio do trigo. Deus dividirá novamente a luz das trevas e todas as coisas se agruparão segundo a sua espécie, O joio irá para o fogo junto com o joio, e o trigo para o celeiro com o trigo. A névoa se levantará como acontece com a neblina e

todos os contornos surgirão nítidos. O inferno será sempre reconhecido como inferno e o céu irá revelar-se como o lar de todos os que possuem a natureza do Deus único.

Aguardamos com paciência essa hora. Enquanto isso, para cada um de nós e para a igreja onde quer que apareça na sociedade humana, a pergunta repetida deve ser: Com o que devemos unir-nos e do que separar-nos? A questão de coexistência não existe aqui. O trigo cresce no mesmo campo com o joio, mas deve haver polinização mútua entre eles? As ovelhas pastam junto aos cabritos, mas devem procurar cruzamento entre as espécies? Os injustos e os justos gozam da mesma chuva e do mesmo sol, mas devem esquecer suas profundas diferenças morais e casar-se?

A resposta popular a estas perguntas é *afirmativa*. Unir-se sempre e os homens serão irmãos apesar de tudo. A unidade é tão preciosa que preço algum é demasiado para alcançá-la e nada é suficientemente importante para manter-nos separados. A verdade é sufocada para celebrar a festa de casamento do céu e do inferno, e tudo isso a fim de apoiar um conceito de unidade que não se baseia na Palavra de Deus.

A igreja iluminada pelo Espírito não aceita isso. Num mundo caído como o nosso a unidade não é um tesouro que deva ser comprado ao preço da transigência. A lealdade a Deus, a fidelidade à verdade e à preservação de uma boa consciência são jóias mais preciosas do que o ouro de Ofir ou os diamantes extraídos da mina. Por causa dessas jóias homens sofreram a perda de propriedades, a prisão e até a morte; por elas, mesmo em épocas recentes, por trás das várias cortinas, os seguidores de Cristo pagaram até o último centavo o preço de sua devoção e morreram silenciosamente, desconhecidos e não aplaudidos pelo grande mundo, mas conhecidos de Deus e caros ao seu coração paterno. No dia em que forem declarados os segredos de todas as almas, eles irão apresentar-se para receber as obras feitas no corpo. Esses são certamente filósofos mais sábios do que os seguidores religiosos da unidade sem significado, que não possuem coragem suficiente para colocar-se contra as modas correntes e que clamam por irmandade só porque tal coisa acha-se no momento em foco.

"Divida e conquiste" é o refrão cínico dos líderes políticos maquiavélicos, mas Satanás sabe também como *unir* e conquistar. A fim de colocar uma nação de joelhos o ditador em potencial precisa primeiro uni-la. Através de apelos repetidos ao orgulho nacional ou à necessidade de vingar-se de alguma injustiça passada ou presente, o demagogo consegue unir a população à sua volta. Depois disso é fácil dominar os militares e submeter o legislativo. Segue-se então, na verdade, uma unidade quase perfeita, mas trata-se da unidade do curral ou do campo de concentração. Vimos isto acontecer várias vezes neste século, e o mundo irá vê-la uma vez mais quando as nações da terra se unirem sob o Anticristo.

Quando as ovelhas confusas começam a cair num despenhadeiro, a ovelha que quiser salvar-se individualmente precisa separar-se do rebanho. A unidade perfeita em tal momento só pode significar destruição total para todos. A ovelha sábia, para salvar sua própria pele, se afasta.

O poder se encontra na união de coisas homogêneas e na divisão das heterogêneas. Talvez aquilo que precisamos nos círculos religiosos de hoje não seja mais união, mas uma certa divisão sábia e corajosa. Todos desejam a paz, mas pode ser que o reavivamento use a espada.

15. A Responsabilidade da Liderança

A história de Israel e Judá aponta uma verdade ensinada claramente por *toda* História, isto é, que as massas são ou logo serão aquilo que seus líderes forem. Os reis estabelecem a moral para o povo.

O público jamais tem capacidade de agir em massa. Sem um líder ele fica acéfalo e um corpo sem cabeça não tem poder. Alguém precisa sempre liderar. Nem mesmo a multidão empenhada em saquear e destruir é tão desorganizada quanto parece. Em algum ponto.

por trás de toda violência, existe um líder cujas idéias ela está pondo em prática.

Israel rebelou-se algumas vezes contra os seus líderes, mas as rebeliões não foram espontâneas. O povo simplesmente voltou-se para um novo líder e seguiu-o. O ponto está em que eles sempre precisaram de um líder.

O povo em breve seguia a liderança do rei, qualquer que fosse o seu caráter. Eles seguiram Davi na adoração a Jeová, Salomão na construção do Templo, Jeroboão que fez o bezerro e Ezequias na restauração do culto no templo.

Não é um elogio feito às massas o fato de serem tão facilmente levadas, mas não estamos interessados em louvar ou acusar; nossa preocupação é com a verdade, e a verdade é que as pessoas religiosas seguem os líderes, quer eles sejam bons ou maus. Um homem bom pode transformar o caráter geral de todo um país, enquanto um clero corrupto e mundano pode levar o país à escravidão. O provérbio às avessas: "Tal sacerdote, tal povo", resume em quatro palavras uma verdade ensinada claramente nas Escrituras e demonstrada repetidamente na história da religião.

O cristianismo no mundo ocidental de nossos dias é aquilo que seus líderes foram no passado recente e está se tornando aquilo que seus líderes atuais são. A igreja local logo se assemelha ao seu pastor, e isto é verdade mesmo naqueles grupos que não crêem nos pastores. O verdadeiro pastor de tal grupo não é difícil de ser identificado, geralmente é aquele que apresenta o argumento mais forte contra qualquer igreja que tenha um pastor. O líder opinoso da igreja local que tem êxito em influenciar o rebanho mediante ensino bíblico ou palestras improvisadas nas reuniões públicas e realmente o pastor, não importa quão sinceramente negue isso,

As péssimas condições das igrejas modernas podem ser traçadas diretamente aos seus dirigentes. Quando, como às vezes acontece, os membros de uma igreja local se amotinam e despedem o pastor por pregar a verdade, mesmo assim estão seguindo um líder. Por trás dessa atitude é certo que se encontra um diácono ou presbítero carnal (e geralmente abastado) que usurpa o direito de decidir quem deve ser o pastor e o que ele deve dizer duas vezes cada domingo. Em tais casos o pastor fica incapacitado para guiar o rebanho. Ele simplesmente *trabalha* para o líder. Uma situação deveras penosa.

Certos fatores contribuem para uma liderança espiritual defeituosa, tais como:

1. *Medo*. O desejo de ser amado e admirado é forte até mesmo entre o clero. Portanto, em lugar de contrariar a opinião pública, o pastor sente-se tentado a manter-se inativo e apenas sorrir amável mente para as pessoas, "O temor do homem se transforma em armadilha", diz o Espírito Santo, e isso fica demonstrado no ministério mais do que em qualquer outro setor.

2. *As dificuldades financeiras*. O ministro protestante quase nunca é bem pago e a família do pastor geralmente é grande. Combine esses dois fatos e você tem uma situação ideal para criar problemas e tentações ao homem de Deus. A tendência da congregação de suspender as ofertas quando o pregador toca em seus pontos fracos é bem conhecida. O pastor vive no geral de ano para ano, quase não conseguindo saldar seus compromissos mensais. Proporcionar à igreja uma liderança moral vigorosa representa quase um convite aos problemas financeiros e o pastor então a retém. O mal é que a *liderança retida transforma-se de fato numa espécie de liderança ao inverso*. O homem que não leva suas ovelhas montanha acima, as faz descer sem que o saiba.

5. *Ambição*. Quando Cristo não é tudo em todos para o ministro, este é tentado a abrir caminho para si mesmo, e agradar a multidão é um meio já provado de subir nos círculos da igreja. Em vez de guiar os fiéis para onde devem ir, ele habilmente os leva aonde sabe que eles *querem* ir. Ele aparenta então ser um líder ousado, mas evita ofender quem quer que seja, assegurando assim um cargo privilegiado quando a igreja grande ou a posição mais elevada se oferecerem.

4. *Orgulho intelectual*. Os círculos religiosos infelizmente rendem culto à inteligência. Mas isto, em minha opinião, não passa de puro estilo "rebelde". Do mesmo modo que o "rebelde" apesar de seus fortes protestos de individualismo é um dos conformistas mais servis, o jovem intelectual no púlpito treme em seus sapatos brilhantes com medo de dizer

algo banal ou comum. Os fiéis esperam que ele os leve às verdes pastagens, mas em vez disso ele os guia em direção ao deserto.

5. *Ausência de verdadeira experiência espiritual.* Ninguém pode levar outros para além do ponto em que ele mesmo já chegou. Isto explica a falha na liderança de muitos ministros. Eles simplesmente não sabem para onde ir.

6. *Preparo insuficiente.* As igrejas estão cheias de amadores religiosos, culturalmente desclassificados para servirem no altar, e o povo sofre as consequências disso, As ovelhas são desviadas sem se aperceberem do que está acontecendo,

As recompensas da liderança santa são tão grandes e as responsabilidades do líder tão pesadas que ninguém pode deixar de levar a sério esse assunto.

16. A Oração de um Profeta Menor

Esta é a oração de um homem chamado como testemunha perante as nações. Foi isto que ele disse ao Senhor no dia de sua ordenação. Depois de os presbíteros e ministros terem colocado as mãos sobre ele, retirou-se para encontrar seu Salvador num lugar secreto e em silêncio, bem além do ponto em que seus bem intencionados irmãos poderiam tê-lo levado.

Foram estas as suas palavras: Ó Senhor, ouvi a tua voz e fiquei com medo. Tu me chamaste para uma tarefa terrível numa hora grave e perigosa. Está prestes a sacudir todas as nações e a terra, assim como o céu, para que permaneçam as coisas que não podem ser abaladas. Ó Senhor, meu Senhor, Tu te aviltaste honrando-me como teu servo. Homem algum recebe esta honra salvo aquele que é chamado por Deus como Arão. Tu me ordenaste teu mensageiro para os duros de coração e difíceis de entendimento. Eles te rejeitaram, a ti, o Mestre, e não posso esperar que me recebam a mim, o servo.

Deus meu, não perderei tempo deplorando minha fraqueza nem minha incapacidade para a obra. A responsabilidade não é minha, mas tua, pois disseste: "Eu te conheci — te ordenei — te santifiquei", e também afirmaste: "Irás a todos a quem te enviar e dirás tudo aquilo que eu ordenar". Quem sou eu para argumentar contigo ou duvidar de sua soberana escolha? A decisão não me cabe, ela é só tua. Assim seja, Senhor. A tua vontade seja feita e não a minha.

Bem sei, Deus dos profetas e dos apóstolos, que enquanto eu te der honra tu me honrarás. Ajuda-me, pois, a fazer este voto solene de honrar-te em toda a minha vida futura e meu trabalho, na felicidade ou na desgraça, na vida ou na morte, e manter esse voto enquanto viver.

Está na hora, ó Deus, de entrares em ação, pois o inimigo invadiu as tuas pastagens e as ovelhas foram destroçadas e espalhadas. Os falsos pastores andam por toda parte, negando o perigo e rindo dos riscos que o teu rebanho corre. As ovelhas estão sendo enganadas por esses mercenários e os seguem com lealdade tocante enquanto o lobo se aproxima para matar e destruir. Suplico-te, ó Deus, dá-me olhos penetrantes para perceber a presença do inimigo; dá-me entendimento para observar e coragem para contar fielmente o que vejo, Torna minha voz tão idêntica à tua que até mesmo as ovelhas doentes a reconheçam e te sigam.

Senhor Jesus, aproximo-me de ti para receber preparo espiritual. Impõe sobre mim a tua mão. Unge-me com o óleo do profeta do Novo Testamento. Proíbe que me transforme num escriba religioso e perca assim meu chamado profético. Salva-me da maldição que paira sobre o clero moderno, a maldição da transigência, da imitação, do profissionalismo. Salva-me do erro de julgar uma igreja pelo seu tamanho, sua popularidade ou pelas somas que oferece anualmente. Ajuda-me a lembrar que sou um profeta — não um promotor, nem um administrador religioso, mas um profeta. Não permita que jamais me torne escravo da multidão. Cura minha alma das ambições carnis e salva-me da atração da publicidade. Livra-me da escravidão às coisas. Não permita que desperdice meus dias com trivialidades. Põe teu terror sobre mim, ó Deus, e leva-me para o lugar de oração onde

possa lutar com os principados e potestades e com os senhores das trevas deste mundo. Livra-me de comer em excesso e dormir tarde. Ensina-me a autodisciplina para que possa ser um bom soldado de Cristo.

Aceito trabalho árduo e pequenas recompensas nesta vida. Não peço conforto. Procurarei não fazer uso das pequenas manipulações que facilitam a vida. Se outros procurarem o caminho mais suave, tentarei seguir o mais estreito sem julgá-los com demasiada severidade. Esperarei oposição e irei aceitá-la quando chegar. Ou, como algumas vezes acontece, se eu vier a receber presentes de agradecimento dados por pessoas bondosas, fica comigo então e livra-me do mal que geralmente se segue. Ensina-me a usar o que quer que receba de modo a não prejudicar minha alma nem diminuir meu poder espiritual. E se em tua providência permissiva, eu vier a receber honra através da tua igreja, não deixe que me esqueça nessa hora de que sou indigno da menor de tuas misericórdias, e que se alguém me conhecesse tão bem como eu me conheço, essas honras não seriam concedidas ou seriam feitas a outros mais dignos de recebê-las. E agora, Senhor do céu e da terra, consagro o restante de meus dias a ti; sejam eles muitos ou poucos, conforme a tua vontade. Faze-me ficar diante dos grandes ou ministrar aos pobres e humildes; essa escolha não é minha e não iria influenciá-la mesmo que pudesse. Sou teu servo para fazer a tua vontade, e essa vontade é mais doce para mim do que posição, riqueza ou fama, e eu a prefiro acima de todas as coisas na terra ou no céu.

Embora escolhido por ti e honrado por um chamamento sublime e santo, não permita que eu jamais esqueça que não passo de pó e cinzas, um homem com todas as falhas e paixões naturais que perseguem a raça humana. Oro a ti, portanto, meu Senhor e Redentor, salva-me de mim mesmo e de todos os males que possa fazer a mim mesmo enquanto tento ser uma bênção para outros. Enche-me com o teu poder pelo Espírito Santo, e na tua força irei e anunciarei a tua justiça. Espalharei a mensagem do amor que redime enquanto tiver forças.

Então, Senhor, quando estiver velho e cansado, não mais podendo continuar, prepara um lugar para mim lá no alto, e permite que eu possa ser contado com os teus santos na glória eterna. Amém. AMEM.

17. Precisa-se: Coragem com Moderação

O pecado fez um ótimo trabalho, arruinando-nos por completo, e o processo de restauração é longo e vagaroso.

As obras da graça na vida de cada um talvez nunca venham a ser claras e definidas, mas trata-se sem dúvida da obra de um Deus, a fim de levar de volta à semelhança divina o coração decaído. Isto pode ser visto perfeitamente na dificuldade que experimentamos em conseguir simetria espiritual em nossa vida. A incapacidade, até mesmo das almas mais piedosas, de manifestar as virtudes cristãs em igual proporção e sem qualquer mistura de atributos não-cristãos tem sido fonte de muita tristeza para grande número de crentes.

As virtudes da coragem e moderação, quando mantidas na proporção exata, tornam a vida bem equilibrada e útil no reino de Deus. Quando falta uma delas ou sua presença é reduzida, o resultado é desastroso, não existe equilíbrio e poderes são desperdiçados.

Quase tudo que se escreve com sinceridade, quando examinado de perto, percebe-se ser autobiográfico. Nós conhecemos melhor aquilo que experimentamos. Este artigo não é uma exceção. Devo admitir francamente que se trata de autobiografia, pois o leitor perspicaz descobrirá a verdade por mais que eu tente escondê-la.

Em resumo, poucas vezes fui chamado de covarde, mesmo pelos meus inimigos mais cordiais, mas minha falta de moderação já foi causa de sofrimento a meus amigos mais chegados. Um temperamento extremado é difícil de dominar e a tentação de fazer uso de métodos drásticos, imoderados, no serviço do Senhor, é quase irresistível. Essa tentação é ainda fortalecida pelo conhecimento de ser praticamente impossível encostar um pregador na parede e fazê-lo engolir as suas palavras. Existe uma espécie de imunidade

ministerial conferida ao homem de Deus que pode levar Boanerges a fazer uso de uma linguagem extravagante e irresponsável, a não ser que empregue medidas heróicas para colocar a sua natureza sob o controle do espírito do amor. Falhei algumas vezes nisto e sempre em meu detrimento.

O contraste entre os caminhos de Deus e os do homem é visto novamente aqui. Em separado da sabedoria que a experiência penosa pode fornecer, tendemos a alcançar nossos fins mediante o ataque direto, invadindo o campo inimigo e ganhando a luta com um ataque de surpresa. Foi essa a atitude de Sansão, e ela funcionou bem exceto por um pequeno descuido: destruiu o vencedor juntamente com os vencidos! Existe sabedoria no ataque pelo flanco, mas o espírito impetuoso geralmente a rejeita.

Foi dito a respeito de Cristo: "Não contenderá, nem gritará nem alguém ouvirá nas praças a sua voz. Não esmagará a cana que brada, nem apagará a torcida que fumeja, até que faça vencedor juízo" (Mt 12:20). Ele alcançou seus tremendos objetivos sem esforço físico excessivo e praticamente sem violência. Toda a sua vida foi marcada pela moderação: todavia, foi dentre todos os homens o mais corajoso, ousando enviar esta mensagem a Herodes que o ameaçava: "Ide dizer a essa raposa que hoje e amanhã expulso demônios e curo enfermos, e no terceiro dia terminarei". Existe nisso coragem consumada, mas não desafio, nenhum sinal de desprezo, nenhuma extravagância em atos ou palavras. Ele possuía coragem com moderação.

A falha em alcançar um equilíbrio entre essas virtudes já provocou muitos males na igreja no correr do tempo, e o prejuízo é tanto maior quando os líderes da mesma se envolvem neles. A falta de coragem é um defeito grave e pode ser um verdadeiro pecado quando leva à transigência na doutrina ou na prática. Ficar parado, a fim de manter a paz a todo custo, permitindo que o inimigo fuja com os vasos sagrados do templo jamais pode ser o comportamento do verdadeiro homem de Deus. A moderação levada ao extremo no que se refere às coisas santas não é certamente uma virtude; mas a belicosidade não vence as batalhas celestiais. A fúria do homem não exalta a glória de Deus. Existe um modo correto de fazer as coisas, e ele jamais inclui a violência. Os gregos possuíam um ditado famoso: "A moderação é o melhor caminho"; e o provérbio simples do agricultor americano: "devagar se vai longe", contém uma rica e profunda filosofia.

Deus tem usado e certamente continuará usando os homens apesar de sua falha em possuir tais virtudes em equilíbrio adequado. Elias era homem corajoso; ninguém poderia duvidar disso, mas também não se poderia afirmar ser ele homem paciente e moderado. Vencia a batalha de assalto, pela provocação e não desprezava o uso da sátira e da ofensa, quando pensava que isso poderia ajudar. Mas depois de confundir o inimigo ele passava para o extremo oposto e caía no mais profundo desespero. É isso que acontece com as naturezas extremadas, o homem de coragem sem moderação.

Eli, por outro lado, era homem prudente. Não sabia dizer "não" nem mesmo para os de sua própria família. Apreciava a paz sem fundamentos e a tragédia mais negra foi o preço pago pela sua covardia. Ambos, Elias e Eli, eram homens bons, mas não souberam encontrar o meio-termo ideal. Dos dois, o ardente Elias foi com certeza o maior. É penoso imaginar o que Eli teria feito na posição de Elias. E eu teria piedade até de Ofni e Finéias caso Elias fosse pai deles!

Isto nos leva logicamente a pensar em Paulo, o apóstolo. Ele parece ter tido uma coragem praticamente perfeita, juntamente com uma disposição paciente e uma tolerância realmente divinas. O que ele poderia ter sido em separado da graça é visto na breve descrição dada a seu respeito antes da conversão. Depois de ter ajudado a apedrejar Estêvão até a morte, saiu perseguindo os cristãos, "respirando ainda ameaças e morte". Mesmo depois de convertido fazia juízos sumários quando entrava em discussão sobre alguma coisa. Sua rejeição de Marcos, por este ter abandonado o trabalho em meio, foi um exemplo de como tratava os homens quando perdia a confiança neles. Mas o tempo, os sofrimentos e uma intimidade crescente com o paciente Salvador parecem ter curado esta falha no homem de Deus. Seus últimos dias foram cheios de amor, tolerância e caridade. E isso deve acontecer com todos nós.

É significativo o fato de a Bíblia não mencionar a cura de qualquer covarde. Nenhuma "alma tímida" jamais se transformou em homem corajoso, Pedro é algumas vezes citado como uma exceção, mas nada existe em seu registro que faça ver nele uma pessoa tímida antes ou depois do Pentecoste. Ele chegou a tocar a fronteira uma ou duas vezes, mas na maior parte do tempo mostrou-se homem tão corajoso que sempre estava em apuros por causa de sua ousadia.

Como a igreja precisa desesperadamente de homens de coragem neste momento é sabido demais para que haja necessidade de repeti-lo. O medo paira sobre a igreja como uma maldição antiga. Medo de viver, de perder o emprego ou a popularidade, medo uns dos outros: esses são os fantasmas que assombram os homens, os líderes da igreja moderna. Muitos deles, porém, ganham reputação de corajosos repetindo coisas prudentes, seguras e batidas com ousadia cômica.

A coragem consciente não é entretanto a cura. Cultivar o hábito de falar francamente, pode simplesmente resultar em nos tornarmos inconvenientes e causar muitos prejuízos. O ideal parece ser uma coragem tranqüila que não percebe sequer a sua própria presença. Ela extrai sua força a cada momento do Espírito interior e dificilmente se apercebe do "eu". Uma coragem assim será também paciente, bem equilibrada e livre de extremismos. Possa Deus batizar-nos com essa espécie de coragem.

18. Este Mundo: Parque de Diversões ou Campo de Batalha?

As coisas não são para nós apenas aquilo que são, mas aquilo que julgamos que sejam. O que vale dizer que nossa atitude em relação a elas em análise final, é mais importante do que as coisas em si.

Este é um conhecimento comum, como uma moeda velha, amaciada pelo uso. Todavia, traz sobre si a marca da verdade e não deve ser rejeitado por ser familiar.

Um desses fatos é o mundo em que vivemos. Ele está aqui e tem estado aqui através dos séculos. Esse é um fato estável, praticamente imutável como o passar do tempo, mas quão diferente é a visão do homem moderno daquela de nossos pais. Vemos claramente neste ponto como é enorme o poder da interpretação. O mundo para todos nós não é apenas aquilo que é, mas aquilo que cremos que seja. E o sofrimento ou a felicidade depende em grande parte de nossa interpretação.

Sem ser preciso ir muito além da época em que nosso país foi descoberto e começou a desenvolver-se, podemos observar o imenso contraste entre o comportamento moderno e o de nossos ancestrais. Nos primeiros tempos, quando o cristianismo exercia influência predominante sobre o nosso modo de pensar, os homens concebiam o mundo como um campo de batalha. Nossos pais acreditavam que o pecado, o diabo e o inferno compunham uma força única; enquanto Deus, a justiça e o céu eram a força contrária à deles. Os dois poderes estavam em luta constante na natureza humana, sendo a sua inimizade profunda, grave e irreconciliável. O homem, segundo nossos pais, tinha de escolher qual o lado em que queria ficar; não podendo manter-se neutro. Para ele era um caso de vida ou morte, céu ou inferno, e se decidisse colocar-se ao lado de Deus, podia esperar guerra declarada contra os inimigos do Senhor. A luta seria real e mortífera, durando enquanto houvesse vida aqui na terra. Os homens consideravam o céu como uma volta da guerra, uma deposição da espada, a fim de gozar da paz do lar preparado para eles.

Os sermões e hinos daqueles dias tinham quase sempre um tom marcial, ou talvez um traço de saudade do lar. O soldado cristão pensava no lar, no descanso, na reunião com os seus, e sua voz se alteava plangente, ao cantar a batalha ganha e a vitória conquistada. Mas quer estivesse enfrentando as armas inimigas ou sonhando sobre o fim da guerra e a acolhida do Pai, jamais se esquecia da espécie de mundo em que habitava. Era um campo de batalha e muitos ficavam feridos ou eram mortos.

Esse conceito é indiscutivelmente bíblico. Descontando os símbolos e metáforas

contidos nas Escrituras, trata-se mesmo assim de uma doutrina sólida: tremendas forças espirituais acham-se presentes no mundo e o homem, devido à sua natureza espiritual, se encontra preso entre elas. Os poderes malignos desejam destruí-lo, enquanto Cristo acha-se presente para salvá-lo mediante o poder do evangelho. A fim de obter livramento ele deve colocar-se ao lado de Deus em fé e obediência. Em resumo, nossos pais pensavam dessa forma e, segundo creio, é isso que a Bíblia ensina.

Como tudo mudou hoje: o fato permanece o mesmo, mas a interpretação modificou-se completamente. Os homens pensam no mundo não como um campo de batalha, mas como um parque de diversões. Não estamos aqui para lutar, mas para nos divertir. Esta não é para nós uma terra estranha, e sim o nosso lar. Não nos preparamos para viver, já estamos vivendo, e o melhor a fazer é livrar-nos de nossas inibições e frustrações e vivermos plenamente. Em minha opinião, resume-se nisso a filosofia religiosa do homem moderno, abertamente professada por milhares e tacitamente mantida por outros milhões que vivem segundo a mesma sem terem dado expressão verbal aos seus conceitos.

Esta mudança de atitude com relação ao mundo teve e continua tendo seus efeitos sobre os cristãos, até os cristãos evangélicos que professam fé na Bíblia. Através de uma curiosa manipulação dos números eles conseguem uma soma errada, mas alegam ter a resposta certa. Parece fantasia, mas não passa de verdade.

O fato de este mundo ser um parque de diversões e não um campo de batalha foi agora aceito na prática pela vasta maioria dos cristãos evangélicos. Eles poderiam tentar furtar-se a uma resposta se lhes pedissem diretamente que declarassem a sua posição, mas seu comportamento os acusa. Estão fazendo as duas coisas, alegrando-se em Cristo e no mundo e contando a todos que é possível aceitar Jesus sem abandonar as diversões e que o cristianismo é a coisa mais alegre que se possa imaginar.

A "adoração" derivada dessa perspectiva de vida é tão descentrada quanto o próprio conceito em si, uma espécie de vida noturna santificada, sem as bebidas e os bêbados vestidos a rigor.

A coisa mostra-se tão grave ultimamente que tornou-se agora dever de cada cristão reexaminar sua filosofia espiritual à luz da Bíblia e, uma vez descoberto o caminho das Escrituras, ele deve segui-lo, mesmo que tenha de separar-se de muita coisa antes aceita como real. mas que agora à luz da verdade sabe ser falsa.

Uma visão correta de Deus e do mundo futuro exige que nós também tenhamos uma perspectiva do mundo em que vivemos e nossa relação com ele. Tanta coisa depende disto que não podemos ser negligentes a este respeito.

19. A Autoridade Decrescente de Cristo nas Igrejas

Este é o fardo em meu coração e embora não reivindique para mim mesmo qualquer inspiração especial, sinto porém que este é também o fardo do Espírito.

Se conheço meu próprio coração é apenas o amor que me leva a escrever isto. O que deixo aqui por escrito não é o fermento ácido de alguém agitado por contendas com companheiros cristãos. Não houve conflitos. Não fui abusado, maltratado ou atacado por ninguém. Essas observações também não são fruto de experiências desagradáveis que tenha lido em minha associação com outros. Minha convivência com a igreja que frequento assim como cristãos de outras denominações sempre foram amigáveis, corteses e satisfatórias. Minha tristeza resulta simplesmente de uma condição que acredito achar-se quase universalmente presente nas igrejas.

Penso que devo também reconhecer que eu também me encontro bastante envolvido na situação que deploro aqui. Como Esdras em sua poderosa oração intercessória incluiu-se entre os malfeitores, faço o mesmo. "Meu Deus! Estou confuso e envergonhado, para levantar a ti a minha face, meu Deus: porque as nossas iniquidades se multiplicaram sobre a nossa cabeça, e a nossa culpa cresceu até os céus" (Ed 9:13).

Qualquer crítica feita aqui a outros deve voltar-se contra mim. Eu também sou

culpado. Isto está sendo escrito na esperança de que possamos todos voltar-nos para o Senhor nosso Deus e não pecar mais contra Ele.

Permita que declare a causa do meu fardo: *Jesus Cristo não tem hoje quase nenhuma autoridade entre os grupos que se chamam pelo seu nome*. Não estou me referindo aqui aos católico-romanos, nem aos liberais, nem sequer aos cultos quase-cristãos. Refiro-me às igrejas protestantes em geral e incluo aquelas que protestam mais alto que não se acham num declive espiritual, afastando-se de nosso Senhor e seus apóstolos, a saber, os "evangelicais".

Trata-se de uma doutrina básica do Novo Testamento que após a sua ressurreição o Homem Jesus foi declarado por Deus como sendo Senhor e Cristo, e que Ele foi investido pelo Pai com absoluta soberania sobre a igreja que é o seu Corpo. Ele possui toda a autoridade no céu e na terra. Na hora oportuna Ele irá exercê-la plenamente, mas durante este período na história Ele permite que esta autoridade seja desafiada ou ignorada. E justamente agora ela está sendo desafiada pelo mundo e ignorada pela igreja.

A posição atual de Cristo nas igrejas evangélicas pode ser com parada à de um rei numa monarquia limitada, constitucional. O rei (algumas vezes despersonalizado pelo termo "a Coroa") não passa em tal país de um símbolo agradável de unidade e lealdade, tal como uma bandeira ou hino nacional. Ele é louvado, festejado e sustentado, mas sua autoridade como rei é insignificante. De maneira nominal lidera a todos, mas nas horas de crise alguém mais toma as decisões. Nas ocasiões solenes aparece em suas roupagens reais a fim de pronunciar o discurso insípido, incolor, colocado em seus lábios pelos verdadeiros senhores do país. Toda a situação pode não passar de um faz-de-conta inócuo, mas tem suas raízes no passado e ninguém quer desistir dele.

Entre as igrejas evangélicas, Cristo não passa hoje de um Simples símbolo, muito amado. "Todos Louvem o Poder do Nome de Jesus" é o hino nacional da igreja e a cruz sua bandeira oficial. Mas nos serviços semanais da igreja e na conduta diária de seus membros, alguém mais, e não Cristo, toma as decisões. Nas ocasiões adequadas, permite-se que Cristo diga: "Vinde a mim, todos vós que estais cansados e sobrecarregados" ou "Não se turbe o vosso coração", mas no momento em que termina o sermão alguém toma a dianteira. Os que têm autoridade decidem quais devem ser os padrões morais da igreja, assim como todos os objetivos e métodos empregados para alcançá-los. Devido a uma organização longa e meticulosa, o jovem pastor recém-saído do seminário exerce hoje muitas vezes mais autoridade sobre a igreja do que Jesus Cristo.

Este artigo foi publicado pela primeira vez no "The Alliance Witness" a 15 de maio de 1963, apenas dois dias após a morte do Dr. Tozer. Ele foi, de certa forma, o seu discurso de despedida, pois expressava a preocupação que ia em seu íntimo.

Cristo não só tem agora menos ou nenhuma autoridade, Ele também está perdendo cada vez mais a sua influência. Não diria que ela é inexistente, mas sim que é pequena e está diminuindo. Uma comparação justa seria com a influência de Abraão Lincoln sobre o povo norte-americano. O honesto Abe continua sendo o ídolo do país. Seu rosto bondoso, austero, tão comum que chega a ser belo, aparece em toda parte. É fácil sentir os olhos cheios de lágrimas quando pensamos nele. As crianças crescem aprendendo histórias a respeito do seu amor, honestidade e humildade.

Mas depois de termos controlado nossas emoções, o que nos resta? Nada mais que um bom exemplo, o qual, à medida que retrocede no passado se torna cada vez mais irreal e exerce uma influência cada vez menor. Qualquer patife está disposto a vestir o casaco de Lincoln, preto e comprido. A luz fria dos fatos políticos nos Estados Unidos, o constante apelo a Lincoln por parte dos políticos não passa de uma piada cínica.

A soberania de Jesus não está de todo esquecida entre os cristãos, mas foi relegada ao hinário, onde toda responsabilidade em relação a ela pode ser confortavelmente descarregada num brilho de agradável emoção religiosa. No caso de ser ensinada como uma teoria na sala de aula, ela é raramente aplicada na vida diária. A idéia de que o Homem Cristo Jesus possui autoridade final e absoluta sobre toda a igreja e todos os seus membros em cada detalhe de suas vidas é simplesmente posta de lado hoje como não

sendo verdadeira pelos cristãos evangélicos de modo geral.

O que fazemos é o seguinte: aceitamos o cristianismo de nosso grupo como sendo idêntico ao de Cristo e seus apóstolos. As crenças, práticas, ética e atividades de nosso grupo são equacionadas com o cristianismo do Novo Testamento. O que quer que o grupo pense diga ou faça é bíblico, sem que façam perguntas. Presume-se que tudo que o Senhor nos pede é para ocupar-nos com todas as atividades do grupo; e, agindo assim, estamos cumprindo os mandamentos de Cristo.

No sentido de evitar a dura necessidade de obedecer ou rejeitar as claras instruções do Senhor no Novo Testamento, nos refugiamos na interpretação liberal das mesmas. A casuística não é propriedade exclusiva dos teólogos católico-romanos. Os evangélicos também sabem perfeitamente fugir das arestas aguçadas da obediência por meio de explicações sutis e complexas. Estas são feitas sob medida para a carne. Eles desculpam a desobediência, acomodam a carnalidade e neutralizam as palavras de Cristo. A essência de tudo é simplesmente que Cristo não poderia ter pretendido dizer o que disse. Seus ensinamentos, mesmo em teoria, são aceitos apenas depois de terem sido diluídos pela interpretação.

Cristo é porém consultado por um número cada vez maior de pessoas com "problemas" e buscado pelos que desejam paz de mente. Ele é largamente recomendado como uma espécie de psiquiatra espiritual com poderes notáveis para esclarecer os que estão confusos. Jesus é capaz de livrá-los de seus complexos de culpa e ajudá-los a evitar graves traumas psíquicos através de um ajuste suave e fácil à sociedade e a seu próprio *id*. Este Cristo estranho não tem naturalmente qualquer ligação com o Cristo do Novo Testamento. O verdadeiro Cristo é também Senhor, mas este Cristo tolerante não passa de um servo do povo um pouco mais graduado.

Suponho, todavia, que devo oferecer alguma prova concreta para apoiar minha acusação de que Cristo tem pouca ou nenhuma autoridade hoje entre as igrejas. Vou fazer então algumas perguntas e a resposta às mesmas será a evidência.

Qual a diretoria da igreja que consulta as palavras do Senhor para decidir os assuntos em discussão? Quem estiver lendo isto e que já tenha feito parte de um quadro diretor, procure lembrar-se das vezes em que qualquer membro lesse as Escrituras para estabelecer um ponto, ou que qualquer presidente da reunião sugerisse aos irmãos que procurassem as instruções que o Senhor poderia dar-lhes num determinado assunto. As reuniões administrativas são geralmente iniciadas com uma oração formal; depois disso o Cabeça da Igreja fica respeitosamente em silêncio enquanto os verdadeiros governantes passam a agir. Quem quiser negar isto apresente evidência em contrário. Ficarei muito contente se isso acontecer.

Que comitê da Escola Dominica! pesquisa a Escritura pedindo orientação? Não é verdade que os membros invariavelmente julgam que sabem tudo o que precisam fazer e que o único problema é descobrir meios eficazes para pôr seu plano em prática? Planos, regras, "operações" e novas técnicas metodológicas absorvem todo o seu tempo e atenção. A oração antes da reunião é no sentido de pedir ajuda divina para seus planos. A idéia de que o Senhor possa ter algumas instruções para dar-lhes nem sequer lhes cruza a mente.

Quem se lembra de um presidente de assembléia ter levado a Bíblia para a mesa com ele a fim de realmente usá-la? Minutas, regulamentos, regras da ordem, etc., sim. Os mandamentos sagrados do Senhor, não. Existe uma absoluta diferença entre o período devocional e a sessão de negócios. O primeiro não tem relação alguma com o segundo,

Qual a entidade missionária no estrangeiro que realmente busca seguir a orientação do Senhor como provida pela sua Palavra e seu Espírito? Todas pensam que fazem isso, mas na verdade apenas presumem que seus objetivos são bíblicos e pedem a seguir auxílio para alcançá-los. Podem até mesmo orar a noite inteira a Deus, a fim de que seus empreendimentos tenham êxito, mas Cristo é desejado como ajudante e não como Senhor. Os recursos humanos são projetados para alcançar fins tidos como divinos, A seguir estes se transformam em regras fixas e daí por diante o Senhor não tem sequer o direito de

votar a favor ou contra.

Na organização do culto público onde se acha a autoridade de Cristo? A verdade é que o Senhor raramente controla um serviço hoje em dia, e sua influência é bem insignificante. Cantamos a respeito dEle e pregamos sobre Ele, mas não permitimos que Ele interfira; adoramos à nossa moda, e esta deve estar certa porque sempre fizemos isso. como as outras igrejas em nosso grupo.

Qual o cristão que vai diretamente ao Sermão do Monte ou outra passagem do Novo Testamento para obter uma resposta com autoridade ao enfrentar um problema moral? Quem aceita as palavras de Cristo como finais com relação à coleta, controle da natalidade, criação dos filhos, hábitos pessoais, díizimo, diversões, vendas. compras, e outros assuntos importantes?

Qual a escola de teologia, a partir do instituto bíblico mais humilde, que continuaria a funcionar se fizesse Cristo Senhor de todos os seus regulamentos? Pode ser que haja alguma, e oro nesse sentido, mas creio estar certo quando digo que a maioria das escolas a fim de poderem manter-se são forçadas a adotar procedimentos que não encontram justificativa na Bíblia que professam ensinar. Vemo-nos então diante de uma estranha anomalia: a autoridade de Cristo é ignorada a fim de manter uma entidade que ensina entre outras coisas a autoridade de Cristo,

As causas que produziram o declínio da autoridade do Senhor são várias. Vou citar apenas duas.

Uma delas é o poder do costume, precedente e tradição nos grupos religiosos mais antigos. Como a lei da gravitação, essas coisas afetam cada elemento da prática religiosa dentro do grupo, exercendo uma pressão firme e constante em uma direção. Essa direção. como é natural, é a da conformidade com o estado de coisas, o "status quo". O costume e não Cristo é senhor nesta situação. E a mesma condição foi transmitida (talvez num grau um pouco menor) a outras igrejas, tais como os tabernáculos, as "holiness churches". as igrejas pentecostais e fundamentais e as muitas igrejas independentes e não-denominacionais que se vêem por toda parte.

A segunda causa é o reavivamento do intelectualismo entre os "evangelicais". Se posso julgar corretamente a situação, não se trata tanto de sede de aprender como do desejo de adquirir uma reputação de intelectual. Por causa disso, homens bons que deveriam ter-se apercebido da situação, estão sendo usados para colaborar com o inimigo. Vou explicar.

Nossa fé evangélica (que acredito ser a verdadeira fé possuída por Cristo e seus apóstolos) está sendo hoje atacada de muitas direções diferentes. No mundo ocidental o inimigo repudiou a violência, ele não vem a nós com a espada e o porrete; vem agora sorrindo, trazendo presentes. Eleva os olhos para o céu e jura que crê também na fé possuída por nossos pais, mas seu verdadeiro propósito é destruir essa fé, ou pelo menos modificá-la até o ponto de não mais conter o elemento sobrenatural que antes continha. Ele vem em nome da filosofia, psicologia ou antropologia, e com uma atitude mansa e razoável insiste em que repensemos a nossa posição histórica, que sejamos menos rígidos, mais tolerantes, mais compreensivos.

Ele fala no jargão sagrado das escolas e muitos de nossos evangélicos semi-educados correm para render-lhe culto. Ele atira diplomas acadêmicos aos filhos dos profetas, como Rockefeller fazia com os filhos dos camponeses. Os "evangelicais" que foram acusados, mais ou menos justamente, de não possuírem uma escolaridade de nível superior, agora procuram agarrar esses símbolos de posição com os olhos brilhando, e quando os obtêm mal conseguem crer na sua boa sorte.

Para o verdadeiro cristão, o teste supremo de tudo quanto se refere à religião é o lugar que o Senhor ocupa. Ele é Senhor ou símbolo? Acha-se no controle do projeto ou não passa de um simples ajudante? Decide as coisas ou apenas colabora na execução dos planos de outros? Todas as atividades religiosas, desde o ato mais simples de um único cristão até as operações cansativas e dispendiosas de toda uma denominação, podem ser testadas de acordo com a resposta dada à pergunta: Jesus Cristo é Senhor neste ato? O fato

de nossas obras provarem ser de madeira, palha e mato em lugar de ouro, prata e pedras preciosas naquele grande dia, vai depender da resposta certa a essa pergunta.

Que fazer então? Cada um de nós deve decidir, e existem três escolhas possíveis. Uma delas é indignar-se e acusar-me de uma atitude irresponsável. Outra é concordar de maneira geral com o que escrevi, mas consolar-se com a idéia de que existem exceções e estamos entre estas. A terceira é prostrar-se humildemente e confessar que entristecemos o Espírito e desonramos o Senhor, deixando de dar-lhe a posição que o Pai lhe conferiu como Cabeça e Senhor da Igreja.

A primeira e a segunda não farão senão confirmar o erro. Mas a terceira, se levada até a sua execução final, poderá remover a maldição. A decisão é nossa.

Excertos Extraídos de *Esse Cristão Incrível*

20. **Esse Cristão Incrível**

O esforço feito atualmente por tantos líderes religiosos para harmonizar o cristianismo com a ciência, a filosofia e tudo que é natural e razoável, não passa, a meu ver, de uma falha em entender o cristianismo e, julgando pelo que ouvi e li, falha também em compreender a ciência e a filosofia.

No âmago do sistema cristão encontra-se a cruz de Cristo com o seu paradoxo divino. O poder do cristianismo se encontra em seu repúdio ao comportamento dos homens decaídos e não em sua aceitação do mesmo. A verdade da cruz se revela em suas contradições. O testemunho da igreja é mais eficaz quando declara em lugar de explicar, pois o evangelho é dirigido à fé não à razão. O que pode ser provado não exige fé para a sua aceitação. A fé repousa sobre o caráter de Deus e não sobre as demonstrações de laboratório ou lógicas.

A cruz se destaca em franca oposição ao homem natural. Sua filosofia se opõe aos processos da mente não-regenerada. Foi com essa idéia em foco que Paulo afirmou com toda franqueza que a cruz é loucura para os que perecem. A tentativa de encontrar um ponto comum entre a mensagem da cruz e o raciocínio do homem decaído é tentar o impossível, e se persistirmos o resultado será uma lógica prejudicada, uma cruz sem significado e um cristianismo despidido de poder.

Vamos agora sair da teoria e observar simplesmente o verdadeiro discípulo enquanto pratica os ensinamentos de Cristo e de seus apóstolos. Note as contradições:

O cristão acredita estar morto em Cristo, mas encontra-se mais vivo do que nunca e espera viver realmente para sempre. Ele anda na terra embora sentado no céu e apesar de ter nascido neste mundo, depois de sua conversão descobre que este não é o seu lar. Como o curiango, que no ar é a essência da graça e formosura mas no chão mostra-se desajeitado e feio, o cristão também se destaca nos lugares celestiais, mas não se entrosa muito bem na sociedade em que nasceu.

O cristão logo aprende que, se quiser alcançar vitória como um filho do céu entre os homens da terra, não deve seguir os padrões adotados comumente pela humanidade, mas exatamente o sentido oposto. Para salvar-se, corre perigo; perde a vida a fim de ganhá-la e existe a possibilidade de perdê-la se tentar conservá-la. Ele desce para subir. Se se recusa a descer é porque já está embaixo, mas quando começa a descer está subindo.

É mais forte quando está mais fraco e mais fraco quando se sente forte. Embora pobre tem poder para tornar ricos a outros, mas quando se enriquece sua capacidade de enriquecer outros se esvai. Ele tem mais quanto mais dá e tem menos quando possui mais.

Ele pode estar, e no geral está, no alto quanto mais humilde se sente e tem menos pecado quanto mais se torna consciente do pecado. É mais sábio quando reconhece que

nada sabe e tem pouco conhecimento quando adquire grande cultura. Algumas vezes faz muito quando nada faz e avança rápido ao manter-se parado. Consegue alegrar-se nas dificuldades e mantém animado o coração mesmo na tristeza.

O caráter paradoxal do cristão revela-se constantemente. Por exemplo, ele crê que está salvo agora, mas, não obstante, espera ser salvo mais tarde e aguarda alegremente a salvação futura. Ele teme a Deus, mas não tem medo dEle. Sente-se dominado e perdido na presença de Deus, todavia, não há lugar em que tanto deseje estar como nessa presença. Ele sabe que foi purificado de suas faltas, mas sente-se penosamente cômico de que nada de bom habita em sua carne.

Ele ama acima de tudo alguém a quem jamais viu, e embora seja ele mesmo pobre e miserável, conversa familiarmente com Aquele que é o Rei de todos os reis e Senhor dos senhores, não percebendo qualquer incongruência nisso. Sente que de si mesmo é menos que nada, entretanto crê firmemente ser a menina dos olhos de Deus e que por sua causa o Filho Eterno se fez carne e morreu na cruz vergonhosa.

O cristão é um cidadão do céu, mostrando-se leal a essa cidadania sagrada. Ele pode, porém, amar seu país neste mundo com tal intensidade de devoção comparável àquela que levou John Knox a orar: "Ó Deus, dá-me a Escócia ou morrerei."

Com entusiasmo aguarda entrar naquele mundo brilhante lá de cima, mas não tem pressa de deixar esta terra e mostra-se perfeitamente disposto a esperar o chamado de seu Pai Celestial. Sente-se também incapaz de compreender por que o incrédulo deva condená-lo por isso; tudo lhe parece tão natural e correto dentro das circunstâncias que não vê qualquer inconsistência nisso.

O cristão que leva a cruz é, além de tudo, um pessimista confirmado e um otimista que não pode ser igualado por ninguém mais neste mundo.

Quando olha para a cruz é um pessimista, pois sabe que o mesmo juízo que caiu sobre o Senhor da glória condena nesse ato único toda a natureza e todo o mundo dos homens. Ele rejeita qualquer esperança humana fora de Cristo pois sabe que o mais nobre esforço do homem não passa de pó edificado sobre pó.

Todavia, o seu otimismo é calmo e repousante. Se a cruz condena o mundo, a ressurreição de Cristo garante o triunfo final do bem em todo o universo. Através de Cristo tudo acabará bem e o cristão aguarda a consumação. Cristão incrível!

21. O Que Significa Aceitar Cristo

Poucas coisas, felizmente poucas, são assuntos de vida e morte, tal como uma bússola para uma viagem marítima ou um guia para uma viagem através do deserto. Ignorar coisas assim vitais não é só lançar sortes ou correr um risco, mas puro suicídio; ou seja, estar certo ou estar morto.

Nosso relacionamento com Cristo é uma questão de vida ou morte, e num plano muito superior. O homem que conhece a Bíblia sabe que Jesus Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores e que os homens são salvos apenas por ele sem qualquer influência por parte de quaisquer obras meritórias deles.

Tal coisa é verdadeira e sabida, mas a morte e ressurreição de Cristo evidentemente não salvam todos de maneira automática. Como o indivíduo entra numa relação salvadora com Cristo? Sabemos que alguns fazem isso, mas é óbvio que outros não alcançam esse plano. Como é coberto o abismo entre a redenção provida objetivamente e a salvação recebida subjetivamente? Como o que Cristo fez por mim opera em meu interior? Para a pergunta: "O que devo fazer para ser salvo?" devemos aprender a resposta correta. Falhar neste ponto não envolve apenas arriscar nossas almas, mas garantir o exílio eterno da face de Deus. É aqui que devemos estar certos ou perder-nos para sempre.

Os cristãos "evangelicais" fornecem três respostas a esta pergunta ansiosa: "Creia no Senhor Jesus Cristo", "Receba Cristo como seu Salvador pessoal" e "Aceite Cristo". Duas delas são extraídas quase literalmente das Escrituras (At 16:31; Jo 1:12), enquanto a

terceira é uma espécie de paráfrase, resumindo as outras duas. Não se trata então de três, mas de uma só.

Por sermos espiritualmente preguiçosos, tendemos a gravitar na direção mais fácil a fim de esclarecer nossas questões religiosas, tanto para nós mesmos como para outros; assim sendo, a fórmula "Aceite Cristo" tornou-se uma panacéia de aplicação universal, e acredito que tem sido fatal para muitos. Embora um penitente ocasional responsável possa encontrar nela toda a instrução de que precisa para ter um contato vivo com Cristo, temo que muitos façam uso dela como um atalho para a Terra Prometida, apenas para descobrir que ela os levou em vez disso a "uma terra de escuridão, tão negra quanto as próprias trevas; e da sombra da morte, sem qualquer ordem, e onde a luz é como a treva".

A dificuldade está em que a atitude "Aceite Cristo" está provavelmente errada. Ela mostra Cristo suplicando a nós, em lugar de nós a Ele. Ela faz com que fique de pé, com o chapéu na mão, aguardando o nosso veredicto a respeito dEle, em vez de nos ajoelharmos com os corações contritos esperando que Ele nos julgue. Ela pode até permitir que aceitemos Cristo mediante um impulso mental ou emocional, sem qualquer dor, sem prejuízo de nosso ego e nenhuma inconveniência ao nosso estilo de vida normal.

Para esta maneira ineficaz de tratar de um assunto vital, podemos imaginar alguns paralelos; como se, por exemplo, Israel tivesse "aceito" no Egito o sangue da Páscoa, mas continuasse vivendo em cativeiro, ou o filho pródigo "aceitasse" o perdão do pai e continuasse entre os porcos no país distante. Não fica claro que se aceitar Cristo deve significar algo, é preciso que haja uma ação moral em harmonia com essa atitude?

Ao permitir que a expressão "Aceite Cristo" represente um esforço sincero para dizer em poucas palavras o que não poderia ser dito tão bem de outra forma, vejamos então o que queremos ou devemos indicar ao fazer uso dessa frase.

Aceitar Cristo é dar ensejo a uma ligeira ligação com a Pessoa de nosso Senhor Jesus absolutamente única na experiência humana. Essa ligação é intelectual, volitiva e emocional. O crente acha-se intelectualmente convencido de que Jesus é tanto Senhor como Cristo; ele decidiu segui-lo a qualquer custo e seu coração logo está gozando da singular doçura de sua companhia.

Esta ligação é total, no sentido de que aceita alegremente Cristo por tudo que Ele é. Não existe qualquer divisão covarde de posições, reconhecendo-o como Salvador hoje e aguardando até amanhã para decidir quanto à sua soberania. O verdadeiro crente confessa Cristo como o seu Tudo em Todos sem reservas. Ele inclui tudo de si mesmo, sem que qualquer parte de seu ser fique insensível diante da transação revolucionária.

Além disso, sua ligação com Cristo é toda-exclusiva. O Senhor torna-se para ele a atração única e exclusiva para sempre, e não apenas um entre vários interesses rivais. Ele segue a órbita de Cristo como a Terra a do Sol, mantido em servidão pelo magnetismo do seu afeto, extraindo dEle toda a sua vida, luz e calor. Nesta feliz condição são-lhe concedidos novos interesses, mas todos eles determinados pela sua relação com o Senhor.

O fato de aceitarmos Cristo desta maneira todo-inclusiva e todo-exclusiva é um imperativo divino. A fé salta para Deus neste ponto mediante a Pessoa e a obra de Cristo, mas jamais separa a obra da Pessoa. Ele crê no Senhor Jesus Cristo, o Cristo abrangente, sem modificação ou reserva, e recebe e goza assim tudo o que Ele fez na sua obra de redenção, tudo o que está fazendo agora no céu a favor dos seus, e tudo o que opera neles e através deles.

Aceitar Cristo é conhecer o significado das palavras: "pois, segundo ele é, nós somos neste mundo" (1 João 4:17). Nós aceitamos os amigos dele como nossos, seus inimigos como inimigos nossos, seus caminhos como os nossos, sua rejeição como a nossa rejeição, sua cruz como a nossa cruz, sua vida como a nossa vida e seu futuro como o nosso.

Se é isto que queremos dizer quando aconselhamos alguém a aceitar Cristo, será melhor explicar isso a ele, pois é possível que se envolva em profundas dificuldades espirituais caso não explanarmos o assunto.

22. A Insuficiência do "Cristianismo Instantâneo"

Não é de admirar que o país que inventou o chá e o café instantâneos também desse ao mundo o cristianismo instantâneo. Caso essas duas bebidas não tenham sido realmente inventadas nos Estados Unidos, foi certamente aqui que receberam o ímpeto publicitário que as tornou conhecidas na maior parte do mundo civilizado. E não pode ser também negado que foi o Fundamentalismo americano que introduziu o cristianismo instantâneo nas igrejas evangélicas.

Se ignorarmos por um momento o romanismo e o liberalismo em seus vários disfarces, concentrando nossa atenção sobre o grande número de crentes evangélicos, vemos imediatamente quanto a religião cristã sofreu na casa de seus amigos. O gênio americano para a realização fácil e rápida de tudo, sem preocupar-se com a sua qualidade ou permanência, gerou um vírus que veio a contagiar toda a igreja evangélica nos Estados Unidos e, através de nossa literatura, nossos evangelistas e nossos missionários, espalhou-se por todo o mundo.

O cristianismo instantâneo acompanhou a idade da máquina. Os homens inventaram as máquinas com duas finalidades. Queriam fazer mais rapidamente o trabalho considerado importante e queriam ao mesmo tempo terminar logo suas tarefas a fim de dedicar-se a coisas mais do seu agrado, tais como o lazer ou gozar dos prazeres mundanos. O cristianismo instantâneo serve agora aos mesmos propósitos na religião. Ele ignora o passado, garante o futuro e libera o cristão para seguir as inclinações da carne com toda boa consciência e um mínimo de restrição.

Com a expressão "cristianismo instantâneo" estou me referindo ao tipo encontrado quase em toda parte nos círculos evangélicos, nascidos da idéia de que podemos livrar-nos de toda obrigação para com nossas almas através de um só ato de fé, ou no máximo dois, ficando tranquilos daí por diante quanto à nossa condição espiritual, sendo então permitido inferir que não existe razão para termos um caráter santo. Uma qualidade automática, de uma vez por todas, acha-se presente neste conceito, a qual não se adapta de maneira alguma à fé apresentada no Novo Testamento.

Neste erro, como na maioria dos outros, encontra-se uma certa parte de verdade imperfeitamente interpretada. É verdade que a conversão a Cristo pode ser, e muitas vezes é, repentina. Onde o peso do pecado se revelou grande, o recebimento do perdão é no geral alegre e claro. A alegria experimentada no perdão equivale à repugnância moral de que nos despojamos no arrependimento. O verdadeiro cristão encontra Deus. Ele sabe que tem a vida eterna e provavelmente sabe onde e quando a recebeu. Os que foram também enchidos com o Espírito Santo após a sua regeneração sentem perfeitamente a operação que está sendo realizada neles. O Espírito anuncia-se a si próprio, e o coração renovado não tem dificuldade em identificar a sua presença à medida que Ele se derrama na alma.

O problema está em que nos inclinamos a confiar nas nossas experiências e, em consequência disso, interpretamos erradamente todo o Novo Testamento. Somos constantemente exortados a tomar a decisão, a resolver o assunto imediatamente e, os que nos aconselham nesse sentido estão certos. Existem decisões que podem e devem ser tomadas de uma vez por todas. Certos assuntos pessoais podem ser decididos instantaneamente mediante um ato determinado da vontade em resposta a uma fé bíblica. Ninguém iria negar tal coisa, e eu certamente não farei isso.

A questão que nos enfrenta é esta: O que pode ser realizado através desse ato único de fé? Quanto falta ainda a ser feito e até que ponto uma única decisão pode levar-nos?

O cristianismo instantâneo tende a considerar o ato de fé como um fim em si mesmo e sufoca o desejo de crescimento espiritual. Ele não compreende a verdadeira natureza da vida cristã, que não é estática mas dinâmica e expansionista. Ele passa por cima do fato de o novo cristão representar um organismo vivo, como um bebê recém-nascido, necessitado de nutrição e exercício a fim de assegurar o seu crescimento normal. Ele não considera que o ato de fé em Cristo estabelece um relacionamento pessoal entre dois seres morais inteligentes, Deus e o homem reconciliado, e um encontro único entre Deus e uma criatura

feita à sua imagem jamais poderia bastar para estabelecer uma amizade íntima entre ambos.

A tentativa de englobar toda a salvação numa só experiência, ou talvez duas, por parte dos defensores do cristianismo instantâneo zomba da lei do desenvolvimento que abrange toda a natureza. Eles ignoram os efeitos santificadores do sofrimento, do carregar da cruz e da obediência prática. Olvidam também a necessidade de treinamento espiritual, de formar hábitos religiosos corretos e de lutar contra o mundo, o diabo e a carne.

A preocupação excessiva com o ato inicial da crença fez nascer em alguns uma psicologia de acomodação, ou pelo menos de não-expectativa. Para alguns o resultado foi uma decepção com a fé cristã. Deus parece demasiado distante, o mundo próximo demais, e a carne muito poderosa e irresistível. Outros ficam satisfeitos em aceitar a segurança da bênção automática. Ela os livra da necessidade de vigiar, lutar e orar, e os considera liberados para gozar deste mundo enquanto aguardam o outro.

O cristianismo instantâneo é a ortodoxia do século vinte. Imagino se o homem que escreveu Filipenses 3:7-16 o reconheceria como a fé pela qual morreu. Temo que não,

23. Não Existe Substituto para a Teologia

Por sermos o que somos e pelo fato de tudo o mais ser o que é, o estudo mais importante e proveitoso que qualquer de nós pode fazer é, sem dúvida alguma, o da teologia.

A teologia provavelmente recebe menos atenção do que qualquer outro assunto, mas isso nada diz sobre sua importância ou a falta dela. Esse fato indica porém que os homens continuam ocultando-se da presença de Deus entre as árvores do jardim e sentem-se terrivelmente constrangidos quando o assunto de sua relação com Ele é mencionado. Eles sentem sua profunda alienação de Deus e só conseguem viver em paz consigo mesmo quando se esquecem de que não estão reconciliados com Deus.

Se não houvesse Deus as coisas seriam muito diferentes para nós. Se não houvesse alguém a quem devêssemos finalmente prestar contas, pelo menos um grande peso aliviaria a nossa mente. Precisaríamos viver apenas dentro da lei, o que não é tão difícil na maioria dos países, e nada haveria a temer. Mas se Deus criou de fato a Terra e colocou nela o homem numa condição de experiência moral, pesa então sobre nós a responsabilidade de aprender a vontade de Deus e pô-la em prática.

Pareceu-me sempre inconsistente que o existencialismo negasse a existência de Deus e a seguir fizesse uso da linguagem do teísmo a fim de persuadir os homens a viverem retamente. O escritor francês, Jean-Paul Sartre, por exemplo, declara francamente que representa o existencialismo ateu. "Se Deus não existe", diz ele, "não encontramos valores ou mandamentos a que nos ater para dar autenticidade à nossa conduta. Assim sendo, na escala brilhante de valores não temos desculpa em que nos apoiar nem justificativa à nossa frente. Estamos sós, sem qualquer desculpa." Todavia, no parágrafo seguinte ele afirma secamente: "O homem é responsável pela sua paixão", e logo após, "O covarde é responsável pela sua covardice." Essas considerações, diz ele, encham o existencialismo de "angústia, desolação e desespero".

Em minha opinião, um raciocínio desse tipo deve assumir a verdade de tudo que busca negar. Se não houvesse Deus não haveria o termo "responsável". Nenhum criminoso precisa temer um juiz que não existe; nem necessitaria preocupar-se em infringir uma lei que não tivesse sido imposta. O conhecimento de que a lei e o juiz de fato existem é que leva o medo ao coração do infrator. Existe alguém a quem deve prestar contas; de outra forma o conceito de responsabilidade não teria significado.

Em vista de Deus existir e em virtude de o homem ter sido feito à sua imagem, devendo prestar contas a Ele, é que a teologia se torna crucialmente importante. Só a revelação cristã possui a resposta às perguntas não respondidas sobre Deus e o destino da humanidade. Permitir que essas respostas cheias de autoridade fiquem negligenciadas

enquanto buscamos respostas em toda parte e não encontramos nenhuma, parece-me nada menos que loucura.

Motorista algum seria perdoado se deixasse de consultar seu mapa rodoviário e tentasse descobrir o caminho certo através dos campos, procurando musgo nos troncos, observando o vôo de abelhas silvestres ou o movimento dos corpos celestiais. Se *não houvesse* mapas, o indivíduo *poderia* descobrir o caminho pelas estrelas, mas para o viajante que quer chegar depressa em casa as estrelas seriam um fraco substituto do mapa.

Os gregos navegaram muito sem o auxílio de cartas geográficas; mas os hebreus possuíam o mapa e não tiveram necessidade da filosofia humana. Como alguém que conhece relativamente bem o pensamento grego, acredito que qualquer dos eloqüentes capítulos de Isaías ou os salmos inspirados de Davi, contêm mais ajuda real para a humanidade do que toda a produção das mais elevadas mentes gregas durante os séculos de sua glória.

A negligência atual das Escrituras inspiradas por parte do homem civilizado é uma vergonha e um escândalo; pois essas mesmas Escrituras lhe dizem tudo o que ele quer saber ou deveria saber, sobre Deus, sua própria alma e destino humano. É irônico que os homens gastem vastas somas de dinheiro e tempo num esforço para descobrir os segredos de seu passado, quando o futuro é tudo que deveria realmente importar-lhes.

Homem algum é responsável pelos seus ancestrais; o único passado do qual deve dar contas é aquele relativamente curto que viveu aqui na terra. Aprender como posso escapar da culpa dos pecados cometidos em meu breve ontem, como posso viver livre do pecado hoje e entrar finalmente na presença abençoada de Deus num feliz amanhã — isso é mais importante para mim do que qualquer coisa que possa ser descoberta pelo antropólogo. Parece-me uma estranha perversão de interesses fitar demoradamente o passado, o pó, quando estamos equipados para fixar os olhos no alto, na glória.

Tudo o que me impeça de chegar à Bíblia é meu inimigo por mais inofensivo que pareça. Tudo o que prenda minha atenção quando deveria estar meditando sobre Deus e as coisas eternas prejudica minha alma. Se os cuidados da vida apagaram de minha mente as Escrituras, estarei sofrendo uma perda irreparável. Se eu aceitar qualquer outra coisa além das Escrituras estarei sendo enganado e roubado, resultando em eterna confusão.

O segredo da vida é teológico e a chave para o céu também. Aprendemos com dificuldade, esquecemos facilmente e sofremos muitas distrações. Devemos portanto, decidir com firmeza estudar teologia. Devemos pregá-la do púlpito, cantá-la em nossos hinos, ensiná-la aos filhos e fazer dela tema de conversa quando nos reunimos com os amigos cristãos.

24. A Importância da Auto-Análise

Pouca coisa revela tão bem o medo e a incerteza dos homens quanto o esforço que fazem para ocultar seu verdadeiro "eu" uns dos outros e até mesmo a seus próprios olhos.

Quase todos os homens vivem desde a infância até a morte por trás de uma cortina semi-opaca, saindo dela apenas rapidamente quando forçados por algum choque emocional e depois voltando o mais depressa possível ao esconderijo. O resultado desta dissimulação constante é que as pessoas raramente conhecem seus próximos como realmente são e, pior ainda, o disfarce tem tanto êxito que elas nem sequer conhecem a si mesmas.

O autoconhecimento tem tal importância em nossa busca de Deus e de sua justiça, que nos encontramos sob a obrigação de fazer imediatamente aquilo que for necessário para remover o disfarce e permitir que nosso "eu" real seja conhecido. Uma das supremas tragédias em religião é o fato de nos termos em tão alta conta, enquanto a evidência aponta justamente o contrário; e nossa auto-admiração bloqueia eficazmente qualquer

esforço possível para descobrir uma cura para a nossa condição. Só o indivíduo que sabe que está doente é que procura o médico.

Nosso verdadeiro estado moral e espiritual só pode ser revelado pelo Espírito e pela Palavra. A Deus pertence o juízo final do coração. Existe um sentido em que não ousamos julgar-nos uns aos outros (Mt 7:1-5) e no qual não devemos sequer tentar julgar-nos (1 Co 4:3). O julgamento final pertence Àquele cujos olhos são chama de fogo e que vê através das obras e pensamentos dos homens. Agrada-me deixar com Ele a última palavra.

Existe, porém, lugar para a auto-análise e uma necessidade real de que esta seja feita (1 Co 11:31, 32). Embora nossa autodescoberta não seja provavelmente completa e nossa auto-análise contenha elementos preconceituosos e imperfeitos, existem porém boas razões para que trabalhem ao lado do Espírito em seu esforço positivo para situar-nos espiritualmente, a fim de podermos fazer as correções exigidas pelas circunstâncias. É certo que Deus já nos conhece totalmente (Sl 139:1-6). Resta-nos agora conhecer a nós mesmos o melhor possível. Por esta razão ofereço algumas regras para a autodescoberta; e se os resultados não forem tudo que possamos desejar, podem ser pelo menos melhores do que nada. Podemos ser conhecidos pelo seguinte:

1. *O que mais desejamos.* Basta ficarmos quietos, aguardando que a excitação dentro em nós se acalme, e a seguir prestar cuidadosa atenção ao tímido clamor do desejo. Pergunte ao seu coração: o que você mais desejaria ter no mundo? Rejeite a resposta convencional. Insista em obter a verdadeira, e quando a tiver ouvido saberá o tipo de pessoa que é.

2. *O que mais pensamos.* As necessidades da vida nos induzem a pensar em muitas coisas, mas o teste real é descobrir sobre o que pensamos *voluntariamente*. Nossos pensamentos irão com toda probabilidade agrupar-se ao redor do tesouro secreto do coração, e qual for ele revelará o que somos. "Onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração."

3. *Como usamos nosso dinheiro.* Devemos ignorar de novo aqueles assuntos sobre os quais não exercemos pleno controle. Devemos pagar impostos e prover as necessidades da vida para nós e nossa família, quando a temos. Isso não passa de rotina e diz pouco a nosso respeito. Mas o dinheiro que sobrar para ser usado no que nos agrada irá contar-nos sem dúvida muita coisa sobre nós.

4. *O que fazemos com as nossas horas de lazer.* Grande parte de nosso tempo é usado pelas exigências da vida civilizada, mas sempre temos algum tempo livre. O que fazemos com ele é vital. A maioria das pessoas gasta esse tempo vendo televisão, ouvindo o rádio, lendo os produtos baratos da imprensa ou envolvendo-se em conversas frívolas. O que eu faço com o meu tempo revela a espécie de homem que sou.

5. *A companhia de que gostamos.* Existe uma lei de atração moral que chama o homem para participar da sociedade que mais se assemelha a ele. O lugar para onde vamos quando temos liberdade para ir aonde quisermos é um índice quase-infalível de nosso caráter.

6. *Quem e o que admiramos.* Suspeito desde há muito tempo que a grande maioria dos cristãos evangélicos, embora mantidos mais ou menos em linha pela pressão da opinião do grupo, sentem de todo modo uma admiração ilimitada, embora secreta, pelo mundo. Podemos conhecer o verdadeiro estado de nossas mentes, examinando nossas admirações não-expressas. Israel admirou e até invejou com freqüência as nações pagãs ao seu redor, esquecendo-se assim da adoção e da glória, das leis, das alianças e das promessas e dos pais. Em vez de culpar Israel, façamos uma auto-análise.

7. *Sobre o que podemos rir.* Pessoa alguma que tenha qualquer consideração pela sabedoria de Deus iria argumentar que exista algo errado com o riso, desde que o humor é um componente legítimo de nossa natureza complexa. Quando nos falta o senso de humor, falhamos também nessa mesma proporção em equiparar-nos à humanidade sadia.

Mas o teste que fazemos aqui não é sobre o fato de rirmos ou não, mas do que rimos. Algumas coisas ficam fora do campo do simples humor. Nenhum cristão reverente, por exemplo, acha a morte engraçada, nem o nascimento, nem o amor. Nenhum indivíduo

cheio do Espírito pode rir das Escrituras, da igreja comprada por Cristo com o seu próprio sangue, da oração, da retidão, do sofrimento ou dor da humanidade. E certamente ninguém que já esteve na presença de Deus jamais poderia rir de uma história que envolvesse a divindade.

Esses são alguns dos testes. O cristão sábio encontrará outros.

25. Sinais do Homem Espiritual

O conceito de espiritualidade varia entre os diversos grupos cristãos. Em alguns círculos, a pessoa que fala incessantemente de religião é julgada como sendo muito espiritual. Outros aceitam a exuberância ruidosa como um sinal de espiritualidade, e em algumas igrejas, o homem que ora em primeiro lugar, por mais tempo e mais alto consegue uma reputação de ser o mais espiritual na assembléia.

Um testemunho vigoroso, orações freqüentes e louvor em voz alta podem entrosar-se perfeitamente com a espiritualidade, mas é importante entendermos que em si mesmos eles não constituem nem provam a presença da mesma.

A verdadeira espiritualidade manifesta-se em certos desejos dominantes. Eles são desejos sempre presentes, fixos, suficientemente poderosos para dominar e controlar a vida da pessoa. Para facilitar, vou mencioná-los, embora não me esforce para decidir sua ordem de importância.

1. Primeiro, o desejo de ser santo em lugar de feliz. A busca da felicidade, tão difundida entre os cristãos que professam uma santidade superior e prova suficiente de que tal santidade não se acha presente. O homem verdadeiramente espiritual sabe que Deus dará abundância de alegria no momento em que possamos recebê-la sem prejudicar nossa alma, mas não exige obtê-la imediatamente. John Wesley falou a respeito de uma das primeiras sociedades metodistas da qual duvidava terem seus membros sido aperfeiçoados em amor, pois iam à igreja para apreciar a religião em lugar de aprender como tornar-se santos.

2. O indivíduo pode ser considerado espiritual quando quer que a honra de Deus avance por meio de sua vida, mesmo que isso signifique que ele mesmo tenha de sofrer desonra ou perda temporárias. Um homem assim ora: "Santificado seja o teu nome", e acrescenta baixinho: "Qualquer seja o custo para mim, Senhor". Ele vive para honrar a Deus, através de uma espécie de reflexo espiritual. Cada escolha envolvendo a glória de Deus, para ele já está feita antes de apresentar-se. Não é necessário que debata o assunto em seu íntimo, pois nada há a discutir. A glória de Deus é necessária para ele; ele a aspira como alguém sufocando-se aspira o ar.

3. O homem espiritual quer carregar a sua cruz. Muitos cristãos aceitam a adversidade ou a tribulação com um suspiro e as chamam de sua cruz, esquecendo de que tais coisas podem acontecer tanto a santos como a pecadores. A cruz é aquela adversidade extra que surge como resultado de nossa obediência a Cristo. Esta cruz não é forçada sobre nós; nós voluntariamente a tomamos com pleno conhecimento das conseqüências. Nós decidimos obedecer a Cristo e fazendo essa escolha, decidimos carregar a cruz.

Carregar a cruz significa ligar-se à Pessoa de Cristo, ser fiel à soberania de Cristo e obediente aos seus mandamentos. O indivíduo espiritual é aquele que manifesta essas características.

4. O cristão espiritual é também aquele que tudo observa sob o ponto de vista de Deus. A capacidade de pesar tudo na balança divina e dar-lhes o mesmo valor dado por Deus, é o sinal de uma vida cheia do Espírito.

Deus olha *para* tudo e *através* de tudo ao mesmo tempo. Seu olhar não repousa sobre a superfície mas penetra até o verdadeiro significado das coisas. O cristão carnal olha para um objeto ou uma situação, mas pelo fato de não ver através dela fica entusiasmado ou deprimido pelo que vê. O homem espiritual tem capacidade para ver através das coisas como Deus vê e pensar nelas como Ele pensa. Ele insiste em ver tudo como Deus vê,

mesmo que isso o humilhe e exponha a sua ignorância até o extremo de fazê-lo sofrer.

5. Outro desejo do homem espiritual é morrer retamente em lugar de viver no erro. Um sinal seguro do homem de Deus amadurecido é de sua despreocupação com a vida. O cristão terreno, consciente do corpo, olha para a morte com terror no coração; mas à medida que continua vivendo no Espírito torna-se cada vez mais indiferente ao número de anos que vai viver aqui embaixo, e ao mesmo tempo cuida cada vez mais do modo como vive enquanto está aqui. Não irá comprar alguns dias extra de vida ao custo da transigência ou fracasso. Quer acima de tudo ser reto, e fica feliz em deixar que Deus decida quanto tempo deve viver. Ele sabe que pode morrer agora que está em Cristo, mas sabe que não pode agir erradamente, e este conhecimento torna-se um giroscópio que dá estabilidade aos seus pensamentos e seus atos.

6. O desejo de ver outros progredirem com sua ajuda é outro sinal do homem que possui espiritualidade. Ele quer ver outros cristãos acima de si e fica feliz quando estes são promovidos e ele negligenciado. Não existe inveja em seu coração; quando seus irmãos são honrados fica satisfeito, por ser essa a vontade de Deus e essa vontade é seu céu na terra. O que é agradável a Deus lhe dá também prazer, e se for do agrado de Deus exaltar outrem acima dele, satisfaz-se com isso.

7. O homem espiritual faz no geral juízos eternos e não temporais. Pela fé supera o poder de atração da terra e o fluxo do tempo e aprende a pensar e sentir como alguém que já deixou o mundo e foi juntar-se à imensa companhia dos anjos e à assembléia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus. Um homem assim preferiria ser útil e não famoso, servir em lugar de ser servido.

Tudo isto se realiza pela operação do Espírito Santo que nele habita. Homem algum pode ser espiritual por si mesmo. Apenas o Espírito da liberdade pode tornar o homem espiritual.

Excertos Extraídos de *A Raiz dos Justos*

26. A Raiz dos Justos

Uma diferença marcante entre a fé dos nossos pais como concebida pelos pais, e a mesma fé como entendida e vivida por seus filhos, é que os pais estavam interessados na raiz da matéria, enquanto que os seus descendentes atuais parecem interessados somente no fruto.

Parece ser esta a nossa atitude para com certas grandes almas cristãs cujos nomes são honrados entre as igrejas, como, por exemplo, Agostinho e Bernardo em tempos mais antigos, ou Lutero e Wesley em tempos mais recentes. Hoje escrevemos biografias de vultos como esses e celebramos o seu fruto, mas a tendência é ignorar a raiz da qual proveio o fruto. "A raiz dos justos produz o seu fruto", diz o sábio em Provérbios. Os nossos pais olhavam bem para a raiz da árvore e se dispunham a esperar com paciência pelo aparecimento do fruto. Nós exigimos o fruto imediatamente, ainda que a raiz seja fraca e cheia de calosidades, ou inexistente completamente. Os impacientes cristãos de hoje desculpam as crenças simples dos santos doutros tempos e sorriem da sua séria abordagem de Deus e das coisas sagradas. Eram vítimas da sua perspectiva religiosa limitada, mas ao mesmo tempo eram grandes e vigorosas almas que conseguiram obter uma experiência espiritual satisfatória e fazer muita coisa boa no mundo, apesar dos seus defeitos. Assim, imitaremos o seu fruto sem aceitar a sua teologia e sem incomodar-nos demasiadamente com a adoção da sua atitude de tudo ou nada para com a religião.

Assim dizemos (ou mais provavelmente pensamos sem dizer), e toda voz da sabedoria, todo dado da experiência religiosa, toda lei da natureza nos diz quão errados estamos. O galho que se desliga da árvore numa tempestade pode florir brevemente e pode dar ao transeunte despreocupado a impressão de que é um ramo saudável e

frutífero, mas a sua tenra inflorescência logo perece, e o próprio ramo seca-se e morre. Não há vida duradoura, separada da raiz.

Muita coisa que passa por cristianismo hoje é o brilhante e breve esforço do ramo cortado para produzir seu fruto na estação própria. Mas as profundas leis da vida estão contra isso. A preocupação com as aparências e a correspondente negligência para com a raiz que está fora da vista, raiz da verdadeira vida espiritual, são sinais proféticos que passam despercebidos. Resultados "imediatos" é tudo que importa, rápidas provas do sucesso presente, sem se pensar na próxima semana ou no próximo ano. O pragmatismo religioso avança desenfreadamente entre os ortodoxos. A verdade é o que quer que funcione. Se dá resultado, é bom. Há apenas uma prova para o líder religioso: sucesso. Tudo se perdoa, exceto o fracasso. Uma árvore pode resistir a quase toda e qualquer tempestade se sua raiz é firme, mas quando a figueira que o Senhor amaldiçoou secou "desde a raiz", ela toda "secou" imediatamente. Uma igreja firmemente enraizada *não* pode ser destruída, mas nada pode salvar uma igreja cuja raiz secou. Estímulos, campanhas promocionais, ofertas em dinheiro, belo edifício — nada pode trazer de volta a vida à árvore sem raiz.

Com uma feliz desconsideração pela coerência da metáfora, o apóstolo Paulo nos exorta a atentar para as nossas origens. "Arraigados e alicerçados em amor", diz ele no que é obviamente uma confusão de figuras; e outra vez concha os seus leitores a permanecerem "arraigados e edificados nele", o que encara o cristão como uma árvore bem arraigada e como um templo a edificar-se sobre sólido fundamento.

A Bíblia inteira e todos os grandes santos do passado se unem para dizer-nos a mesma coisa. "Nada considerem como líquido e certo", eles nos dizem. "Voltem para as fundas raízes. Abram o coração e sondem as Escrituras. Levem sua cruz, sigam o seu Senhor e não dêem atenção à moda religiosa que passa. As massas estão sempre erradas. Em cada geração o número de justos é pequeno. Certifiquem-se de que estão entre eles."

"O homem não será estabelecido pela iniquidade; mas a raiz dos justos não será removida" (tradução literal da versão usada pelo autor).

27. E Fácil Viver com Deus

O primeiro ataque feito por Satanás à raça humana foi o seu astuto esforço para destruir a confiança de Eva na bondade de Deus. Infelizmente para ela e para nós, ele se saiu muito bem. Desde aquele dia, os homens têm tido um falso conceito de Deus. e foi exatamente isto que arrancou de debaixo deles a base da justiça e os levou a uma vida imprudente e destrutiva. Nada deforma e torce mais a alma do que um baixo e indigno conceito de Deus. Certas seitas, como a dos fariseus, conquanto sustentassem que Deus era severo e austero, empenhavam-se em manter um nível razoavelmente alto de moralidade externa; mas a sua justiça era apenas exterior. Interiormente eram "sepulcros caiados", como o Senhor mesmo lhes disse. Seu errôneo conceito de Deus resultou numa idéia errônea de culto. Para um fariseu, o serviço de Deus era uma escravidão que ele não amava, mas da qual não podia escapar sem que lhe sobreviesse uma perda grande demais para suportar. Não era fácil viver com o Deus do fariseu, de sorte que a sua religião tornou-se carrancuda, pesada e desamável. Só tinha que ser assim, pois sempre a nossa noção de Deus determina necessariamente a qualidade da nossa religião.

Muito cristianismo, desde os dias da carne de Cristo, também tem sido carrancudo e severo. E a causa é a mesma — uma indigna e inadequada idéia de Deus. Instintivamente tentamos ser iguais ao nosso Deus, e se o concebemos severo e exigente, assim seremos.

Do malogro de entender apropriadamente a Deus, provém um mundo de infelicidade entre os cristãos ainda hoje. Considera-se a religião um sombrio e desanimador processo de levar a cruz sob os olhos de um Pai severo que espera muito e não desculpa nada. Ele é austero, impertinente, altamente temperamental e extremamente difícil de agradar. A espécie de vida que brota de noções tão difamatórias necessariamente tem que ser apenas uma paródia da verdadeira vida em Cristo.

É da maior importância para a nossa vida espiritual ter sempre em mente uma correta concepção de Deus. Se pensamos nEle como frio e exigente, acharemos impossível amá-IO, e as nossas vidas serão dominadas por um temor servil. Por outro lado, se sustentamos que Ele é bondoso e compreensivo, toda a nossa vida interior refletirá essa idéia.

A verdade é que Deus é o mais encantador de todos os seres. e servi-IO é um prazer indescritível. Ele é todo amor, e aqueles que confiam nEle nunca precisarão conhecer coisa alguma, senão esse amor. Ele é justo deveras, e não deixa passar por alto o pecado; mas, pelo sangue da aliança eterna Ele pode agir para conosco exatamente como se nunca tivéssemos cometido pecado. Para os filhos dos homens que nEle confiam, a Sua misericórdia sempre triunfará sobre a justiça.

A comunhão de Deus é deleitável além de toda a expressão. Ele conversa com os Seus redimidos numa comunhão fácil e desinibida, repousante e conciliadora para a alma. Ele não é sentimentalista, nem egoísta, nem temperamental. O que Ele é hoje, veremos que continua sendo amanhã, depois de amanhã e no ano que vem. Não é difícil agradá-IO, embora talvez seja difícil satisfazê-IO. Ele só espera de nós aquilo de que primeiro nos supriu. Ele é rápido para anotar cada simples esforço para agradá-IO, e tão rápido, exatamente, para deixar de lado as nossas imperfeições quando sabe que a nossa intenção é fazer a Sua vontade. Ele nos ama pelo que somos e considera o nosso amor mais valioso do que as galáxias de novos mundos criados.

Infelizmente, muitos cristãos não podem ficar livres das suas pervertidas noções de Deus, e estas noções envenenam os seus corações e destroem a sua liberdade interior. Estes amigos servem a Deus de cara fechada, como fazia o irmão mais velho, fazendo o que é certo sem entusiasmo e sem alegria, e parecem totalmente incapazes de entender a alegre e animada celebração feita quando o pródigo chega em casa. A idéia que eles têm de Deus exclui a possibilidade de Ele ser feliz em Seu povo, e atribuem os cânticos e as aclamações a consumado fanatismo. Almas infelizes, estas, condenadas a prosseguirem em sua vida melancólica, carrancudamente determinadas a agir direito se os céus caírem, e a estar do lado do vencedor no dia do juízo.

Que bom seria se pudéssemos aprender que é fácil viver com Deus. Ele se lembra da nossa estrutura e sabe que somos pó. Pode castigar-nos às vezes, é certo, mas até isso Ele faz com um sorriso, o ufano e terno sorriso do Pai que arde de prazer por um filho impecado, mas que promete e que cada dia se parece mais com Aquele de quem é filho.

Alguns de nós ficam nervosos e encabulados porque sabemos que Deus vê cada pensamento nosso e conhece todos os nossos caminhos. Não precisamos ficar assim. Deus é a soma total de toda a paciência e a essência da amável boa vontade. Nós O agradamos muito, não tentando freneticamente fazer nós mesmos o bem, mas, sim, lançando-nos em Seus braços com todas as nossas imperfeições, e crendo que Ele compreende tudo e ainda nos ama.

28. Quanto a Receber Admoestação

Uma breve e singular passagem do Livro do Eclesiastes fala de um "rei velho e insensato, que já não se deixa admoestar".

Não é difícil entender por que um rei idoso, especialmente se fosse estulto, acharia que estava acima de toda admoestação. Depois de ler dado ordens durante anos, facilmente poderia construir uma psicologia autoconfiante que simplesmente não poderia agasalhar a noção de que deveria receber conselho de outrem. Por muito tempo a sua palavra fora lei, e, para ele, *certo* se tornara sinônimo da sua vontade e *errado* viera a significar tudo que contrariasse os seus desejos. Logo, a idéia de que houvesse alguém bastante sábio ou bastante bom para repreendê-lo não chegaria a entrar em sua mente. Se fosse um rei insensato, deixar-se-ia apanhar nesse tipo de rede, e se fosse um rei velho, daria à rede tempo suficiente para o prender tão fortemente que ele não poderia rompê-la, e tempo suficiente para acostumar-se tanto a ela que não mais estaria ciente da sua

existência.

Independentemente do processo moral pelo qual chegou à sua condição empedernida, o sino já dobrara para ele. Em todas as particularidades era um homem perdido. Seu ressequido e velho corpo ainda podia agüentar-se para provê-lo de um túmulo móvel para abrigar uma alma já morta. A esperança partira, havia muito tempo. Deus o deixara entregue ao seu próprio convencimento fatal. E logo morreria fisicamente, também, e morreria como morre um tolo.

Um estado de ânimo que rejeita a admoestação caracterizou Israel em vários períodos da sua história, e estes períodos foram seguidos invariavelmente pelo julgamento. Quando Cristo veio para os judeus, achou-os transbordantes daquela arrogante autoconfiança que não se dispõe a aceitar repreensão. "Somos somente de Abraão", disseram friamente quando Ele lhes falou dos pecados deles e da sua necessidade de salvação. As pessoas comuns O ouviam e se arrependiam, mas os sacerdotes tinham mantido o domínio tempo demais para se disporem a renunciar à sua posição privilegiada. Como o velho rei, tinham-se acostumado a estar certos o tempo todo. Reprécende-los era insultá-los. Estavam acima da censura.

As igrejas e as organizações cristãs têm mostrado uma tendência para cair no mesmo erro que destruiu Israel: incapacidade para receber admoestação. Depois de um período de crescimento e de labor vitorioso vem a mortal psicologia da autogratulação. O próprio sucesso torna-se a causa do fracasso posterior. Os líderes passam a aceitar-se como os escolhidos de Deus. São objetos especiais do favor divino; o sucesso deles é prova suficiente de que é assim. Portanto, eles têm que estar certos, e quem quer que tente chamá-los a contas é imediatamente proscrito como um intrometido desautorizado que devia ler vergonha de ousar censurar os que são melhores do que ele.

Se alguém imagina que estamos meramente jogando com as palavras, que aborde ao acaso algum líder religioso e chame a atenção dele para as fraquezas e pecados presentes em sua organização. Com toda a certeza, o tal topará com bruscas negativas e, se se atrever a persistir, será confrontado com relatórios e estatísticas para provar que está absolutamente errado e completamente fora de ordem. "Somos a semente de Abraão" será a carga da defesa. E quem ousaria achar falta na semente de Abraão?

Os que já entraram no estado em que não podem mais receber admoestação, não é provável que tirem proveito desta advertência. Depois que um homem caiu no precipício não há muito que você possa fazer por ele; mas podemos colocar sinais ao longo do caminho para impedir que o próprio viajante caia. Eis alguns:

1. Não defenda a sua igreja ou a sua organização contra a crítica. Se a crítica é falsa, não pode causar dano. Se é verdadeira, você tem que ouvi-la e fazer alguma coisa a respeito dela.

2. Preocupe-se, não com o que você tem realizado, mas com o que poderia ter realizado se seguisse o Senhor completamente. É melhor dizer (e sentir): "Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer."

3. Quando censurado, não preste atenção na fonte. Não indague se é um amigo ou um inimigo que o repreende. Frequentemente um inimigo é-lhe de maior valia do que um amigo, porque aquele não é influenciado pela simpatia.

4. Mantenha o coração aberto para a correção dada pelo Senhor e esteja preparado para receber dEle o castigo, sem se preocupar com quem segura o açoite. Os grandes santos aprenderam todos a levar surra com classe — e esta pode ser uma razão por que foram grandes santos.

29. O Grande Deus Entretenimento

Há muitos anos um filósofo alemão disse alguma coisa no sentido de que, quanto mais um homem tem no coração, menos precisará de fora; a excessiva necessidade de apoio externo é prova de falência do homem interior.

Sc isto é verdade (e eu creio que é), então o desordenado apego atual a toda forma de

entretenimento é prova de que a vida interior do homem moderno está em sério declínio. O homem comum não tem nenhum núcleo central de segurança moral, nenhum manancial em seu peito, nenhuma força interior para colocá-lo acima da necessidade de repetidas injeções psicológicas para dar-lhe coragem para continuar vivendo. Tornou-se um parasita no mundo, extraindo vida do seu ambiente, incapaz de viver um só dia sem o estímulo que a sociedade lhe fornece.

Schleiermacher afirmava que o sentimento de dependência está na raiz de todo culto religioso, e que por mais alto que a vida espiritual possa subir, sempre tem que começar com um profundo senso de uma grande necessidade que somente Deus poderia satisfazer. Se este senso de necessidade e um sentimento de dependência estão na raiz da religião natural, não é difícil ver por que o grande deus Entretenimento é tão ardentemente cultuado por tanta gente. Pois há milhões que não podem viver sem diversão. A vida para eles é simplesmente intolerável. Buscam ansiosos o bendito alívio dado por entretenimentos profissionais e outras formas de narcóticos psicológicos como um viciado em drogas busca a sua injeção diária de heroína. Sem estas coisas eles não poderiam reunir coragem para encarar a existência.

Ninguém que seja dotado de sentimentos humanos normais fará objeção aos prazeres simples da vida, nem às formas inofensivas de entretenimento que podem ajudar a relaxar os nervos e revigorar a mente exausta de fadiga. Essas coisas, se usadas com discrição, podem ser uma bênção ao longo do caminho. Isso é uma coisa. A exagerada dedicação ao entretenimento como atividade da maior importância para a qual e pela qual os homens vivem, e definitivamente outra coisa, muito diferente.

O abuso numa coisa inofensiva é a essência do pecado. O incremento do aspecto das diversões da vida humana em tão fantásticas proporções é um mau presságio, uma ameaça às almas dos homens modernos. Estruturou-se, chegando a constituir um empreendimento comercial multimilionário com maior poder sobre as mentes humanas e sobre o caráter humano do que qualquer outra influência educacional na terra. E o que é ominoso é que o seu poder é quase exclusivamente mau, deteriorando a vida interior, expelindo os pensamentos de alcance eterno que encheriam a alma dos homens, se tão-somente fossem dignos de abrigá-los. E a coisa toda desenvolveu-se dando numa verdadeira religião que retém os seus devotos com estranho fascínio, e, incidentalmente, uma religião contra a qual agora é perigoso falar.

Por séculos a igreja se manteve solidamente contra toda forma de entretenimento mundano, reconhecendo-o pelo que era — um meio para desperdiçar o tempo, um refúgio contra a perturbadora voz da consciência, um esquema para desviar a atenção da responsabilidade moral. Por isso ela própria sofreu rotundos abusos dos filhos deste mundo. Mas ultimamente ela se cansou dos abusos e parou de lutar. Parece ter decidido que, se ela não consegue vencer o grande deus Entretenimento, pode muito bem juntar suas forças às dele e fazer o uso que puder dos poderes dele. Assim, hoje temos o espantoso espetáculo de milhões de dólares derramados sobre o trabalho profano de providenciar entretenimento terreno para os filhos do Céu, assim chamados. Em muitos lugares o entretenimento religioso está eliminando rapidamente as coisas sérias de Deus. Muitas igrejas nestes dias têm-se transformado em pouco mais que pobres teatros onde "produtores" de quinta classe mascateiam as suas mercadorias falsificadas com total aprovação de líderes evangélicos conservadores que podem até citar um texto sagrado em defesa da sua delinqüência. E raramente alguém ousa levantar a voz contra isso.

O grande deus Entretenimento diverte os seus devotos principalmente lhes contando histórias. O gosto por histórias, característico da meninice, depressa tomou conta das mentes dos santos retardados dos nossos dias, tanto que não poucas pessoas pelejam para construir um confortável modo de vida contando lorotas, servindo-as com vários disfarces ao povo da igreja. O que é natural e bonito numa criança pode ser chocante quando persiste no adulto, e mais chocante quando aparece no santuário e procura passar por religião verdadeira.

Não é uma coisa esquisita e um espanto que, com a sombra da destruição atômica

pendendo sobre o mundo e com a vinda de Cristo estando próxima, os seguidores professos do Senhor se entreguem a divertimentos religiosos? Que numa hora em que há tão desesperada necessidade de santos amadurecidos, numerosos crentes voltem para a criança espiritual e clamem por brinquedos religiosos?

"Lembra-te, Senhor, do que nos tem sucedido; considera, e olha para o nosso opróbrio. . . Caiu a corou da nossa cabeça; ai de nós porque pecamos! Por isso caiu doente o nosso coração: por isso se escureceram os nossos olhos." Amém. Amem.

30. **Bíblia Ensinada ou Espírito Ensinado?**

Pode ser um choque para alguns leitores sugerir que há diferença entre ensinar-se a Bíblia e ensinar-se o Espírito. Todavia, assim é.

É inteiramente possível ser instruído nos rudimentos da fé e, contudo, não se ter nenhum real entendimento da coisa toda. E é possível ir avante e tornar-se especialista em doutrina bíblica e não se ter iluminação espiritual, com o resultado que permanece um véu sobre a mente, impedindo-a de aprender a verdade em sua essência espiritual.

A maioria de nós conhece igrejas que ensinam a Bíblia às suas crianças desde os seus mais tenros anos, dão-lhes longas instruções no catecismo, treinam-nas ainda mais em aulas ministradas pelo pastor, e, apesar disso, nunca produzem nelas um cristianismo vivo, nem uma piedade viril. Os membros dessas igrejas não dão prova de terem passado da morte para a vida. Não se acha entre eles nem uma só das marcas da salvação tão claramente indicadas nas Escrituras. A sua vida religiosa é correta e razoavelmente moral, mas totalmente mecânica e completamente carente de brilho. Usam a sua fé como as pessoas de luto outrora usavam faixas negras no braço para mostrar seu amor e respeito pelos falecidos.

Tais pessoas não podem ser despedidas como hipócritas. Muitas delas são pateticamente sérias nisso tudo. São simplesmente cegas. Dada sua carência do Espírito vital, são forçadas a ir adiante com a casca exterior da fé, enquanto o tempo todo as profundezas do seu coração estão famintas da realidade espiritual, e elas não sabem o que há de errado consigo.

Esta diferença entre a religião do credo e a religião do Espírito é muito bem exposta pelo piedoso Tomás numa pequena e terna oração a seu Senhor: "Os filhos de Israel no passado disseram a Moisés: 'Fala-nos tu, e te ouviremos; porém não fale Deus conosco, para que não morramos'. Isso não, Senhor, isso não, eu Te rogo; antes, como o profeta Samuel, humildemente e fervorosamente eu Te imploro: 'Fala, Senhor, porque o teu servo ouve'. Não me fale Moisés, nem qualquer dos profetas, mas, antes, fala Tu, ó Senhor Deus, o inspirador, o iluminador de todos os profetas; pois Tu, sozinho, sem eles, podes instruir-me perfeitamente, mas, sem Ti, eles não podem ter proveito nenhum. Podem proferir palavras, é certo, mas não podem dar o Espírito. Deveras falam com a maior beleza, mas se Tu estás silencioso, eles não inflamam o coração. Eles ensinam a letra, mas Tu abres o sentido; eles expõem mistério, mas Tu pões a descoberto o significado de coisas seladas. . . Eles trabalham apenas exteriormente, mas Tu instruis e iluminas o coração. . . Eles bradam em alta voz com as palavras, mas Tu dás entendimento ao que ouve."

Seria difícil encerrar tanto, melhor do que isso. A mesma coisa tem sido dita de várias maneiras por outros; contudo, provavelmente o dito mais conhecido é: "Para compreender-se a Escritura, é preciso lê-la com o mesmo Espírito que originalmente a inspirou." Ninguém nega isto, mas mesmo essa afirmação entrará por um ouvido e sairá por outro dos que a ouvem, a menos que o Espírito Santo inflame o coração.

A acusação que nos fazem os liberais ou modernistas, de que somos "bibliólatras", provavelmente não é verdadeira no mesmo sentido visado por nossos detratores; mas a sinceridade e auto-análise nos forçarão a admitir que freqüentemente há muita verdade nessa acusação. Entre pessoas religiosas de inquestionável ortodoxia acha-se às vezes uma obtusa dependência da letra do texto, sem a mais tênue compreensão do seu espírito. É

preciso manter constantemente diante das nossas mentes que em sua essência a verdade é espiritual, se de fato queremos conhecer a verdade. Jesus Cristo é, Ele próprio, a Verdade, e Ele não pode ser confinado a meras palavras, apesar de que, como cremos ardentemente, Ele mesmo inspirou as palavras. O que é espiritual não pode ser encerrado por tinta nem cercado por tipos e papel. O melhor que um livro pode fazer é dar-nos alerta da verdade. Se alguma vez recebemos mais que isso, há de ser pelo Espírito Santo que no-lo dá.

A grande necessidade da hora presente entre as pessoas espiritualmente famintas é dupla: Primeiro, conhecer as Escrituras, sem as quais nenhuma verdade salvadora será concedida por nosso Senhor; segundo, ser iluminado pelo Espírito, sem Quem as Escrituras não serão compreendidas.

31. A Cruz E uma Coisa Radical

A cruz de Cristo é a coisa mais revolucionária que já apareceu entre os homens.

Depois que Cristo ressurgiu dos mortos, os apóstolos saíram a pregar a Sua mensagem, e o que pregaram foi a cruz. E por onde quer que fossem pelo mundo, levavam a cruz, e o mesmo poder revolucionário ia com eles. A mensagem radical da cruz transformou Saulo de Tarso e o mudou de perseguidor dos cristãos em um terno crente e um apóstolo da fé. Seu poder mudou homens maus em bons. Sacudiu a longa escravidão do paganismo e alterou completamente toda a perspectiva moral e mental do mundo ocidental.

Fez tudo isso, e continuou a fazê-lo enquanto se lhe permitiu permanecer como fora originalmente, uma cruz. Seu poder se foi quando foi mudado de uma coisa de morte para uma coisa de beleza. Quando os homens fizeram dela um símbolo, penduraram-na nos seus pescoços como ornamento ou fizeram o seu contorno diante dos seus rostos como um sinal mágico para protegê-los do mal, então ela veio a ser, na sua melhor expressão, um fraco emblema, e na pior, um inegável feitiço. Como tal, é hoje reverenciada por milhões que não sabem absolutamente nada do seu poder.

A cruz atinge os seus fins destruindo o modelo estabelecido, o da vítima, e criando outro modelo, o seu próprio. Assim, ela tem sempre o seu método. Vence derrotando o seu oponente e lhe impondo a sua vontade. Domina sempre. Nunca se compromete, nunca faz barganhas, nunca faz concessão, nunca cede um ponto por amolda paz. Não se preocupa com a paz; preocupa-se em dar fim à sua oposição tão depressa quanto possível.

Com perfeito conhecimento disso tudo, Cristo disse: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me." Assim a cruz não só põe fim à vida de Cristo; termina também a primeira vida, a velha vida. de cada um dos Seus seguidores verdadeiros. Ela destrói o velho modelo, o modelo de Adão, na vida do crente, e lhe dá fim. Então o Deus que levantou a Cristo dos mortos levanta o crente, e uma nova vida começa.

Isto, e nada menos que isto, é o cristianismo verdadeiro, embora não possamos senão reconhecer a aguda divergência que há entre esta concepção e a sustentada pelo tipo comum de cristãos conservadores hoje. Mas não ousamos qualificar a nossa posição. A cruz ergue-se muito acima das opiniões dos homens e a essa cruz todas as opiniões terão que vir afinal para julgamento. Uma liderança superficial e mundana gostaria de modificar a cruz para agradar os religiosos maníacos por entretenimento que querem divertir-se até mesmo dentro do santuário; fazê-lo, porém, é cortejar a tragédia espiritual e arriscar-se à ira do Cordeiro feito Leão.

Temos que fazer alguma coisa quanto à cruz, e só podemos fazer uma destas duas: fugir ou morrer nela. E se formos tão temerários que fugamos, com esse ato estaremos pondo fora a fé vivida por nossos pais e faremos do cristianismo uma coisa diferente do que é. Neste caso, teremos deixado somente o vazio linguajar da salvação; o poder se irá juntamente com a nossa partida para longe da verdadeira cruz.

Se somos sábios, faremos o que Jesus fez: suportaremos a cruz e desprezaremos a sua vergonha pela alegria que está posta diante de nós. Fazer isso é submeter todo o esquema

da nossa vida, para ser destruído e reconstruído no poder de uma vida que não se acabará mais. E veremos que é mais que poesia, mais que doce hinologia e elevado sentimento, A cruz cortará fundo as nossas vidas onde fere mais, não nos poupando nem a nós mesmos nem as nossas reputações cultivadas. Ela nos derrotará e porá fim às nossas vidas egoístas. Só então poderemos elevar-nos em plenitude de vida para estabelecer um padrão de vida totalmente novo, livre e cheio de boas obras.

A modificada atitude para com a cruz que vemos na ortodoxia moderna prova, não que Deus mudou, nem que Cristo afrouxou a Sua exigência de que levemos a cruz; em vez disto, significa que o cristianismo corrente desviou-se dos padrões do Novo Testamento. Para tão longe nos desviamos que nada menos que uma nova reforma restabelecerá a cruz em seu lugar certo na teologia e na vida da igreja.

Excertos Extraídos de *De Deus e o Homem*

32. O Relatório do Observador

Se um observador ou um santo oriundo do fulgente mundo do Alto viesse para estar entre nós por algum tempo com o poder de diagnosticar os males espirituais do povo da igreja, há um item que estou certo apareceria na imensa maioria dos seus relatórios: *Definida evidência de lassidão espiritual crônica; nível do entusiasmo moral extremamente baixo.*

O que dá especial significado a esta condição é que os americanos não são por natureza um povo sem entusiasmo. Na verdade gozam reputação mundial de serem justamente o contrário. Visitantes que chegam às nossas costas vindos doutros países nunca cessam de maravilhar-se ante o vigor e a energia com que atacamos os nossos problemas. Vivemos febris, e se erigimos edifícios, construímos rodovias, promovemos atividades atléticas, comemoramos dias especiais ou recepcionamos heróis em seu regresso, sempre o fazemos com exagerado vigor. Os nossos edifícios hão de ser mais altos, as nossas estradas mais largas, as nossas competições atléticas mais coloridas, as nossas celebrações mais elaboradas e mais dispendiosas do que de fato seriam em quaisquer outros lugares da terra, Caminhamos mais depressa, dirigimos mais depressa, ganhamos mais, gastamos mais e temos pressão sangüínea mais alta do que qualquer outro povo do mundo.

Somente num campo de interesse humano somos lentos e apáticos: o da religião pessoal. Aí, por alguma estranha razão, o nosso entusiasmo lerdia. O povo da igreja habitualmente aborda a questão da sua relação pessoal com Deus de maneira vagarosa e desanimada, em total desacordo com o seu temperamento geral e inteiramente incoerente com a importância do assunto.

É verdade que existe muita atividade religiosa entre nós. Torneios de bola-ao-cesto entre as igrejas, festas levemente religiosas seguidas de devoções, excursões para acampamentos nos fins de semana com perguntas bíblicas ao redor do fogo, convescotes das escolas dominicais, campanhas em prol dos fundos de construção e almoços ministeriais estão conosco em número incrível, e são levados a efeito com o típico gosto americano. É quando entramos na área da religião pessoal do coração que de repente perdemos todo o entusiasmo.

Assim, vemos esta situação estranha e contraditória: um mundo de ruidosa e altaneira atividade religiosa realizada sem energia ou sem fervor espiritual. Numa viagem de um ano pelas igrejas, raramente se encontra um crente cuja contagem do sangue seja normal e cuja temperatura esteja acima do normal. A emoção e o arrebatado vigor da alma inflamada de amor têm de ser procurados no Novo Testamento ou nas biografias dos cristãos fiéis; procuramo-los em vão entre os confessos seguidores de Cristo dos nossos dias.

Ora, se há alguma realidade dentro de toda a esfera da experiência humana que, por

sua própria natureza, é digna de desafiar a mente, encantar o coração e levar a vida integral a um centro focal ardente, é a realidade que gira ao redor da Pessoa de Cristo. Se Ele é quem e o que a mensagem cristã declara que é, então, pensar nEle deveria ser a coisa mais animadora e estimulante a entrar na mente humana. Não é difícil entender como Paulo pôde juntar vinho e o Espírito num mesmo versículo: "E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito" (Ef 5:18). Quando o Espírito apresenta Cristo à nossa visão interior, produz um efeito alvoroçador na alma, muito parecido com o que o vinho produz no corpo. O homem cheio do Espírito Santo pode literalmente viver num estado de fervor espiritual que remonta a uma embriaguez branda e pura.

Deus vive num estado de perpétuo entusiasmo. Deleita-se com tudo que é bom, e se preocupa amorosamente com tudo que é errado. Leva avante os seus labores sempre com plenitude de santo zelo. Não é de admirar-se que o Espírito veio no Pentecostes como um som de um vento impetuoso e pousou em línguas de fogo sobre as frentes de cada um dos presentes. Fazendo-o, estava agindo como uma das Pessoas da bendita divindade.

Seja o que for que ademais tenha acontecido no Pentecostes, uma coisa que não pode ser esquecida pelo observador mais casual foi o repentino surgimento do entusiasmo moral. Aqueles primeiros discípulos ficaram ardendo com um constante fogo interior. Entusiasmaram-se ao ponto de chegarem à renúncia completa.

Dante, em sua viagem imaginária pelo inferno, aproximou-se de um grupo de almas perdidas que suspiravam e gemiam continuamente enquanto giravam sem objetivo no ar sombrio. Virgílio, seu guia, explicou que eram os "indivíduos desprezíveis", os "quase sem alma", que, quando viviam na terra, não tinham energia moral bastante para serem bons ou maus. Não tinham recebido nem louvor nem acusação. E com eles, e compartilhando o seu castigo, estavam os anjos que não tomaram partido, nem ao lado de Deus, nem ao lado de Satanás. O destino de todo o grupo de fracos e irresolutos era o de ficarem eles suspensos para sempre entre um inferno que os desprezava e um céu que não queria receber a sua presença manchada. Nem sequer os seus nomes deviam ser mencionados de novo no céu, na terra, ou no inferno. "Olha", disse o guia, "e passa adiante".

Estaria Dante dizendo a seu modo o que o Senhor disse muito tempo antes à igreja de Laodiceia: "Quem dera fosses frio ou quente! Assim, porque és morno, nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca"?

O baixo nível de entusiasmo moral entre nós pode ter significação mais profunda do que estamos dispostos a acreditar.

33. Exposição Requer Aplicação

Charles G. Finney acreditava que o ensino da Bíblia sem aplicação moral podia ser pior do que não se ministrar nenhum ensino e podia resultar em verdadeiro dano aos ouvintes. Eu achava que esta poderia constituir uma posição extremista, mas, depois de anos de observação, cheguei perto dela, ou a uma opinião quase idêntica a ela.

Difícilmente haverá alguma coisa tão fátua e sem sentido como ensinar doutrina bíblica apenas por amor da doutrina. A verdade divorciada da vida não é verdade no sentido bíblico, mas é coisa diferente e inferior. A teologia é um conjunto de fatos a respeito de Deus, do homem e do mundo. Estes fatos podem ser, e muitas vezes são, expostos como valores em si mesmos; e aí está a armadilha, tanto para o mestre como para o ouvinte.

A Bíblia é, entre outras coisas, o livro da verdade revelada. Isto é, são revelados nele certos fatos que não poderiam ser descobertos pela mente mais brilhante. Estes fatos são de tal natureza que poderiam passar despercebidos. Estavam ocultos atrás de um véu e, enquanto certos homens que falaram quando foram movidos pelo Espírito Santo não tiraram o véu, nenhum mortal pôde conhecê-los. A este levantar do véu de coisas não

conhecidas partindo de coisas não suscetíveis de serem descobertas, chamamos revelação divina.

Contudo, a Bíblia é mais do que um volume que contem fatos até então ignorados sobre Deus, o homem e o universo. É um livro de exortação baseada naqueles fatos. Em grande proporção, a maior parte do livro é dedicada a um insistente esforço para persuadir as pessoas a mudarem os seus caminhos e a pôr as suas vidas em harmonia com a vontade de Deus como exposta em suas páginas.

Ninguém fica melhor por saber que no princípio Deus criou os céus e a terra. O diabo o sabe, como também o sabiam Acabe e Judas Iscariotes. Ninguém fica melhor por saber que de tal maneira amou Deus ao mundo, que deu o seu Filho unigênito para morrer para a sua redenção. No inferno há milhões que sabiam disso. A verdade teológica é inútil enquanto não é obedecida. O propósito por trás de toda doutrina é assegurar a ação moral.

O que geralmente se passa por alto é que a verdade, como exposta nas Escrituras cristãs, é uma coisa moral; não se dirige somente ao intelecto, mas também à vontade. Dirige-se ao homem total, e não lhe é possível desincumbir-se das suas obrigações captando-a mentalmente. Ela ocupa a cidadela do coração humano, e não ficará satisfeita enquanto não subjugar tudo que há ali. Cabe à vontade aparecer e entregar a sua espada. Tem de ficar em posição de alerta para receber ordens, e tem de obedecer a essas ordens. Menos que isso, qualquer conhecimento da verdade é inadequado e inútil.

Expôr a Bíblia sem fazer aplicação moral não provoca oposição nenhuma. É só quando o ouvinte é levado a compreender que a verdade está em conflito com o seu coração que a resistência começa. Enquanto as pessoas puderem ouvir a verdade ortodoxa divorciada da vida, freqüentarão e sustentarão as igrejas e as instituições sem objeção. A verdade é uma canção amena, e se torna agradável pela associação demorada e terna; e visto que não pede nada, senão alguma soma de dinheiro, e oferece boa música, amizades agradáveis e confortável sensação de bem-estar, não encontra resistência da parte dos fiéis. Muita coisa que passa por cristianismo neo-testamentário é pouco mais que a verdade objetiva adocicada com canções e tornada saborosa por meio de entretenimentos religiosos.

Provavelmente nenhuma outra porção das Escrituras pode comparar-se com as epístolas paulinas na produção de santos artificiais. Pedro advertiu que os ignorantes e os instáveis torcem para a própria destruição deles os escritos de Paulo, e basta que compareçamos a uma conferência sobre a Bíblia, dessas que se fazem comumente, e ouçamos algumas preleções, para sabermos o que Pedro quis dizer. O que é nefasto é que as doutrinas paulinas podem ser ensinadas com completa fidelidade à letra do texto, sem melhorar os ouvintes nem um pouco. O mestre pode, e freqüentemente o faz, ensinar a verdade de molde a deixar os ouvintes sem senso de obrigação moral.

Uma razão do divórcio entre a verdade e a vida pode ser a falta de iluminação do Espírito. Outra é decerto a falta de disposição do mestre para meter-se em dificuldades. Qualquer homem dotado de belos dons para o púlpito pode trabalhar em harmonia com a igreja normal, se simplesmente a "alimentar" e a deixar a sós, Dê uma porção de verdades objetivas aos ouvintes e nunca insinue que estão errados e precisam corrigir-se, e ficarão contentes.

Por outro lado, o homem que prega a verdade e a aplica às vidas dos seus ouvintes, sentirá os cravos e os espinhos. Levará uma vida dura, mas gloriosa. Queira Deus levantar muitos profetas assim. A igreja tem aguda necessidade deles.

34. Cuidado com a Mentalidade de Cartão de Fichário

A essência da verdadeira religião é a espontaneidade, os soberanos movimentos do Espírito Santo sobre o espírito livre do homem redimido e no seu espírito. Através dos anos da história humana, tem sido este o autêntico sinal da excelência espiritual, a prova da realidade num mundo de irrealidade.

Quando a religião perde o seu caráter soberano e se torna mera forma, esta

espontaneidade também se perde, e em seu lugar vem a mentalidade de precedente, de propriedade, de sistema — de fichário.

Subjacente à mentalidade de fichário está a crença em que a espiritualidade pode ser organizada. Então se introduzem na religião aquelas idéias que jamais lhe pertenceram — números, estatística, a lei das médias, e outras coisas naturais e humanas como essas. E a arrepiante morte segue-se sempre.

Ora, o fichário é um pequeno instrumento deveras inofensivo e útil para alguns propósitos. É esplêndido para manter os registros de frequência da Escola Dominical, e sem ele dificilmente se pode controlar bem uma lista de endereços para expedição postal. É uma boa coisa em seu lugar próprio, e mortal fora do seu lugar. O seu perigo vem da bem conhecida tendência humana de depender de ajudas externas no trato de coisas internas.

Quando o cartão de fichário começa a dirigir a vida do cristão, imediatamente se torna um estorvo e uma maldição. Quando ele sai do arquivo e entra no coração humano, aí de nós; nada, senão uma revolução espiritual interior pode livrar a vítima do seu destino.

Eis como o fichário funciona quando entra na vida cristã e começa a criar hábitos mentais: Divide a Bíblia em seções adaptadas para os dias do ano, e compele o cristão a ler de acordo com a regra. Não importa o que o Espírito Santo esteja querendo dizer a um homem, ele ainda continua lendo onde a ficha lhe diz que leia, subservientemente, checando-a todo dia.

Todo santo dirigido pelo Espírito sabe que há vezes em que é retido por uma compulsão interna num capítulo, ou mesmo num versículo, durante dias, ocasião em que ele luta com Deus, até que alguma verdade faz o seu trabalho dentro dele. Deixar dita passagem para seguir um plano de leitura programada é-lhe totalmente impossível. Ele está nas mãos do Espírito independente, e a realidade está perante ele para quebrantar, humilhar, levantar, libertar e encorajar. Porém, somente a alma livre pode saber a glória disso. A isto o coração preso ao sistema será um estranho para sempre.

O escravo do fichário logo vê que as suas orações perdem a sua liberdade e se tornam menos espontâneas, menos eficazes. Vê-se preocupado com questões que não deveriam preocupá-lo em nada — quanto tempo passou orando ontem, se ele completou ou não a lista de assuntos de oração para o dia, se se levanta cedo como de costume ou se permanece em oração até tarde da noite como costumava. Inevitavelmente, o calendário afasta o Espírito e a face do mostrador do relógio esconde a face de Deus. A oração deixa de ser a livre respiração de uma alma resgatada e se torna um dever para cumprir-se. E mesmo que sob tais circunstâncias consiga fazer a sua oração atingir algo, ainda assim sofre trágicas perdas e impõe à sua alma um jugo do qual Cristo morreu para livrá-lo.

O pastor também deve vigiar para não vir a ser vítima do fichário. Para quem tem uma rota a percorrer, parece boa idéia elaborar um sistema de sermões de ampla cobertura, delimitando as doutrinas da Bíblia como o fazendeiro divide os seus acres de terra, dedicando certo espaço de tempo durante o ano para sermões sobre várias verdades da Bíblia, de sorte que o fim de dado período se tenha dado a devida atenção a cada uma delas. Teoricamente isto deveria ser excelente, mas matará qualquer homem que o siga, e matará a sua igreja também; e uma característica desta espécie de morte é que nem o pastor nem o povo se dão conta de que ela chegou.

Os responsáveis pelas atividades das igrejas e os que trabalham pelo Evangelho também devem estar atentos a armadilha do fichário. É uma coisa mortal e é capaz de sufocar a espontânea operação do Espírito. Homem nenhum precisa morrer, homem nenhum precisa ficar em paciente e sofredora oração na presença de Deus enquanto o Espírito infunde a sua vontade soberana em seu coração crente. Nada de visão de Deus, alta e exaltada, nada de chocante exposição de impureza interior. nada de dores de uma brasa viva nos lábios.

A glória do Evangelho é a sua liberdade. Os fariseus, que *eram* escravos, odiavam a Cristo porque Ele era livre. A batalha pela liberdade espiritual não terminou quando o nosso Senhor ressurgiu dos mortos. Ela prossegue, e num grau trágico os filhos da liberdade a estão perdendo. Muitos que têm melhor conhecimento estão entregando a sua

liberdade apenas com uma luta simbólica. Aham mais fácil consultar o fichário do que buscar em oração um lugar de iluminação espiritual e segurança profética interior.

Será realmente motivo de lamento em Sião quando a raça dos livres morrer na igreja e a obra de Deus for totalmente confiada aos escravos das fichas.

35. O Uso e Abuso do Bom Humor

Poucas coisas são tão benéficas na vida cristã como um agradável senso de humor, e poucas são tão mortais como um senso de humor descontrolado.

Muitos perdem a carreira da vida por sua frivolidade. Paulo tem o cuidado de advertir-nos. Diz ele claramente que a maneira de conduzir-se característica do cristão não deve ser a da conversação zombeteira e tola. mas sim, a de ações de graças (Ef 5:1-5), É significativo que nessa passagem o apóstolo classifica a leviandade, ou "palavras vãs", juntamente com a impureza, a cobiça e a idolatria.

Ora, é óbvio que uma apreciação do humorístico não é um mal em si. Quando Deus nos fez, incluiu o senso de humor como um traço característico embutido em nossa estrutura, e o ser humano normal possui este dom, pelo menos em algum grau. A fonte do humorismo é a capacidade de perceber o incôngruo. As coisas que estão fora de foco nos parecem engraçadas, e podem despertar em nós um sentimento de diversão que irromperá em risada.

Os ditadores e os fanáticos não têm senso de humor. Hitler nunca percebeu como ele parecia divertido, nem Mussolini soube como soava ridículo quando declamava solenemente as suas frases bombásticas.

O religioso fanático olha para situações tão cômicas que chegam a provocar incontrolável hilaridade em pessoas normais, e não vê nada de divertido nelas. Este ponto cego em sua constituição impede que veja quão seriamente fora de foco estão a sua vida e as suas crenças. E na medida em que é cego para o incôngruo, é anormal; não é integralmente o que Deus quer que ele seja.

Bom humor é uma coisa, mas frivolidade é outra muito diferente. O cultivo de um espírito que não pode levar nada a sério é uma das grandes maldições da sociedade e, dentro da igreja, tem servido para impedir muita bênção espiritual que doutro modo teria descido sobre nós. Todos temos encontrado aqueles que não são sérios nunca. Reagem a tudo com uma risada e com uma observação engraçada. Isto já é bastante ruim no mundo, mas positivamente intolerável entre os cristãos.

Não permitamos que um senso de humor pervertido nos arruíne. Algumas coisas são engraçadas, e podemos muito bem rir algumas vezes. Mas o pecado não é divertido; a morte não é divertida. Não há nada de engraçado num mundo cambaleando à beira da destruição; nada de engraçado na guerra e na visão de rapazes esvaindo-se em sangue nos campos de batalha; nada de engraçado nos milhões que perecem cada ano sem jamais terem ouvido o Evangelho de amor.

É hora de traçarmos uma linha divisória entre o falso e o verdadeiro, entre as coisas incidentais e as vitais. Montões de coisas podemos deixar passar com um sorriso. Mas quando o humorismo toma a religião como seu objeto de diversão, já não é natural — é pecaminoso e deve ser denunciado pelo que é. e deve ser evitado por todo aquele que deseja andar com Deus.

Têm sido feitas inúmeras preleções, canções têm sido entoadas e livros têm sido escritos exortando-nos a encarar a vida com um sorriso e a rir de modo que o mundo possa rir conosco; lembremo-nos. porém, de que, por mais alegres que os cristãos possam ficar, o diabo não é tolo. Ele é insensível e sério, e afinal veremos que ele estivera competindo para ganhar. Se nós que nos proclamamos seguidores do Cordeiro não levarmos as coisas a sério, Satanás o fará, e ele é bastante astuto para usar a nossa leviandade para destruir-nos.

Não estou argumentando em prol de uma solenidade antinatural; não vejo valor na

melancolia, e não vejo mal numa boa risada. Minha luta é por uma seriedade grandiosa que harmonizará a nossa disposição de ânimo com a do Filho do homem, dos profetas e dos apóstolos das Escrituras. A alegria do Senhor pode tornar-se a música dos nossos corações, e o júbilo do Espírito Santo modulará as harpas dentro de nós. Então poderemos alcançar aquela felicidade morai que é uma das marcas da verdadeira espiritualidade, e também poderemos escapar dos maus efeitos do humorismo impróprio.

36. Cultivemos a Simplicidade e a Solidão

Nós cristãos temos de simplificar as nossas vidas, ou leremos de perder tesouros incontáveis, na terra e na eternidade.

A civilização moderna é tão complexa que torna a vida de devoção quase impossível. Cansa-nos multiplicando distrações e nos prostra destruindo a nossa soledade, quando, doutro modo, poderíamos beber e renovar as nossas forças antes de sair para enfrentar de novo o mundo.

"A alma que gosta de meditar, retira-se para a solidão", disse o poeta de outros tempos, tempos mais tranquilos; mas, onde está a solidão para a qual podemos retirar-nos hoje? A ciência, que propiciou aos homens certas comodidades materiais, roubou-lhes as almas, cercando-os com um mundo hostil à sua existência. "Converse com o seu coração em seu leito, e fique tranquilo", é um conselho sábio e com poder curativo, mas como pode ser seguido nestes dias de jornais, telefone, rádio e televisão? Estes brinquedos modernos, como filhotes de tigre de estimação, cresceram e ficaram tão grandes e perigosos, que ameaçam devorar-nos a todos. O que foi planejado para ser uma bênção tornou-se positivamente uma maldição. Lugar nenhum está salvo agora da intrusão do mundo.

Um modo pelo qual o mundo civilizado destrói os homens é impedindo-os de ter os seus próprios pensamentos.

Os nossos "meios de comunicação enormemente melhorados", de que os de visão curta se jactam alto e bom som, agora capacitam uns poucos homens, em centros estratégicos, a alimentar milhões de mentes com conteúdo de pensamento alheio, pré-fabricado e pré-digerido. Uma pequena assimilação, sem esforço, destas idéias tomadas por empréstimo, e o homem comum terá acionado todo o pensamento que quer ou que pode acionar. Esta sutil lavagem cerebral prossegue dia após dia e ano após ano, para prejuízo eterno da população — população que, casualmente, está disposta a pagar grandes somas de dinheiro para obter trabalho pronto, sendo que a razão disso, suponho eu, é que isso a livra da tarefa árdua e muitas vezes assustadora de chegar a decisões independentes pelas quais terá de assumir a responsabilidade.

Houve época, não faz muito tempo, em que o lar de um homem era o seu castelo, refúgio seguro para o qual podia voltar para ter sossego e soledade. Ali "as chuvas do céu podem despejar-se, mas nem o próprio rei pode entrar sem permissão", diziam os orgulhosos ingleses, e não se gabavam em vão. Isso era de fato um lar. Sobre tão sagrado lugar o poeta cantou:

*Oh! quando a salvo estou cm meu rústico lar, piso o orgulho da Grécia e a arrogância de Roma; e quando à boa sombra dos pinhais me estendo, onde a estrela da tarde tão pura resplende, rio-me do saber e da vaidade do homem, das escolas sofistas e da casta dos doutos; pois, que são eles todos, em sua presunção, quando na sarça o homem pode estar com Deus?*²

Embora um tanto fora do escopo da presente obra, não posso abster-me de observar que o sinal mais ominoso da destruição que está para sobrevir ao nosso país é o passamento do lar americano. Os americanos não vivem mais nos lares, mas nos teatros. Os membros de muitas famílias mal se conhecem uns aos outros, e o rosto de algum astro popular da TV é tão familiar para muitas esposas como o dos seus maridos. Que ninguém sorria. Antes, devemos chorar pelo que isso pressagia. De nada adiantará buscarmos

² *Good-bye*, Ralph Waldo Emerson.

proteção debaixo das estrelas e listras da nossa bandeira. Nenhuma nação cujo povo se tenha vendido por pão e circo pode durar por muito tempo. Os nossos pais dormem profundamente, e a desagradável confusão do ruído comercializado que nos engolfa como algo do *Inferno* de Dante, não pode perturbar o sono deles. Eles nos legaram uma formosa herança. Para preservar essa herança, precisamos ter um caráter nacional tão forte como o deles. E isto só se pode desenvolver num lar cristão.

A necessidade de soledade e quietude nunca foi maior do' que hoje. O que o mundo fará a respeito é problema dele. Aparentemente, as massas querem as coisas como estão, e na maioria os cristãos acham-se tão conformados com a presente era, que eles também querem que as coisas continuem como estão. Talvez estejam um pouco aborrecidos pelo clamor e pela vida de aquário que levam, mas evidentemente não estão suficientemente aborrecidos para fazer algo a respeito. Contudo, há alguns poucos cristãos que já deram o basta. Querem reaprender os caminhos da soledade e da simplicidade, e obter as riquezas infinitas da vida interior. Querem descobrir a bem-aventurança daquilo que o Dr. Max Reich chamava de "solidão espiritual". A esses irmãos ofereço um breve parágrafo de conselho.

Retire-se do mundo todo dia para algum local privado, ainda que seja apenas o quarto (por um tempo fiz o meu retiro na câmara da caldeira de aquecimento, por falta de lugar melhor). Permaneça no local secreto até que os ruídos circundantes comecem a esvair-se do seu coração e a sensação da presença de Deus o envolva. Deliberadamente desligue os sons desagradáveis e saia do seu recanto secreto determinado a não ouvi-los. Ouça a voz interior até aprender a reconhecê-la. Pare de tentar competir com outros. Entregue-se a Deus, e então seja o que e quem é, sem se importar com o que os outros pensam. Reduza os seus interesses a uns poucos. Não procure saber coisas que não lhe sejam úteis. Evite a mente condensada — cheia de pedaços de fatos não relacionados entre si, histórias bonitas e ditos brilhantes. Aprenda a orar interiormente a todo momento. Após algum tempo, você poderá fazer isso enquanto trabalha. Pratique a candura, a sinceridade da criança, a humildade. Ore pedindo olhos simples. Leia menos, mas leia mais daquilo que é importante para a sua vida interior. Jamais permita que a sua mente fique dispersa por muito tempo. Chame para casa os seus pensamentos errantes. Contemple Cristo com os olhos da alma. Exercite a concentração espiritual.

Tudo que acima foi dito depende da correta relação com Deus por meio de Cristo, e da meditação diária nas Escrituras. Faltando estas coisas, nada nos ajudará; asseguradas, a disciplina recomendada conseguirá neutralizar os maus efeitos do externalismo e nos fará conhecer bem a Deus e às nossas próprias almas.

37. O Mundo Bíblico E o Mundo Real

Quando lê as Escrituras, a pessoa sensível por certo sente a marcante diferença entre o mundo como a Bíblia o revela e o mundo como concebido pelos religiosos de hoje. E o contraste não nos favorece.

O mundo como o viam os homens e mulheres da Bíblia era um mundo pessoal, cálido, amigo, povoado. O mundo deles continha primeiramente o Deus que o criara, que ainda habitava nele como num santuário, e que poderia ser descoberto a passear entre as árvores do jardim, se o coração humano fosse bastante puro para sentir e os olhos bastante aptos para verem. Também estavam presentes lá muitos seres enviados de Deus para ministrarem àqueles que eram os herdeiros da salvação. Reconheciam também a presença de forças sinistras às quais era dever dele opor-se, e que podiam vencer facilmente apelando para Deus em oração.

Os cristãos pensam hoje no mundo em termos totalmente diferentes. A ciência, que nos trouxe muitos benefícios, também trouxe com eles um mundo totalmente diverso daquele que vemos nas Escrituras. O mundo de hoje consiste de espaços amplos e ilimitados, tendo aqui e ali, a remotas distâncias uns dos outros, corpos cegos e sem

sentido, controlados somente por leis naturais das quais eles não podem escapar nunca. Esse mundo é frio e impessoal, e completamente sem habitantes, exceto quanto ao homem, o pequeno e trêmulo ser efêmero que se agarra ao solo enquanto gira "no percurso diário pela terra, com rochas, pedras e árvores".

Que glorioso é o mundo, como o conheciam os homens da Bíblia! Jacó viu uma escada posta sobre a terra com Deus no alto dela, e os anjos subindo e descendo por ela. Abraão, Balaão e Manoá, e tantos outros, encontraram-se com anjos de Deus e conversaram com eles. Moisés viu a Deus na sarça; Isaías O viu num alto e sublime trono, e ouviu o cântico antifônico enchendo o templo.

Ezequiel viu uma grande nuvem como fogo a revolver-se, e do meio da nuvem saía a semelhança de quatro seres viventes. Anjos estiveram presentes para falar do nascimento de Jesus e para celebrar esse nascimento quando se deu em Belém; anjos confortaram nosso Senhor quando orava no Getsêmani; mencionam-se anjos em algumas das epístolas inspiradas, e o Livro do Apocalipse refulge com a presença de estranhas e belas criaturas atentas às atividades da terra e do céu.

Sim, o mundo verdadeiro é um mundo povoado. Os olhos cegos dos cristãos modernos não podem ver o invisível, mas isto não destrói a realidade da criação espiritual. A incredulidade nos tirou o consolo de um mundo pessoal. Aceitamos o mundo vazio e sem sentido da ciência como sendo o mundo verdadeiro, esquecendo-nos de que a ciência só é válida quando trata com coisas materiais, e nada pode saber de Deus e do mundo espiritual.

Precisamos ter fé; e não nos desculpemos por isso, porquanto a fé é um órgão do conhecimento e nos pode dizer mais sobre a realidade última do que as descobertas da ciência. Não nos opomos à ciência, mas reconhecemos as suas limitações e nos recusamos a parar onde ela é compelida a parar. A Bíblia fala de outro mundo, fino demais para ser descoberto pelos instrumentos de pesquisa científica. Pela fé nos comprometemos com esse mundo e o fazemos nosso. É-nos acessível mediante o sangue da aliança eterna. Se crermos, podemos desde já desfrutar a presença de Deus e o ministério dos seus mensageiros celestes. Somente a incredulidade pode privar-nos deste privilégio principesco.

38. Louvor em Três Dimensões

Cristo é tantas coisas maravilhosas para os seus, e lhes traz tal riqueza de benefícios, que a mente não pode compreender, nem o coração pode encontrar palavras para expressar.

Estes tesouros são presentes e futuros. O Espírito da Verdade, falando por meio de Paulo, afirma-nos que em Cristo Deus nos abençoou com todas as bênçãos espirituais. Estas nos pertencem, como filhos da nova criação que somos, e são postas ao nosso alcance pela obediência da fé.

Pedro, movido pelo mesmo Espírito, fala-nos de uma herança que nos é garantida pela ressurreição de Cristo, herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para nós.

Não há contradição aqui, pois um apóstolo fala dos benefícios presentes, e o outro, dos benefícios que ainda haverão de ser-nos conferidos por ocasião da vinda de Cristo. E ambos esgotam a linguagem humana para celebrar as muitas bênçãos que já recebemos.

Talvez nos ajudasse a compreender, se pensássemos em nós como um peixe num rio imenso, ao mesmo tempo gozando o pleno fluxo da caudal, lembrando com gratidão a corrente que já passou, e esperando com jubilosa antecipação a plenitude que se move ao nosso encontro das cabeceiras do rio. Embora isso não passe de uma imperfeita figura de linguagem, é verdade absolutamente literal que nós, que confiamos em Cristo, somos sustentados pela graça presente, enquanto nos lembramos com gratidão da bondade que desfrutamos nos dias passados e ansiamos com feliz expectativa pela graça e bondade que

ainda nos esperam.

Bernardo de Claraval fala algures de um "perfume composto dos recordados benefícios de Deus". Tal fragrância é rara demais. Todo cristão deveria recender esse aroma; pois não temos recebido, todos nós, mais da bondade de Deus do que a nossa imaginação poderia ter concebido antes de O conhecermos e de descobrir por nós mesmos quão rico e quão generoso *Ele* é?

Que recebemos da Sua plenitude graça sobre graça ninguém negará; mas a fragrância não provém do recebimento; provém da recordação, que é de fato uma coisa muito diferente. Dez leprosos receberam a cura; esse foi o benefício. Um deles voltou para agradecer-lo ao seu benfeitor; esse foi o perfume. Benefícios não lembrados poderão, como moscas mortas, fazer o unguento exalar cheiro fétido.

Bênçãos rememoradas, gratidão por favores atuais e louvor pela graça prometida, mesclam-se como mirra, aloés e cássia para formar um fino ramallete para adorno dos santos. Davi também ungiu a sua harpa com este perfume, e deste os hinos dos séculos têm sido docemente impregnados.

Talvez se exija fé mais pura para louvar a Deus por bênçãos não concretizadas do que pelas já desfrutadas ou pelas que ora desfrutamos. Todavia, muitos há que subiram a essa culminância ensolarada, como se deu com Anna Waring, quando escreveu:

Dou glória a Ti por toda graça que ainda não provei. . .

Conforme nos movemos rumo a uma familiaridade pessoal mais profunda com o Trino Deus, creio que a ênfase da nossa vida se apartará do passado e do presente para o futuro. Lentamente nos tornaremos filhos de uma esperança viva e de um amanhã seguro. Os nossos corações se enternecerão com as lembranças de ontem, e as nossas vidas se encantarão de gratidão a Deus pelo caminho seguro que percorremos; mas os nossos olhos focalizarão mais e mais a bendita esperança do amanhã.

Grande parte da Bíblia é dedicada à predição. De tudo que Deus já fez por nós, nada se pode comparar com tudo que está escrito na segura palavra da profecia. E nada do que Ele fez ou pode fazer ainda por nós, pode comparar-se com *o que Ele é e será para nós*. Talvez a autora de hinos tivesse isto em mente quando cantou:

"Tenho uma herança de alegria

que ainda não devo ver; a mão que sangrou para fazê-la minha
guarda-a para mim".

Poderia essa "herança de alegria" ser menos do que a Beatífica Visão?

Excertos Extraídos de *O Homem: a Habitação de Deus*

39. O Homem: a Habitação de Deus

No mais profundo de cada indivíduo existe um santuário particular onde habita a misteriosa essência do seu ser. Esta realidade interior é aquela parte do homem que é o que é sem referência a qualquer outra parte de sua complexa natureza. Trata-se do "eu sou" do homem, um dom do EU SOU que lhe deu vida.

O EU SOU que é Deus é auto-existente e original; o "eu sou" que é o homem tem origem em Deus e depende a cada momento das ordens de seu Criador para continuar a existir. Um deles é o Criador, exaltado sobre todos, o ancião de dias, habitando na luz inatingível. O outro é uma criatura e, embora privilegiada em relação a todas as demais, não passa mesmo assim de criatura, dependente de generosidade divina e um pedinte diante do seu trono.

A entidade humana oculta de que falamos é chamada nas Escrituras de *espírito do homem*. "Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito

que nele está? assim também as coisas de Deus ninguém as conhece senão o Espírito de Deus" (I Co 2:11). Da mesma maneira que o autoconhecimento de Deus se encontra no Espírito eterno, o do homem se faz pelo seu próprio espírito, e seu conhecimento de Deus é obtido pela influência direta do Espírito divino sobre o humano.

A importância de tudo isto jamais pode ser superestimada, à medida que refletimos, estudamos e oramos. Ela revela a espiritualidade essencial do ser humano, negando que o homem seja uma criatura dotada de espírito e declarando que ele é um espírito dotado de corpo. Aquilo que faz dele um ser humano não é o seu corpo mas seu espírito, impregnado da semelhança de Deus.

Uma das afirmativas que nos dão mais liberdade no Novo Testamento é esta: "Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade" (João 4:23,24). A natureza da adoração é mostrada aqui como sendo absolutamente espiritual. A verdadeira religião não fica presa a datas e jejuns, vestes e cerimônias, sendo colocada no lugar que lhe pertence — a união do espírito do homem com o Espírito de Deus.

Do ponto de vista humano a perda mais trágica sofrida na Queda foi a partida do Espírito de Deus deste santuário interior. No ponto mais oculto do ser humano existe uma sarça (um arbusto) preparada para ser a habitação do Deus Trino. Deus planejou repousar ali e brilhar, ardendo como uma chama moral e espiritual. O homem, por ter pecado, perdeu este privilégio magnífico e indescritível e deve habitar agora sozinho nesse lugar. Tão íntimo e oculto ele é, que ninguém pode chegar até ele, senão somente Cristo, e Ele só entrará mediante o convite da fé. "Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa. e cearei com ele e ele comigo" (Ap 3:20).

Mediante a operação misteriosa do Espírito por ocasião do novo nascimento, aquilo que Pedro chama de "natureza divina" penetra no mais íntimo do coração do crente e estabelece ali a sua morada. "E se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele", pois, "o próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rm 8:9,16). Tal indivíduo é um verdadeiro cristão, e somente uma pessoa assim. O batismo, a confirmação, receber os sacramentos — nada disso tem significado a não ser que o ato supremo de Deus também tenha lugar na regeneração. As exterioridades religiosas podem ter significado para a alma habitada por Deus; para quaisquer outros elas não só são inúteis como podem tornar-se até mesmo armadilhas que os façam cair num conceito de segurança falso e perigoso.

"Guarda o seu coração com toda a diligência" é mais que um ditado sábio, mas uma responsabilidade solene colocada sobre nós por Aquele que mais se interessa pela nossa pessoa. Devemos dar toda atenção a essas palavras, a fim de não escorregarmos.

40. Por Que Alguns Acham a Bíblia Difícil

Ninguém pode negar que algumas pessoas acham a Bíblia difícil. Os testemunhos quanto às dificuldades encontradas na leitura bíblica são inúmeros e não podem ser desconsiderados levianamente.

Na experiência humana existe geralmente um complexo de motivos e não um só motivo para tudo, o mesmo acontece com as dificuldades que encontramos na Bíblia. Não se pode dar uma resposta instantânea para a pergunta: Por que a Bíblia é difícil de entender? Qualquer resposta irrefletida tem toda probabilidade de estar errada. O problema não é singular, mas plural, e por esta razão o esforço de encontrar para ele uma solução única será frustrado.

Apesar desse raciocínio, ousar dar uma resposta curta para a pergunta, e embora esta não responda a tudo, contém boa parte da solução do problema envolvido numa questão assim complexa. *Acredito que achamos a Bíblia difícil porque tentamos lê-la como teríamos qualquer outro livro, mas ela não se assemelha a nenhum outro livro.*

A Bíblia não é dirigida a qualquer um. sua mensagem tem como alvo alguns escolhidos. Quer esses poucos sejam escolhidos por Deus num ato soberano de eleição ou por corresponderem a determinadas qualificações, deixo para cada um decidir como possa, sabendo perfeitamente que sua decisão será determinada pelas suas crenças básicas sobre assuntos tais como predestinação, livre-arbítrio, os decretos eternos e outras doutrinas relativas. Mas o que quer que tenha tido lugar na eternidade, o que acontece no tempo fica evidente: alguns crêem e outros não; alguns são moralmente receptivos e outros não; alguns têm capacidade espiritual e outros não. São para os primeiros que a Bíblia foi escrita, os demais irão lê-la inutilmente.

Sei que alguns leitores vão apresentar objeções vigorosas neste ponto, e as razões para elas são fáceis de descobrir. O cristianismo de hoje se concentra no homem e não em Deus. O Senhor precisa aguardar com toda paciência e até mesmo respeito, sujeitando-se aos caprichos humanos. A imagem de Deus aceita pelo povo é a de um Pai aflito, esforçando-se em desespero amargurado para fazer com que as pessoas aceitem um Salvador de que elas não sentem necessidade e em quem têm pouco interesse. A fim de persuadir essas almas auto-suficientes a responderem às suas ofertas generosas, Deus fará quase tudo, usando até mesmo métodos de venda especiais e lhes falando da maneira mais íntima possível. Este ponto de vista é, naturalmente, um tipo de religião romantizada que consegue fazer do homem a estrela do espetáculo, embora usando com frequência termos elogiosos e até mesmo embaraçosos em relação a Deus.

A idéia de que a Bíblia é dirigida a todos criou confusão dentro e fora da igreja. O esforço de aplicar os ensinamentos contidos no Sermão do Monte às nações não-regeneradas do mundo é um exemplo disto. Os tribunais e poderes militares da terra são instados a seguirem os ensinamentos de Cristo, algo evidentemente inviável para eles. Citar as palavras de Cristo como diretriz para policiais, juizes e militares é interpretar absolutamente errado essas palavras e revelar completa falta de compreensão dos propósitos da revelação divina. O convite gracioso de Cristo é estendido aos filhos da graça e não às nações gentias cujos símbolos são o leão, a águia, o dragão e o urso.

Deus não só dirige suas palavras de verdade aos que têm capacidade para recebê-las, como também as oculta aos demais. O pregador faz uso de histórias para esclarecer a verdade, nosso Senhor usou-as muitas vezes para ocultá-la. As parábolas de Cristo foram o exato oposto da moderna "ilustração" que serve para esclarecer; as parábolas eram "ditos obscuros" e Cristo afirmou que fazia uso delas algumas vezes a fim de que seus discípulos pudessem compreender, mas não os inimigos. (Veja Mateus 13:10-17.) Assim como a coluna de fogo iluminava Israel, mas servia para ocultá-los aos olhos dos egípcios, as palavras do Senhor brilham no coração do seu povo embora deixem o incrédulo presunçoso nas trevas da noite moral.

O poder salvador da Palavra fica reservado para aqueles a quem ele se destina. O segredo do Senhor está com aqueles que O temem. O coração impenitente não descobrirá na Bíblia senão um esqueleto de fatos sem carne, vida, ou fôlego de vida. Shakespeare pode ser apreciado sem necessidade de arrependimento; podemos entender Platão sem acreditar numa palavra que ele diz; mas a penitência e a humildade juntamente com a fé e a obediência são necessárias a fim de que as Escrituras possam ser compreendidas corretamente.

Nos assuntos naturais, a fé segue-se à evidência, sendo impossível sem ela, mas no reino do espírito, ela precede o entendimento; e não se segue a ele. O homem natural precisa saber a fim de acreditar; o homem espiritual precisa crer para vir a conhecer. A fé que salva não é uma conclusão extraída da evidência; mas uma coisa moral, uma coisa do espírito, uma infusão sobrenatural de confiança em Jesus Cristo, um perfeito dom de Deus.

A fé salvadora se baseia na Pessoa de Cristo; ela leva imediatamente a uma rendição do nosso ser total a Cristo, cujo ato é impossível ao homem natural. Crer corretamente é um milagre comparável ao da ressurreição de Lázaro sob a ordem de Cristo.

A Bíblia é um livro sobrenatural e só pode ser entendido com ajuda sobrenatural.

41. A Fé: uma Doutrina Incompreendida

No esquema divino da salvação, a doutrina da fé é essencial. Deus dirige suas palavras à fé, e onde não existe fé, é impossível uma verdadeira revelação. "Sem fé é impossível agradar a Deus."

Cada um dos benefícios derivados da expiação de Cristo chega ao indivíduo pela porta da fé. Perdão, purificação, regeneração, o Espírito Santo, todas as respostas à oração, são concedidas à fé e recebidas pela fé. Não existe outro meio. Esta é uma doutrina evangélica comum e aceita onde quer que a cruz de Cristo é compreendida.

Pelo fato de a fé ser tão vital a todas as nossas expectativas, tão necessária ao cumprimento de cada uma das aspirações de nosso coração, não ousamos tomar nada como certo em relação a ela. Uma coisa que abrange tanto bem e tanto mal, que na verdade decide nosso céu e nosso inferno, é demasiado importante para ser negligenciada. Não nos é possível de modo algum manter-nos não-informados ou mal-informados. É preciso saber.

Meu coração se manteve durante muitos anos preocupado com a doutrina da fé, como ela é recebida e ensinada entre os cristãos evangélicos por toda parte. Grande ênfase é dada à fé nos círculos ortodoxos, e isso é bom; mas continuo preocupado. Meu temor específico se prende ao fato de o moderno conceito de fé não ser bíblico. Quando os professores de hoje usam a palavra, eles não têm em mente o mesmo significado que os escritores bíblicos lhe deram, segundo penso.

As causas de minha preocupação são as seguintes:

1. A falta de um fruto espiritual na vida de tantos que afirmam ter fé.
2. A raridade de uma transformação radical na conduta e perspectiva geral das pessoas que professam sua nova fé em Cristo como seu Salvador pessoal.
3. O fracasso de nossos professores em definir ou mesmo descrever aquilo a que a palavra fé deveria referir-se.
4. O fracasso completo de multidões de interessados, por mais sinceros que sejam, de tirar qualquer proveito da doutrina ou receber através dela qualquer experiência satisfatória.
5. O perigo real de que uma doutrina tão servilmente imitada e recebida sem críticas por tantos seja tão falsa quanto a compreensão que têm da mesma.
6. Tenho visto fé sendo apresentada como um substituto à obediência, uma fuga da realidade, um refúgio da exigência de raciocinar, um esconderijo para um caráter fraco. Conheci pessoas que davam o nome de fé aos espíritos de animais superiores, ao otimismo natural, às emoções e a tiques nervosos.
7. O bom senso comum deveria dizer-nos que qualquer coisa que não transforme a pessoa que a professa, também não faz diferença para Deus. Não podemos deixar de observar que para um número incontável de pessoas a mudança da falta de fé para a fé não faz uma diferença real na vida delas.

Talvez seja útil saber primeiro o que a fé não é. a fim de podermos entender aquilo que ela é. Não é acreditar numa declaração que sabemos ser verdadeira. A mente humana foi feita de tal forma que acredita necessariamente quando a evidencia a ela apresentada é convincente. Não pode agir de outro modo. Quando a evidência não consegue convencer, a fé é impossível. Nenhuma ameaça ou castigo consegue obrigar a mente a crer quando existe evidência clara em contrário.

A fé baseada na razão é um tipo de fé, *mas não se trata do caráter da fé bíblica*, pois segue infalivelmente a evidência e não possui uma natureza moral ou espiritual. A ausência de fé baseada na razão também não pode servir para condenar ninguém, pois a evidência e não o indivíduo é quem decide o veredicto. Enviar um homem para o inferno pelo único fato de seguir a evidência até a sua conclusão adequada seria demasiada injustiça; justificar um pecador dizendo que ele tomou suas decisões segundo fatos claros seria fazer da salvação o resultado das operações de uma lei comum da mente,

aplicável tanto a Judas como a Paulo. Seria tirar a salvação da esfera da vontade e colocá-la num plano mental, onde, segundo as Escrituras, ela certamente não se enquadra.

A verdadeira fé se apóia no caráter de Deus e não pede outras provas além das perfeições morais d'Aquele que não pode mentir. Basta que Deus tenha afirmado, e se a declaração for contrária a cada um dos cinco sentidos e a todas as conclusões da lógica, o crente mesmo assim continua crendo. "Seja Deus verdadeiro e mentiroso todo homem" (Rm 3:4), é a linguagem da fé real. O céu aprova tal tipo de fé porque ela se eleva sobre as simples provas e se apóia no seio de Deus.

Em anos recentes tem havido um movimento entre certos evangélicos no sentido de provar as verdades bíblicas apelando para a ciência. É buscada evidência no mundo natural, a fim de apoiar a revelação supranatural. Flocos de neve, sangue, pedras, criaturas marinhas estranhas, pássaros e muitos outros objetos naturais têm sido apresentados como prova de que a Bíblia diz a verdade. Isto tem sido considerado como um grande aliado da fé, afirmando que se uma doutrina bíblica puder ser *provada* como verdadeira, a fé irá brotar e florescer em resultado disso.

O que esses irmãos não percebem é que o próprio fato de eles sentirem a necessidade de buscar provas para as verdades das Escrituras traz à luz algo completamente diverso, a saber, sua própria descrença básica. Quando Deus fala, a incredulidade pergunta: "Como posso saber se isso é verdade?" EU SOU O QUE SOU é a única base para a fé. Escavar entre as rochas ou pesquisar as profundezas dos mares a fim de conseguir evidência para apoiar as Escrituras é insultar QUEM as escreveu. Acredito sinceramente que isto não é feito intencionalmente, mas não vejo como escapar à conclusão de que de todo modo isso acontece.

A fé, como apresentada na Bíblia, é confiança em Deus e em seu Filho Jesus Cristo. É a resposta da alma ao caráter divino, como revelado nas Escrituras, e mesmo esta resposta é impossível sem a operação do Espírito Santo. A fé é um dom de Deus à alma arrependida e nada tem a ver com os sentidos ou à informação por eles prestada. A fé é um milagre; é a capacidade dada por Deus para que confiemos em seu Filho, e qualquer coisa que não resulte em ação segundo a vontade de Deus não é fé, mas algo inferior a ela.

A fé e a moral são dois lados da mesma moeda. A moral é de fato a própria essência da fé. Qualquer fé em Cristo como Salvador pessoal que não submeta a vida da pessoa à obediência completa a Cristo é insuficiente e irá trair sua vítima no final.

O homem que crê obedecerá; a falha em obedecer é uma prova convincente de que não existe verdadeira fé. A fim de tentar o impossível Deus deve conceder fé, caso contrário ela não existirá, e Ele só concede fé ao coração obediente. Há obediência quando há arrependimento; pois este não é apenas tristeza pelos erros e pecados do passado, mas também uma decisão de começar a fazer desde agora a vontade de Deus como revelada por Ele a nós.

42. A Verdadeira Religião não se Baseia em Sentimentos mas na Vontade

Uma das questões desconcertantes que mais cedo ou mais tarde surge para confundir o cristão é como pode cumprir o mandamento bíblico de amar a Deus de todo o coração e o próximo como a si mesmo.

O cristão sincero, enquanto medita nesta obrigação sagrada de amar a Deus e à humanidade, pode experimentar uma certa frustração gerada pelo conhecimento de que ele não pode criar deliberadamente qualquer entusiasmo emocional com relação a seu Senhor ou seus irmãos. Ele deseja isso, mas não consegue fazê-lo. As deliciosas fontes do sentimento simplesmente não correm.

Muitas pessoas sinceras desanimaram por causa da ausência de emoção religiosa e concluíram que não eram cristãs afinal de contas, achando que perderam o caminho certo em algum ponto e sua religião tornou-se praticamente vazia de sentido. Durante algum

tempo então censuram-se pela sua frieza e finalmente entram num estado de desânimo completo, mal sabendo o que pensar. Elas acreditam em Deus; confiam verdadeiramente em Cristo como seu Salvador, mas o amor que esperavam sentir lhes escapa sempre. Qual será o problema?

Ele não é fácil. Existe uma dificuldade real, a qual pode ser estabelecida em forma de pergunta: Como posso amar obrigado? De todas as emoções de que a alma é passível, o amor é a mais livre, a menos racional, a que tem menor probabilidade de atender ao chamado do dever ou da obrigação, e certamente aquela que não atende ao mandado de outrem. Nenhuma lei jamais foi passada que pudesse compelir um ser moral a amar outro, pois pela sua própria natureza o amor deve necessariamente ser voluntário. Ninguém pode ser coagido ou ameaçado a fim de amar alguém. O amor não surge assim. O que fazer então com o mandamento do Senhor para amar a Deus e a nosso próximo?

A fim de descobrir o caminho que leva da escuridão para a luz, precisamos apenas saber que existem duas espécies de amor: o amor do *sentimento* e o amor da *vontade*. Um deles está preso às emoções, o outro à vontade. Sobre o primeiro é mínimo o nosso controle. Ele vem e vai, sobe e desce, chameja e desaparece segundo lhe apraz e muda de quente para morno, para frio, e depois se aquece de novo como faz o tempo. Não foi a esse amor que Cristo se referiu quando disse aos seus discípulos que amassem a Deus e uns aos outros. Tentar fazer com que este tipo de afeição caprichosa entrasse obrigatoriamente em nosso coração seria o mesmo que ordenar a uma borboleta que pousasse em nosso ombro.

O amor recomendado na Bíblia não é o *amor-sentimento*; mas o *amor-vontade*, uma *decisão tomada deliberadamente*. (Agradeço essas frases tão adequadas a um mestre da vida interior cuja pena foi há pouco silenciada pela morte.)

Deus jamais pretendeu que um ser como o homem fosse presa de suas emoções. A vida emocional é uma parte nobre e adequada da personalidade total, mas, pela sua própria natureza, tem uma importância secundária. *A religião tem como base a vontade e o mesmo acontece com a retidão*. O único bem que Deus reconhece é o bem deliberado; a única santidade válida é a deliberada,

O pensamento de que diante de Deus todo homem é aquilo que quer ser deve animar-nos. O primeiro requisito na conversão é a transformação da vontade. "Quem quiser", diz o Senhor e interrompe-se nesse ponto. A fim de satisfazer as exigências do amor para com Deus, a alma precisa apenas querer amar e o milagre começa a florescer como a vara de Arão.

A vontade é o piloto automático que mantém a alma no rumo certo. "Voar é fácil" disse um amigo que pilota seu próprio avião. "Basta colocá-lo no ar, apontá-lo para a direção que deseja seguir e ligar o piloto. Depois disso ele voa sozinho." Embora não devamos demorar-nos muito nesta idéia, é todavia abençoadamente verdadeiro que a vontade, e não os sentimentos, determina a direção moral.

A raiz de todos os males na natureza humana é a corrupção da vontade. Os pensamentos e intenções do coração são errados e, como consequência, toda a vida se torna errada. O arrependimento é em primeiro lugar uma mudança de propósito moral, uma inversão súbita e violenta da direção seguida pela alma. O pródigo deu o primeiro passo para sair do chiqueiro quando disse: "Levantar-me-ei e irei ter com meu pai". Da mesma forma que um dia desejou sair da casa do pai, queria agora voltar. Sua atitude subsequente provou sua sinceridade. Ele *realmente* voltou.

Alguns podem concluir pelo que ficou dito acima que estamos querendo eliminar o júbilo do Senhor como uma parte válida da vida cristã. A fim de evitar essa conclusão errada, ofereço a seguinte explicação.

Para amar a Deus de todo o coração devemos primeiramente *querer* isso. É preciso arrepender-nos de nossa falta de amor e decidir deste momento em diante fazer de Deus o objeto de nossa devoção. Devemos fixar nossa afeição nas coisas do alto e dirigir nossos corações para Cristo e as coisas celestiais. Devemos ler as Escrituras todos os dias e obedecer-lhes com espírito de oração, sempre *desejando* firmemente amar a Deus de todo coração e a nosso próximo como a nós mesmos.

Se fizermos essas coisas podemos estar certos de que experimentaremos uma transformação maravilhosa em toda a nossa vida interior. Logo descobriremos para nossa grande alegria que nossos sentimentos estão se tornando menos erráticos e estão começando a mover-se no sentido da *decisão tomada deliberadamente*. Nossas emoções tornar-se-ão disciplinadas e dirigidas. Começaremos a gozar da "doçura penetrante" do amor de Cristo.

Nossos sentimentos religiosos se elevarão uniformemente sobre asas firmes em lugar de esvoaçar por toda parte, ociosos, sem propósito ou direção inteligente. A vida, como um delicado instrumento, será sintonizada para dar louvores Àquele que nos amou e que nos lavou de nossos pecados em seu próprio sangue.

Mas, em primeiro lugar devemos querer, pois a vontade é senhora do coração.

43. A Velha e a Nova Cruz

Sem fazer-se anunciar e quase despercebida uma nova cruz introduziu-se nos círculos evangélicos dos tempos modernos. Ela se parece com a velha cruz, mas é diferente; as semelhanças são superficiais; as diferenças, fundamentais.

Uma nova filosofia brotou desta nova cruz com respeito à vida cristã, e dessa nova filosofia surgiu uma nova técnica evangélica — um novo tipo de reunião e uma nova espécie de pregação. Este novo evangelismo emprega a mesma linguagem que o velho, mas o seu conteúdo não é o mesmo e sua ênfase difere da anterior.

A velha cruz não fazia aliança com o mundo. Para a carne orgulhosa de Adão ela significava o fim da jornada, executando a sentença imposta pela lei do Sinai. A nova cruz *não* se opõe à raça humana; pelo contrário, é sua amiga íntima e, se compreendemos bem, considera-a uma fonte de divertimento e gozo inocente. Ela deixa Adão viver sem qualquer interferência. Sua motivação na vida não se modifica; ele continua vivendo para seu próprio prazer, só que agora se deleita em entoar coros e a assistir filmes religiosos em lugar de cantar canções obscenas e tomar bebidas fortes. A ênfase continua sendo o prazer, embora a diversão se situe agora num plano moral mais elevado, caso não o seja intelectualmente.

Este artigo apareceu pela primeira vez no "The Alliance Witness" em 1946. Foi impresso em praticamente todos os países de língua inglesa *no* mundo e publicado em forma de folheto por vários editores, inclusive a Christian Publications, Inc. Ele aparece de vez em quando na imprensa religiosa.

A nova cruz encoraja uma abordagem evangelística nova e por completo diferente. O evangelista não exige a renúncia da velha vida antes que a nova possa ser recebida. Ele não prega contrastes mas semelhanças. Busca a chave para o interesse do público, mostrando que o cristianismo não faz exigências desagradáveis; mas, pelo contrário, oferece a mesma coisa que o mundo, somente num plano superior. O que quer que o mundo pecador esteja idolizando no momento e mostrado como sendo exatamente aquilo que o evangelho oferece, sendo que o produto religioso é melhor.

A nova cruz não mata o pecador, mas dá-lhe nova direção. Ela o faz engrenar num modo de vida mais limpo e agradável, resguardando o seu respeito próprio. Para o arrogante ela diz: "Venha e mostre-se arrogante a favor de Cristo"; e declara ao egoísta: "Venha e vanglorie-se no Senhor". Para o que busca emoções, chama: "Venha e goze da emoção da fraternidade cristã". A mensagem de Cristo é manipulada na direção da moda corrente a fim de torná-la aceitável ao público.

A filosofia por trás disto pode ser sincera, mas sua sinceridade não impede que seja falsa. É falsa por ser cega, interpretando erradamente todo o significado da cruz.

A velha cruz é um símbolo da morte. Ela representa o fim repentino e violento de um ser humano. O homem, na época romana, que tomou a sua cruz e seguiu pela estrada já se despedira de seus amigos. Ele não mais voltaria. Estava indo para o seu fim. A cruz não fazia acordos, não modificava nem poupava nada; ela acabava completamente com o

homem, de uma vez por todas. Não tentava manter bons termos com sua vítima. Golpeava-a cruel e duramente e quando terminava seu trabalho o homem já não existia.

A raça de Adão está sob sentença de morte. Não existe comutação de pena nem fuga. Deus não pode aprovar qualquer dos frutos do pecado, por mais inocentes ou belos que pareçam aos olhos humanos. Deus resgata o indivíduo, liquidando-o e depois ressuscitando-o em novidade de vida.

O evangelismo que traça paralelos amigáveis entre os caminhos de Deus e os do homem é falso em relação à Bíblia e cruel para a alma de seus ouvintes. A fé manifestada por Cristo não tem paralelo humano, ela divide o mundo. Ao nos aproximarmos de Cristo não elevamos nossa vida a um plano mais alto; mas a deixamos na cruz. A semente de trigo deve cair no solo e morrer.

Nós, os que pregamos o evangelho, não devemos julgar-nos agentes ou relações públicas enviados para estabelecer boa vontade entre Cristo e o mundo. Não devemos imaginar que fomos comissionados para tornar Cristo aceitável aos homens de negócios, à imprensa, ao mundo dos esportes ou à educação moderna. Não somos diplomatas mas profetas, e nossa mensagem não é um acordo mas um ultimato.

Deus oferece vida, embora não se trate de um aperfeiçoamento da velha vida. A vida por Ele oferecida é um resultado da morte. Ela permanece sempre do outro lado da cruz. Quem quiser possuí-la deve passar pelo castigo. É preciso que repudie a si mesmo e concorde com a justa sentença de Deus contra ele.

O que isto significa para o indivíduo, o homem condenado que quer encontrar vida em Cristo Jesus? Como esta teologia pode ser traduzida em termos de vida? É muito simples, ele deve arrepender-se e crer. Deve esquecer-se de seus pecados e depois esquecer-se de si mesmo. Ele não deve encobrir nada, defender nada, nem perdoar nada. Não deve procurar fazer acordos com Deus, mas inclinar a cabeça diante do golpe do desagrado severo de Deus e reconhecer que merece a morte.

Feito isto, ele deve contemplar com sincera confiança o Salvador ressurreto e receber dEle vida, novo nascimento, purificação e poder. A cruz que terminou a vida terrena de Jesus põe agora um fim no pecador; e o poder que levantou Cristo dentre os mortos agora o levanta para uma nova vida com Cristo.

Para quem quer que deseje fazer objeções a este conceito ou considerá-lo apenas como um aspecto estreito e particular da verdade, quero afirmar que Deus colocou o seu selo de aprovação sobre esta mensagem desde os dias de Paulo até hoje. Quer declarado ou não nessas exatas palavras, este foi o conteúdo de toda a pregação que trouxe vida e poder ao mundo através dos séculos. Os místicos, os reformadores, os revivalistas, colocaram aqui a sua ênfase, e sinais, prodígios e poderosas operações do Espírito Santo deram testemunho da aprovação divina.

Ousaremos nós, os herdeiros de tal legado de poder, manipular a verdade? Ousaremos nós com nossos lápis grossos apagar as linhas do desenho ou alterar o padrão que nos foi mostrado no Monte? Que Deus não permita! Vamos pregar a velha cruz e conhecermos o velho poder.

44. Deus Deve Ser Amado por Ele Mesmo

Sendo Deus o que Ele é, precisamos buscá-lo por Ele mesmo e jamais como um meio para obter uma outra coisa.

Quem quer que busque outros objetos e não Deus está sozinho; é possível que venha a conseguir tais objetos, mas jamais terá a Deus. Deus nunca é encontrado acidentalmente. "Buscar-me-eis, e me achareis. quando me buscardes de todo o vosso coração" (Jr 29:13).

Quem quer que busque a Deus como um meio para atingir um fim desejado, não encontrará Deus. O Deus poderoso, o criador dos céus e da terra. não será um dentre muitos tesouros, nem sequer o maior deles. Ele será tudo em todos ou nada será. Deus não se deixa manipular. Sua misericórdia e graça são infinitas e sua compreensão paciente é

incomensurável. mas não ajudará os homens em seu esforço egoísta para obter ganhos pessoais. Não auxiliará os homens a atingir fins que, uma vez alcançados, usurpem o lugar que por direito lhe pertence no seu interesse e afeição,

O cristianismo popular, entretanto, dá a sua maior ênfase à idéia de que Deus existe para ajudar as pessoas a progredirem neste mundo. O Deus dos pobres tornou-se o Deus de uma sociedade afluyente. Cristo não mais se recusa a ser juiz ou divisor entre irmãos gananciosos. Ele pode ser agora persuadido a ajudar o irmão que o aceitou a aproveitar-se do irmão que o rejeitou.

Um exemplo crasso do esforço moderno para manipular Deus, favorecendo propósitos egoístas, é a história do conhecido comediante que depois de repetidos fracassos, prometeu a alguém que chamava de Deus que se o ajudasse a ter sucesso no mundo do palco ele o recompensaria contribuindo generosamente para o cuidado das crianças enfermas. Pouco depois teve êxito em várias casas noturnas e na televisão. Ele cumpriu a sua palavra e está levantando grandes somas em dinheiro para construir hospitais infantis. Essas contribuições para a caridade, em sua opinião, são um preço bem pequeno a pagar pelo sucesso em um dos campos mais difíceis do empreendimento humano.

É possível desculpar a atitude desse artista como algo a ser esperado de um pagão do século vinte; mas que multidões de evangélicos na América do Norte acreditassem realmente que Deus tivesse algo a ver com o acontecido não pode ser tão facilmente posto de lado. Esta visão diminuída e falsa da divindade é uma das principais razões da imensa popularidade gozada por Deus hoje em dia entre os bem nutridos ocidentais.

O ensino bíblico é que Deus é Ele mesmo o fim para o qual o homem foi criado. "Quem mais lenho eu no céu?" clamou o salmista, "Não há outro em quem eu me compraza na terra" (Sl 73:25). O primeiro e maior mandamento é amar a Deus com todas as fibras de nosso ser. Onde existe um amor assim, não pode haver lugar para um segundo objeto. Se amarmos a Deus quanto devemos, não podemos certamente sequer imaginar um objeto a ser amado além dEle, que possa ajudar-nos a obter.

Bernard de Clairvaux inicia seu pequeno e brilhante tratado sobre o amor de Deus com uma pergunta e uma resposta. A pergunta: por que devemos amar a Deus? A resposta: porque Ele é Deus. Ele desenvolve ainda mais a idéia, mas para o coração esclarecido pouco mais precisa ser dito. Devemos amar a Deus porque Ele é Deus, Além disto os anjos não podem pensar.

Sendo quem é, Deus deve ser amado por Ele mesmo. Ele é a razão para que o amemos, da mesma forma que é a razão de seu amor por nós e para todos os outros atos por Ele realizados, os que irá realizar e está realizando, perpetuamente. O principal motivo de Deus para tudo é o seu próprio prazer. A busca de razões secundárias é gratuita e perfeitamente inútil. Ela supre os teólogos de uma ocupação e acrescenta páginas aos livros de doutrina, mas é duvidoso que apresente quaisquer explicações válidas.

Está, porém, na natureza de Deus o partilhar. Seus poderosos atos de criação e redenção foram feitos para o seu próprio prazer, mas o seu prazer se estende a todas as coisas criadas. Basta olhar para uma criança sadia brincando ou ouvir o canto de um pássaro no fim da tarde e saberemos que Deus quis que seu universo fosse cheio de alegria.

Os que foram espiritualmente capacitados a amar a Deus por Ele mesmo, irão descobrir milhares de fontes brotando do trono cercado de arco-íris, e ofertando tesouros incontáveis que devem ser recebidos com gratidão reverente como sendo o transbordar do amor de Deus por seus filhos. Cada dom é um presente da graça que, por não ter sido buscado egoisticamente, pode ser gozado sem prejuízo para a alma. Neles se incluem as bênçãos simples da vida, tais como a saúde, o lar, a família, amigos congeniais, alimento, abrigo, as alegrias puras da natureza ou os prazeres mais artificiais da música e da arte.

O esforço de encontrar esses tesouros, buscando-os diretamente, em separado de Deus, tem sido a principal atividade humana no correr dos séculos; e este tem sido o fardo e o mal do homem. O esforço de obtê-los como o motivo oculto por trás da aceitação de

Cristo pode ser algo novo sob o sol; mas novo ou velho é um mal que só pode terminar em condenação.

Deus quer que nós o amemos por Ele mesmo sem quaisquer razões ocultas, confiando nEle para que seja tudo o que nossa natureza requerem. Nosso Senhor disse isto muito bem: "Busca pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mt 6:33).

45. Como Provar os Espíritos

Estes são os tempos que provam a alma dos homens. O Espírito afirmou expressamente que nos últimos dias alguns se desviariam da fé, atendendo a espíritos sedutores e doutrinas de demônios; falando mentiras com hipocrisia; tendo a consciência cauterizada a ferro quente. Esses dias estão sobre nós e não podemos fugir deles; devemos triunfar em meio aos homens, pois essa é a vontade de Deus para nós.

Por estranho que pareça, o perigo é maior hoje para os cristãos fervorosos do que para os mornos e os complacentes. Aquele que busca as melhores coisas de Deus está sempre disposto a ouvir quem quer que ofereça um caminho pelo qual possa alcançá-las. Ele aspira por uma nova experiência, uma visão elevada da verdade, uma operação do Espírito que o faça transcender o nível apático da mediocridade religiosa que o circunda, e por esta razão está pronto a dar atenção a tudo que é novo e maravilhoso em matéria de religião, especialmente se for apresentado por alguém cuja personalidade seja atraente e que possua fama de grande santidade.

O Senhor Jesus, esse grande Pastor das ovelhas, não deixou seu rebanho à mercê dos lobos. Ele nos deu as Escrituras, o Espírito Santo e um poder natural de observação, e espera que façamos uso constante deles. "Julgai todas as coisas, retende o que é bom", disse Paulo (1 Ts 5:21). "Amados, não deis crédito a qualquer espírito: antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo afora" (1 Jo 4:1). "Acautelai-vos dos falsos profetas", advertiu o Senhor, "que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores" (Mt 7:15). A seguir acrescentou as palavras pelas quais eles podem ser testados: "Pelos seus frutos os conhecereis".

Fica claro então que não só surgirão falsos espíritos, pondo em risco nossa vida cristã, como também eles podem ser identificados e conhecidos pelo que são. Como é natural, uma vez que saibamos a sua identidade e conheçamos as suas artimanhas, o poder de nos prejudicar fica anulado. "Pois de balde se estende a rede à vista de qualquer ave" (Pv 1:17).

Minha intenção é estabelecer um método pelo qual possamos provar os espíritos e todas as coisas religiosas e morais que se nos apresentem ou nos sejam oferecidas por alguém. Ao tratar desses assuntos, devemos ter em mente que nem todas as fantasias religiosas são obra de Satanás. A mente humana é capaz de muitos atos nocivos sem qualquer ajuda do diabo. Alguns têm positivamente a especialidade de confundir-se e irão tomar a ilusão por realidade em plena luz, com a Bíblia aberta diante deles. Pedro pensava nisso quando escreveu: "O nosso amado irmão Paulo já falou com grande sabedoria acerca destas mesmas coisas em muitas das suas cartas. Algumas explicações dele não são fáceis de entender, e há pessoas intencionalmente ignorantes que sempre estão pretendendo alguma interpretação fora do comum; eles torceram as cartas dele de todos os lados, para significarem uma coisa completamente diferente daquilo que ele queria dizer, tal como fazem com as outras partes das Escrituras, mas o resultado é a ruína deles" {2 Pe 3:15,16 — A Bíblia Viva}.

Acho pouco provável que os confirmados apóstolos da confusão venham a ler o que está escrito aqui ou que tirassem grande proveito caso o fizessem; mas existem muitos cristãos sensatos que foram desviados, mas mostraram suficiente humildade para admitir seus erros e estão agora prontos a voltar para o Pastor e Bispo de suas almas. Esses podem

ser resgatados dos caminhos falsos. Mais importante ainda, existem sem dúvida inúmeras pessoas que não deixaram o caminho verdadeiro mas querem uma regra mediante a qual possam provar tudo e provar a qualidade do ensino e experiência cristãs quando entram em contato com elas, dia após dia, em sua vida ocupada. Para indivíduos assim vou contar um pequeno segredo que venho usando há muitos anos para testar minhas próprias experiências espirituais e impulsos religiosos.

Em resumo, o teste é este: Essa nova doutrina, esse novo hábito religioso, essa nova visão da verdade ou experiência espiritual — *de que forma afetou minha atitude com relação a Deus e minha comunhão com Ele, com Cristo, com o Espírito Santo, comigo mesmo, com outros cristãos, com o mundo e o pecado?* Com este teste, composto de sete elementos, podemos testar tudo quanto pertence à religião e saber, sem sombra de dúvida, se vem ou não de Deus. Pelo fruto se conhece a árvore. Temos então apenas de perguntar a respeito de qualquer doutrina ou experiência: O que isto está fazendo para mim? e saberemos imediatamente se vem do alto ou das profundezas da terra.

1. Um teste vital de toda experiência religiosa é como ela afeta nosso relacionamento com Deus, nosso conceito de Deus e nossa atitude para com Ele.

Por ser quem Ele é, Deus deve sempre manter-se como o juiz supremo de todos os assuntos religiosos. O universo veio a existir como um meio através do qual o Criador pudesse manifestar suas perfeições a todos os seres morais e intelectuais: "Eu sou o Senhor, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem" (Is 42:8). "Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas" (Ap 4:11).

O equilíbrio e a sanidade do universo exigem que Deus seja enaltecido em todas as coisas. "Grande é o Senhor e mui digno de ser louvado; a sua grandeza é insondável." Deus age apenas para a sua glória e tudo o que vem dele tem como finalidade enaltecê-lo. Qualquer doutrina, qualquer experiência que sirva para exaltá-lo, terá sido provavelmente inspirada por Ele. E, de modo oposto, tudo o que oculte a sua glória ou que o faça parecer menos maravilhoso é certo que foi gerado pela carne ou pelo diabo.

O coração do homem se assemelha a um instrumento musical e pode ser tocado pelo Espírito Santo, por um espírito mau ou pelo espírito do próprio homem. As emoções religiosas são também assim, não importa quem as manipule. Muitos sentimentos agradáveis podem ser despertados na alma por uma adoração inferior ou até mesmo idólatra. A freira que se ajoelha "em adoração estática" diante da imagem da Virgem está tendo uma experiência religiosa genuína. Ela sente amor, temor e reverência, emoções essas que causam tanto prazer como se ela estivesse adorando a Deus. As experiências místicas dos hindus e sufis não podem ser postas de lado como simples pretensões. Nem ousamos desprezar os altos vãos religiosos dos espíritas e outros ocultistas como mera imaginação. Eles podem ter e algumas vezes têm encontros reais com alguma coisa ou alguém além de si mesmos. Os cristãos são também algumas vezes levados a experiências emocionais que transcendem o seu poder de compreensão. Encontrei alguns que me perguntaram ansiosos se a experiência que haviam tido vinha de Deus.

O grande teste é este; Que influência isto teve em minha relação com o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo? Se esta nova visão da verdade — este novo encontro com coisas espirituais — me fez amar mais a Deus, se o exaltou a meus olhos, se purificou meu conceito de seu ser e fez com que parecesse mais maravilhoso do que antes, posso então concluir que não me desviei para o caminho agradável mas perigoso e proibido do erro.

2. O teste que vem a seguir é este: Como esta nova experiência afetou minha atitude para com o Senhor Jesus Cristo? Qualquer que seja a posição que a religião de hoje conceda a Cristo, Deus lhe deu o primeiro lugar no céu e na terra. "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo", falou a voz de Deus do céu com respeito ao Senhor Jesus. Pedro, cheio do Espírito Santo, declarou: "Esse mesmo Jesus, a quem crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo" (Atos 2:36). Jesus disse a respeito de si mesmo: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14:6). Pedro falou de novo sobre Ele: "E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum

outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos" (At 4:12). O livro de Hebreus inteiro é dedicado à idéia da superioridade de Cristo sobre todos. Ele é mostrado como sendo superior a Arão e Moisés, e até os anjos são chamados para prostrar-se e adorá-lo. Paulo diz que Ele é a imagem do Deus invisível, que nele habita a plenitude da divindade corporalmente e que em todas as coisas ele deve ter a preeminência. Eu não teria tempo suficiente para falar sobre a glória concedida a Ele pelos profetas, patriarcas, apóstolos, santos, anciãos, salmistas, reis e serafins. Ele é feito para nós sabedoria e justiça, santificação e redenção. Ele é nossa esperança, nossa vida, nosso tudo em todos, agora e para sempre.

Tudo isto sendo verdade, fica claro que deve estar sempre no centro de toda verdadeira doutrina, toda prática aceitável, toda experiência cristã genuína. Tudo que faz dEle menos do que Deus declarou que Ele é, não passa de ilusão pura e simples, devendo ser rejeitado, por mais agradável ou satisfatório que seja no momento.

O cristianismo sem Cristo parece contraditório, mas ele existe como um fenômeno real em nossos dias. Muito do que está sendo feito em nome de Cristo é falso em relação a Ele, sendo concebido pela carne, incorporando métodos carnis e buscando fins carnis. Cristo é mencionado de tempos a tempos da mesma forma e pela mesma razão que um político ambicioso menciona Lincoln e a bandeira do país, a fim de prover uma fachada santa para as atividades carnis e enganar os ouvintes ingênuos. O que denuncia a falsidade é o fato de Cristo não ser o centro: Ele não é tudo em todos.

Existem experiências psíquicas que emocionam o recipiente e o levam a crer que teve um encontro real com o Senhor, sendo transportado ao terceiro céu; mas a verdadeira natureza do fenômeno é descoberta mais tarde quando a face de Cristo começa a esmaecer no consciente da vítima e ela passa a depender mais e mais dos êxtases emocionais para provar a sua espiritualidade.

Se, por outro lado, a nova experiência tende a tornar Cristo indispensável, se coloca em Cristo o nosso interesse em lugar de em nossos próprios sentimentos, estamos no caminho certo. O que quer que nos faça amar Cristo é seguro que vem de Deus.

3. Outro teste revelador quanto à solidez da experiência religiosa é: Como ela afeta minha atitude para com as Sagradas Escrituras?

Esta nova experiência, esta nova visão da verdade, foi gerada pela própria Palavra de Deus ou é resultado de algum estímulo externo, fora da Bíblia? Os cristãos emotivos com frequência se tornam vítimas de pressões psicológicas fortes aplicadas proposital ou inocentemente por meio de um testemunho pessoal ou por uma história pitoresca contada por um pregador fervoroso que talvez pregue com determinação profética mas que não verificou a mesma em relação aos fatos nem testou a solidez de suas conclusões com a Palavra de Deus.

O que quer que tenha origem fora das Escrituras deve ficar sob suspeita até que venha a mostrar-se de acordo com elas. Se for descoberto que contraria a Palavra da verdade revelada, nenhum cristão sincero irá aceitá-lo como proveniente de Deus. Por mais alto que seja o conteúdo emocional, nenhuma experiência pode ser provada como autêntica a não ser que se encontre autoridade para ela nas Escrituras. A "palavra e ao testemunho" deve caber sempre a prova final.

Tudo o que seja novo ou singular deve também ser observado com precaução até que possa oferecer prova escriturística de sua validade. Neste último meio século várias noções não-escriturísticas têm sido aceitas pelos cristãos, alegando achar-se entre as verdades que deveriam ser reveladas nos últimos dias. É certo, afirmam os defensores desta teoria dos últimos dias, que Agostinho não sabia, nem Lutero, John Knox, Wesley, Finney e Spurgeon não compreendiam isso; mas uma luz mais brilhante desceu sobre o povo de Deus e nós, que vivemos nestes últimos dias, temos a vantagem de uma revelação maior. Não devemos questionar a nova doutrina nem fugir desta experiência mais avançada. O Senhor está preparando sua Noiva para a ceia das bodas do Senhor. Devemos todos ceder a este novo movimento do Espírito. É o que nos dizem.

A verdade é que a Bíblia não ensina que haverá uma nova luz e experiências

espirituais mais avançadas nos últimos dias; *ela ensina justamente o oposto*. Nada em Daniel ou no Novo Testamento pode ser manipulado a fim de defender a idéia de que nós, que vivemos no final da era cristã, iremos receber luz que não foi conhecida no início. Suspeite de todo homem que alegue ser mais sábio do que os apóstolos ou mais santo do que os mártires da primeira igreja. A melhor maneira de lidar com ele é levantar-se e sair da sua presença. Você não pode ajudá-lo e ele com certeza também não ajudará você.

Concedido, porém, que as Escrituras nem sempre sejam claras e que existem diferenças de interpretação entre homens igualmente sinceros, este teste irá fornecer toda a prova necessária com relação a qualquer assunto de religião, a saber: Como ele afeta o meu amor e apreciação pelas Escrituras?

Embora o verdadeiro poder não esteja na letra do texto mas no Espírito que o inspirou, jamais devemos subestimar o valor da letra. O texto da verdade tem a mesma relação com esta que o favo tem com o mel. Um serve de receptáculo para o outro. Mas a analogia termina aí. O mel pode ser removido do favo, mas o Espírito da verdade não opera em separado da letra das Sagradas Escrituras. Por esta razão, uma familiaridade crescente com o Espírito Santo sempre significa um maior amor pela Bíblia. As Escrituras são na forma impressa aquilo que Cristo é em pessoa. A Palavra inspirada se assemelha a um retrato fiel de Cristo. Mas de novo o símbolo não é perfeito, pois Cristo está na Bíblia como ninguém pode estar num simples retrato, já que a Bíblia é um livro de idéias santas e a Palavra eterna do Pai pode habitar e habita no pensamento por Ele mesmo inspirado. Os pensamentos são coisas, e os pensamentos das Sagradas Escrituras formam um templo grandioso para a habitação de Deus.

Segue-se então naturalmente que aquele que ama de fato a Deus amará também sua Palavra. Tudo o que venha a nós por parte do Deus da Palavra irá aprofundar nosso amor pela Palavra de Deus. Esta é uma seqüência lógica, mas temos a confirmação de uma testemunha muito mais digna de confiança do que a lógica, a saber, o testemunho combinado de um grande exército de testemunhas, vivas e mortas. Elas declaram a uma voz que seu amor pelas Escrituras intensificou-se à medida que cresceu a sua fé e sua obediência tornou-se consistente e jubilosa.

Caso a nova doutrina, a influência desse novo professor, a nova experiência emocional, venham a encher meu coração de vontade de meditar sobre as Escrituras dia e noite, tenho toda razão para crer que Deus falou à minha alma e que minha experiência é genuína. De modo contrário, se meu amor pelas Escrituras esfriou um pouco, se minha ansiedade em comer e beber da Palavra inspirada abateu-se mesmo numa escala mínima, devo humildemente admitir que deixei de ver o sinal de Deus em algum ponto e voltar atrás imediatamente até encontrar de novo o verdadeiro caminho.

4. Posso também provar a qualidade da experiência religiosa pelo seu efeito sobre a vida do "eu".

O Espírito Santo e o "eu" humano decaído são diametralmente opostos, "Porque a carne milha contra o Espírito, e o Espírito contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que porventura seja do vosso querer" (Gl 5:17). "Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito. . . Por isso o pendor da carne é inimizado contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar" (Rm 8:5,7).

Antes que o Espírito de Deus possa operar criativamente em nosso coração, Ele precisa condenar e matar a "carne" que existe em nós; isto é, precisa ter nosso pleno consentimento para substituir nosso "eu" natural pela Pessoa de Cristo. Esta substituição é cuidadosamente explicada em Romanos 6, 7 e 8. Quando o cristão sincero passa pela experiência da crucificação descrita nos capítulos 6 e 7, ele é introduzido nas regiões mais amplas e livres do capítulo 8, e nelas o "eu" é destronado e Cristo entronizado para sempre.

Sob esta luz, não é difícil ver por que o comportamento do cristão em relação ao "eu" é um teste excelente da validade de suas experiências religiosas. A maioria dos grandes mestres da vida interior, tais como Fenelon, Molinos, João da Cruz, Madame Guyon e

muitos outros, advertiram contra as experiências pseudo-religiosas que suprem gozo carnal mas alimentam a carne e enchem o coração de amor próprio.

Uma boa regra é a seguinte: se esta experiência serviu para humilhar-me e me tornar pequeno e vil a meus próprios olhos, vem de Deus; mas se me proporcionou um sentimento de gratificação, é falsa e deve ser abandonada como emanando do "eu" ou do diabo. Nada que venha da parte de Deus irá aumentar meu orgulho ou auto-satisfação. Se me vejo tentado a ser complacente e a sentir-me superior por ter tido uma visão notável ou uma experiência espiritual avançada, devo ajoelhar-me imediatamente e arrepender-me de tudo o que aconteceu. Caí vítima do inimigo.

5. Nossa relação e nossa atitude com nossos irmãos cristãos é outro teste definitivo de nossa experiência religiosa.

O cristão sincero, depois de um notável encontro espiritual, pode às vezes afastar-se de seus irmãos na fé e desenvolver um espírito crítico. Ele pode estar sinceramente convencido de que sua experiência é superior — que se acha agora num estado avançado de graça, e que os membros de sua igreja não passam de uma multidão mista sendo ele o único e legítimo filho de Israel. Ele pode esforçar-se para mostrar paciência com esses indivíduos mundanos, mas sua linguagem suave e sorriso de condescendência revelam sua verdadeira opinião sobre eles — e sobre si mesmo. Este estado de mente é perigoso, e tanto mais perigoso porque pode justificar-se através de fatos. O irmão *teve* uma experiência notável; ele *recebeu* orientação maravilhosa sobre as Escrituras; ele *entrou* numa terra esplêndida que lhe era desconhecida antes. Pode ser também facilmente verdade que os cristãos professos de suas relações sejam mundanos, apáticos, sem qualquer entusiasmo espiritual. Ele está enganado, mas não são os seus fatos que provam isso, mas a sua reação aos fatos é carnal. Sua nova espiritualidade o tornou menos caridoso.

Lady Juliana nos conta em seu inglês castiço como a verdadeira graça cristã influi em nossa atitude para com nossos semelhantes: "Pois, acima de tudo, a contemplação e o amor do Criador diminuem a alma a seus próprios olhos, e a enchem de temor reverente e sincera humildade; manifestando abundância de sentimentos caridosos em relação aos irmãos em Cristo". Qualquer experiência religiosa que deixe de aprofundar nosso amor pelos cristãos pode ser com certeza descartada como falsa.

O apóstolo João faz do amor por nossos companheiros cristãos um teste da verdadeira fé. "Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade. E nisto conheceremos que somos da verdade, bem como, perante ele, tranquilizaremos o nosso coração" (Jo 3:18,19). E de novo repete: "Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus, e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor" (1 Jo 4:7,8).

À medida que crescemos na graça crescemos em amor para com o povo de Deus. "Todo aquele que ama ao que o gerou, também ama ao que dele é nascido" (1 Jo 5:1). Isto significa simplesmente que se amarmos a Deus iremos amar também a seus filhos. Toda verdadeira experiência cristã irá aprofundar nosso amor pelos demais cristãos.

Devemos então concluir que tudo o que nos separa pessoalmente, ou no coração, de nossos irmãos em Cristo, não vem de Deus, mas pertence à carne ou ao diabo. E, de maneira oposta, tudo o que nos leva a amar os filhos de Deus vem provavelmente de Deus. "Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros" (Jo 13:35).

6. Este é um outro teste seguro da fonte de nossa experiência religiosa: Note como ela afeta a nossa relação e nossa atitude para com o mundo.

Por "mundo" não estou indicando, naturalmente, a maravilhosa ordem da natureza criada por Deus para gozo da humanidade. Nem me refiro ao mundo dos homens perdidos no sentido usado pelo Senhor quando disse; "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele" (Jo 3:16,17). Todo e qualquer toque de Deus na

alma irá com certeza aprofundar nossa apreciação das belezas da natureza e intensificar nosso amor pelos perdidos. Refiro-me aqui a uma coisa por completo diferente.

Vejamos isso nas palavras de um apóstolo: "Porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente" (1 Jo 2:16,17).

Este é o mundo pelo qual podemos testar os espíritos. É o mundo do gozo carnal, dos prazeres ímpios, da busca dos bens e da fama desta terra, e da felicidade pecaminosa. Ele segue seu curso sem Cristo, seguindo o conselho dos perversos e sendo animado pelo príncipe das potestades do ar, o espírito que opera nos filhos da desobediência (Ef 2:2). Sua religião é uma forma de divindade, sem poder, que tem fama de estar viva, mas está morta. Trata-se, em resumo, da sociedade humana não-regenerada seguindo alegre a caminho do inferno, o exato oposto da verdadeira Igreja de Deus, que é uma sociedade de almas regeneradas, caminhando com sobriedade e júbilo para o céu que as espera.

Qualquer operação real de Deus em nosso coração tenderá a nos separar da companhia do mundo. "Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele" (1Jo 2:15). "Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto, que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? ou que comunhão da luz com as trevas?" (2 Co 6:14). Podemos afirmar sem qualquer dúvida que todo espírito que permite condescendência com o mundo é um falso espírito. Qualquer movimento religioso que imite o mundo em qualquer de suas manifestações é falso em relação à cruz de Cristo, encontrando-se ao lado do demônio — e isto sem considerar os esforços de seus líderes em convencer você de "aceitar Cristo" ou "deixar que Deus governe sua vida".

7. O último teste da autenticidade da experiência cristã é o que ela faz com relação à nossa atitude para com o pecado.

A operação da graça no interior do coração do indivíduo crente irá afastar esse coração do pecado e orientá-lo em direção à santidade. "Porque o dom gratuito da salvação eterna agora está sendo oferecido a todos; e juntamente com este dom, vem a compreensão de que Deus quer que nos voltemos da vida ímpia e dos prazeres pecaminosos para uma vida correta no temor de Deus, dia a dia, aguardando ansiosamente aquele tempo quando se verá a sua glória — a glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo" (Tito 2:11-13).

Não vejo como isso possa ser mais claro. A mesma graça que salva, ensina; e seu ensinamento é tanto positivo como negativo. De modo negativo ela ensina-nos a negar a impiedade e os desejos mundanos. Positivamente, nos ensina a viver sensata, justa e piedosamente neste mundo.

O homem sincero não encontrará dificuldade nisto. Ele precisa apenas verificar suas próprias inclinações a fim de saber se está preocupado em grau maior ou menor quanto ao pecado em sua vida desde que a suposta obra de graça foi realizada. Qualquer coisa que enfraqueça seu ódio pelo pecado pode ser imediatamente identificado como falso para com as Escrituras, o Salvador e sua própria alma. O que quer que torne a santidade mais atraente e o pecado mais intolerável pode ser aceito como genuíno. "Pois tu não és Deus que se agrada com a iniquidade, e contigo não subsiste o mal. Os arrogantes não permanecerão à tua vista; aborreces a Todos os que praticam iniquidade" (Sl 5:4,5).

Jesus advertiu, "porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos" (Mt 24:24). Essas palavras descrevem perfeitamente a nossa época para não passarem de simples coincidência. Na esperança de que os "eleitos" possam tirar proveito delas estabeleci esses testes. O resultado está nas mãos de Deus.

46. Algumas Idéias sobre os Livros e a Leitura

Um dos grandes problemas em muitas partes do mundo contemporâneo é aprender a ler, e em outras é descobrir o que ler depois de ter aprendido. Em nosso ocidente favorecido somos esmagados sob o peso do material impresso, e o problema para nós se torna então o da escolha do que ler. Devemos também decidir o que não ler.

Há quase um século, Emerson declarou que se o homem pudesse começar a ler no dia em que nasce e continuasse lendo sem interrupção durante setenta anos, no final desse período teria lido um número de livros suficiente apenas para preencher um pequeno nicho na Biblioteca Britânica. A vida é tão curta e os livros de que podemos dispor são tantos que ninguém pode vir a conhecer mais que uma fração de um por cento dos livros publicados.

Não é preciso dizer que a maioria de nós não sabe escolher o material de leitura. Fico às vezes imaginando quantos metros quadrados de material impresso passa à frente dos olhos do homem civilizado comum no espaço de um ano. Com certeza chega a muitos acres, e temo que nosso leitor mediano não colha uma grande colheita de seus acres. O melhor conselho que ouvi neste sentido foi dado por um ministro metodista: "Leia sempre o seu jornal de pé". Henry David Thoreau também tinha um baixo conceito da imprensa diária. Pouco antes de deixar a cidade para a sua agora famosa permanência às margens do Lago Walden, um amigo lhe perguntou se gostaria que o jornal fosse entregue em sua casa de campo. "Não", replicou Thoreau, "já vi um jornal".

Em nossa leitura séria somos provavelmente bastante influenciados pela idéia de que o principal valor de um livro é informar; e se estivermos falando de livros didáticos, então isso será naturalmente verdade, mas quando nos referimos a livros, seja em converse ou por escrito, não temos em mente esse tipo de leitura,

O melhor livro não é aquele que simplesmente informa, mas o que estimula o leitor a informar-se. O melhor escritor é o que nos acompanha através do mundo das idéias como um guia amigo que anda a nosso lado pela floresta indicando-nos uma centena de prodígios naturais que não tínhamos notado antes. Aprendemos então com ele a ver por nós mesmos e logo não mais necessitamos de um guia. Se ele tiver feito bem o seu trabalho, podemos continuar sozinhos sem perder quase nada de interessante no caminho.

O autor que nos ajuda mais é aquele que traz à nossa atenção pensamentos que estão pairando em nossa mente, à espera de serem reconhecidos como nossos. Tal pessoa faz o papel de uma parteira, assistindo ao nascimento das idéias que se achavam em gestação há muito tempo em nossa alma, mas que sem esse auxílio talvez não viessem a nascer jamais.

São poucas as emoções que nos satisfazem tanto quanto a alegria proveniente do ato de reconhecimento, quando vemos e identificamos os nossos próprios pensamentos. Todos tivemos mestres que procuraram educar-nos introduzindo idéias estranhas em nossa mente, idéias com as quais não sentíamos qualquer afinidade espiritual ou intelectual. Tentamos integrar essas noções no conjunto de nossa filosofia espiritual, mas sempre sem qualquer resultado.

Num sentido muito real homem algum pode ensinar outro; mas apenas ajudá-lo a ensinar-se a si mesmo. Os fatos podem ser transferidos de uma para outra mente, da mesma forma que uma cópia é feita passando o conteúdo da fita original para um gravador. História, ciência e até mesmo teologia podem ser ensinadas desta forma, mas isso resulta num tipo de aprendizado bastante artificial e raras vezes influencia positivamente a vida do aluno num sentido mais profundo. O que o aprendiz contribui para o processo de aprendizado é tão importante quanto tudo que o professor possa contribuir. Se o aluno não participar com nada os resultados serão nulos; o mais que se pode esperar é a criação artificial de um outro professor, imitação do primeiro, que irá repetir em mais alguém o mesmo processo fatigante, *ad infinitum*.

A percepção das idéias em lugar da estocagem das mesmas deve ser o alvo da educação. A mente deve ser um olho que vê em lugar de um recipiente ou depósito de

fatos. O homem ensinado pelo Espírito Santo será melhor classificado como um vidente do que como um erudito. A diferença está em que o erudito vê e o vidente vê *através*, sendo essa com efeito uma enorme diferença.

O intelecto humano, mesmo em sua condição decaída, é uma obra respeitável de Deus, mas permanece nas trevas até que seja iluminado pelo Espírito Santo. O Senhor pouco tem a dizer de bom da mente não-iluminada, mas se compraz naquela que foi renovada e esclarecida pela graça. Ele sempre torna glorioso o lugar onde pousa os pés; dificilmente se encontra nesta terra algo tão belo quanto a mente cheia do Espírito, e certamente nada existe de mais maravilhoso do que a mente alerta e entusiasta tornada incandescente pela presença do Cristo interior.

Desde que aquilo que lemos entra na alma de maneira concreta, é de vital importância que leiamos o que é melhor e nada senão o melhor. Acho que os cristãos estavam mais seguros quando não havia tanta coisa para ser lida. Precisamos hoje disciplinar com severidade nossos hábitos de leitura. Todo cristão deve conhecer bem a Bíblia ou, pelo menos, passar horas, dias e anos tentando isso. Ele deve sempre ler a sua Bíblia, como disse George Muller: "com meditação, reflexão".

Depois da Bíblia o livro mais valioso para o cristão é o *hinário*. O jovem cristão que passar um ano meditando com espírito de oração sobre os hinos de Watts e Wesley já terá possibilidade de tornar-se um excelente teólogo. Depois disso, deve alimentar-se com uma dieta equilibrada dos cristãos puritanos místicos. Os resultados serão muito melhores do que poderia ter sonhado.

47. Os Santos Devem Andar a Sós

A maioria das grandes almas deste mundo foram almas solitárias. A solidão parece ser o preço que o santo deve pagar pela sua santidade.

Na manhã do mundo (ou talvez devêssemos dizer, naquela estranha escuridão que surgiu logo após a alvorada da criação do homem), aquela alma piedosa, Enoque, andou com Deus e já não era, porque Deus a tomou; e embora não seja dito exatamente nessas palavras, pode-se muito bem inferir que Enoque seguiu por um caminho bem diferente daquele de seus contemporâneos.

Abraão tinha Sara e Ló, assim como muitos servos e pastores, mas quem pode ler a sua história e o comentário apostólico sobre ela sem sentir imediatamente ser ele um homem "cuja alma se assemelhava a uma estrela e habitava na solidão"? Ao que sabemos, Deus jamais se dirigiu a ele quando acompanhado por outras pessoas. Abraão se comunicava diante do seu Deus, e a dignidade inata do homem proibia que assumisse esta postura na presença de outros.

Como foi doce e solene a cena naquela noite do sacrifício quando ele viu o fogo movendo-se entre os pedaços da oferta. Ali, sozinho com o horror da grande escuridão à sua volta, ele ouviu a voz de Deus e soube que tinha sido marcado com o favor divino.

Este capítulo foi originalmente escrito para a revista "Eternity," sendo usado aqui com a permissão da mesma.

Moisés foi também um homem separado. Embora ainda tivesse ligação com a corte do Faraó, ele fazia grandes caminhadas sozinho. Durante um desses passeios, enquanto estava ainda longe da multidão, ele viu um egípcio e um hebreu brigando e foi em auxílio de seu conterrâneo. Depois do rompimento com o Egito, que resultou desse ato, ele habitou em quase completa reclusão no deserto. Ali, enquanto vigiava sozinho seu rebanho, o prodígio da sarça ardente surgiu diante dele e mais tarde, no alto do Sinai, ficou abaixado, sozinho, para contemplar em fascinado terror a Presença, parcialmente oculta, parcialmente revelada, dentro da nuvem e do fogo.

Os profetas das eras pré-cristãs eram muito diferentes uns dos outros, mas uma coisa que tiveram em comum foi a sua solidão forçada. Eles amavam seu povo e se gloriavam na religião dos pais mas sua lealdade ao Deus de Abraão, Isaque e Jacó, e seu zelo pelo bem-

estar da nação de Israel os afastou da multidão, lançando-os em longos períodos de isolamento. "Tornei-me estranho a meus irmãos, e desconhecido aos filhos de minha mãe" (Sl 69:8), clamou um deles e sem saber falou por todos os demais.

A visão mais reveladora foi a dAquele de quem Moisés e todos os profetas escreveram, seguindo solitário para a cruz. Sua profunda solidão não foi mitigada pela presença das multidões.

É meia-noite e no alto do monte das Oliveiras As estrelas que brilhavam esmaeceram; É meia-noite agora no jardim, O Salvador que sofre ora sozinho.

É meia-noite e afastado de todos, O Salvador luta só com seus temores; Nem mesmo o discípulo a quem amava, Observa o sofrimento e as lágrimas do Mestre.

William B. Tappan

Ele morreu só na escuridão, oculto aos olhos do homem mortal e ninguém observou quando ressurgiu triunfante, deixando a sepultura, embora muitos o vissem mais tarde e testemunhassem quanto ao que viram. Existem coisas sagradas demais para qualquer olho observar além do de Deus. A curiosidade, o clamor, o esforço bem-intencionado mas sem jeito, podem prejudicar em vez de ajudar a alma que espera e tornar improvável senão impossível a comunicação da mensagem secreta de Deus ao coração do adorador.

Algumas vezes reagimos com uma espécie de reflexo religioso e repetimos obrigatoriamente palavras e frases adequadas, embora elas não expressem nossos sentimentos reais e lhes falte a autenticidade da experiência pessoal. Isso está acontecendo agora. Uma certa lealdade convencional pode fazer alguém que ouça esta verdade pouco familiar expressa pela primeira vez dizer com animação: "Oh, nunca me sinto sozinho. Cristo afirmou 'Não te deixarei nem te desampararei', e 'Estarei contigo para sempre'. Como posso sentir-me solitário quando Jesus está comigo?"

Não quero julgar a sinceridade de qualquer alma cristã, mas este testemunho é demasiado típico para ser real. Trata-se evidentemente do que o indivíduo *pensa* que deveria ser verdadeiro em lugar do que provou ser verdade mediante o teste da experiência. Esta alegre negativa da solidão prova apenas que a pessoa jamais andou com Deus sem o apoio e ânimo supridos pela sociedade. A sensação de companheirismo que ele erradamente atribui à presença de Cristo pode ter origem, e provavelmente tem, na presença de amigos. Lembre-se sempre: você não pode levar a cruz acompanhado. Embora o homem possa estar cercado por uma imensa multidão, a sua cruz lhe pertence e o fato de carregá-la faz dele um ente à parte. A sociedade se voltou contra ele, caso contrário não teria uma cruz. Ninguém mostra amizade pelo homem com uma cruz. "Todos deixando-o, fugiram."

A dor da solidão está ligada à constituição de nossa natureza. Deus nos fez uns para os outros. O desejo de companhia é completamente natural e certo. A solidão do crente nasce do seu andar com Deus num mundo ímpio, um caminhar que freqüentemente o afasta da companhia de bons cristãos assim como do mundo não-regenerado. O instinto que lhe foi concedido por Deus clama por manter amizade com outros que se identifiquem com ele, outros que possam compreender seus anseios, suas aspirações, sua absorção no amor de Cristo; e pelo fato de no seu círculo de amigos serem tão poucos os que partilham de suas experiências íntimas, ele é forçado a andar sozinho. O anseio insatisfatório dos profetas pela compreensão humana levou-os a queixar-se em voz alta e chorar, e até o Senhor também sofreu assim.

O homem que entrou na presença divina numa experiência interior real não encontrará muitos que o compreendam. Uma certa fraternidade social lhe será naturalmente oferecida enquanto se mistura com pessoas religiosas nas atividades regulares da igreja, mas verdadeiro companheirismo espiritual vai ser difícil de achar, embora não deva esperar outra coisa. Afinal de contas, ele é um peregrino e a jornada empreendida não é feita com os pés, mas com o coração. Ele anda com Deus no jardim de sua própria alma — e quem senão Deus pode andar ali com ele? O seu espírito difere do das multidões que caminham pelos pátios da casa do Senhor. Ele viu aquilo que elas só tiveram oportunidade de ouvir, e anda em seu meio como Zacarias andou depois de sua

volta do altar quando o povo sussurrou: "Teve uma visão".

O indivíduo verdadeiramente espiritual é de fato extravagante. Não vive para si mesmo mas para promover os interesses de Outro. Ele procura persuadir as pessoas a darem tudo de si ao Senhor e não pede qualquer porção para si mesmo. Compraz-se em ver seu Salvador glorificado aos olhos dos homens, e não em receber honras pessoais. Sua alegria é ver seu Senhor promovido e ele próprio negligenciado. São poucos os que desejam trocar idéias com ele sobre o objeto supremo do seu interesse, e fica então no geral silencioso e preocupado em meio às conversas religiosas barulhentas e triviais. Ganha assim a reputação de ser aborrecido e sério em excesso, sendo evitado e alargando cada vez mais o abismo entre ele e a sociedade. Busca amigos em cujas vestes pode sentir o aroma da mirra e do aloés saídos de palácios de marfim, mas encontrando poucos ou nenhum, como Maria fez antigamente, guarda essas coisas em seu coração.

Justamente essa solidão o faz lançar-se de volta a Deus. "Quando meu pai e minha mãe me abandonarem, então o Senhor me tomará para si." Sua incapacidade de encontrar companhia humana o leva a buscar em Deus o que não descobre em lugar algum. Aprende em solidão interior o que jamais poderia ter aprendido junto à multidão — que Cristo é Tudo em Todos, que Ele foi feito para nós sabedoria, retidão, santificação e redenção, que nEle temos e possuímos o *summum bonum* da vida.

Duas coisas precisam ainda ser ditas. A primeira é que o homem solitário que mencionamos não é arrogante, nem é o tipo "mais santo do que tu" amargamente satirizado na literatura popular. Com toda probabilidade sente-se o mais insignificante de todos os homens e culpa-se a si mesmo de sua solidão. Quer partilhar seus sentimentos com outros e abrir o coração a alguém cuja alma se identifique com a sua, mas o clima espiritual que o rodeia não o anima e permanece então em silêncio, contando suas mágoas somente a Deus.

A segunda coisa é que o santo solitário não é o homem arredio que endurece o coração contra o sofrimento humano e passa os dias contemplando os céus. O oposto é verdade. Sua solidão o faz acolher com simpatia os que têm o coração partido, os que caíram pelo caminho e os que foram manchados pelo pecado. Por achar-se desligado do mundo, tem muito maior capacidade para ajudá-lo. Meister Eckhart ensinou seus seguidores que se estivessem orando como para serem transportados para o terceiro céu e acontecesse lembrarem de uma pobre viúva que precisava de alimento, deviam interromper imediatamente a oração e ir cuidar da viúva. "O Senhor não permitirá que percam nada com isso", disse-lhes. "Podem retomar a oração no ponto em que a deixaram e o Senhor irá aceitá-la da mesma forma". Isto é típico dos grandes místicos e mestres da vida interior, desde Paulo até hoje.

A fraqueza de tantos cristãos modernos é que eles se sentem à vontade no mundo. Km seu esforço para conseguir um "ajuste" agradável à sociedade não-regenerada, eles perderam seu caráter de peregrinos e se tornaram uma parte da própria ordem moral contra a qual foram enviados para protestar. O mundo os reconhece e os aceita pelo que são. E esta é justamente a coisa mais triste que pode ser dita a seu respeito. Não são solitários, mas também não são santos.

Excerto Extraído de Como Encher-se com o Espírito Santo

48. Como Encher-se com o Espírito Santo

Antes de tratarmos da questão de como encher-se com o Espírito Santo, existem alguns assuntos que precisam ser estabelecidos. Como crentes, precisamos tirá-los do caminho e é então que surgem as dificuldades. Tenho medo que meus ouvintes tenham de alguma forma concebido a idéia de que eu conheço uma doutrina sobre como encher-se

com o Espírito em cinco lições fáceis, que poderia transmitir a você. Se você tem qualquer noção nesse sentido, só posso dizer-lhe que "sinto muito", pois não é verdade. Não posso ensinar-lhe esse curso. O que eu digo é que existem certas coisas que precisamos determinar. Uma delas é esta: Antes de ser enchido com o Espírito Santo você deve estar *certo de que pode ser enchido*.

Satanás tem objetado a doutrina da vida cheia do Espírito mais do que qualquer outra. Ele procurou confundi-la, cercá-la de falsos conceitos e temores e opôs-se a ela, bloqueando todo esforço da Igreja de Cristo para receber do Pai seu patrimônio divino e comprado com sangue. A igreja negligenciou tragicamente esta grande verdade libertadora — que o filho de Deus pode ser agora ungido com o Espírito Santo de maneira plena, maravilhosa e completamente satisfatória,

Você deve então certificar-se de que pode receber esse dom. Deve estar certo de que essa é a vontade de Deus para a sua pessoa; isto é, que o mesmo faz parte do plano total, que está incluído e envolvido na obra de Cristo na redenção; que ele foi, como diziam os antigos, "comprado pelo seu sangue".

Eu quero fazer uma pausa aqui e dizer que vou referir-me no decorrer deste capítulo tanto ao dom, como ao Espírito Santo em si, e para diferenciar, sempre que me referir ao Espírito usarei maiúsculas no pronome pessoal, pois o Espírito é uma pessoa.

A vida cheia do Espírito não é uma edição especial, de luxo, do cristianismo. Ela faz parte do plano total de Deus para o seu povo.

Fique satisfeito por ela não ser anormal. Admito que não seja comum, pelo fato de haverem tão poucos que andam à luz da mesma ou gozam dela, mas não é um fenômeno. Num mundo em que todos estivessem doentes a saúde seria incomum, mas não anormal. Isto é pouco comum porque nossas vidas acham-se terrivelmente enfermas e muito aquém de onde deveriam estar.

Você deve ficar também feliz porque não existe nada esquisito, estranho ou misterioso a respeito do Espírito Santo. Acredito ter sido obra do demônio cercar a pessoa do Espírito Santo com um halo de estranheza ou esquisitice, de maneira que o povo de Deus sente que esta vida cheia do Espírito é estranha e peculiar, um tanto sinistra.

Nada disso é verdade, meu amigo. Foi o diabo que fabricou essas histórias. Foi ele que as inventou, o mesmo diabo que uma vez falou à nossa primeira mãe: "É assim que Deus disse?" e assim difamou o Deus Todo-poderoso. Esse mesmo diabo caluniou o Espírito Santo. Nada existe de misterioso, nada de estranho, nada contrário às operações normais do coração humano sobre o Espírito Santo. Ele é apenas a essência de Jesus transmitida aos crentes. Quando lê os quatro evangelhos você tem oportunidade de ver como Jesus era maravilhosamente calmo, puro, sadio, simples, doce, natural e digno de amor. Até mesmo os filósofos que não crêem na sua divindade têm de admitir que seu caráter era admirável.

Você deve estar certo disto tudo até o ponto de convicção. Isto é, precisa estar convencido a ponto de não tentar persuadir a Deus.

Você não precisa fazer isso de modo algum. Não há necessidade de persuasão. O Dr. Simpson costumava dizer: "Ficar cheio do Espírito é tão fácil quanto respirar; basta inspirar e respirar". Ele escreveu um hino nesse sentido. Sinto que o hino não seja muito bom, mas a teologia é excelente.

A não ser que tenha alcançado esse ponto em seu modo de pensar, meditar e orar, sabendo que a vida cheia do Espírito foi feita para você, que não há dúvida a respeito — que nenhum livro que tenha lido, sermão que tenha ouvido, ou tratado que alguém lhe enviou o está perturbando; você se sente tranqüilo a respeito disso tudo; está convencido de que no sangue de Jesus, quando ele morreu na cruz, achava-se incluído, como parte da compra feita com esse sangue, o seu direito a uma vida plena, cheia do Espírito — a não ser que se ache convencido disso, a não ser que esteja certo de que não se trata de um acréscimo extra, um item de luxo que você precisa pedir a Deus, suplicando e batendo com os punhos na cadeira para obter, recomendo-lhe o seguinte: não faça nada a respeito a não ser meditar sobre as Escrituras relativas a esta verdade. Leia a Palavra de Deus e aquelas partes que tratam do assunto em discussão, meditando sobre ele, pois "a fé vem pelo ouvir

esta Boa Nova — a Boa Nova a respeito de Cristo". A verdadeira fé não surge através dos sermões, mas da Palavra de Deus, e dos sermões somente no sentido de que são da Palavra de Deus. Recomendo calma e confiança. Não se excite, não desanime. A hora mais sombria é justamente aquela que antecede a madrugada. É possível que esse período de desânimo pelo qual você está passando seja preliminar ao romper de um novo e belo estilo de vida, se continuar caminhando para conhecer o Senhor.

Lembre-se, o medo pertence à carne e o pânico ao diabo. Jamais tema nem entre em pânico. Quando as pessoas se aproximavam de Jesus só os hipócritas tinham razão para temê-lo. Quando um hipócrita procurava Jesus, Ele simplesmente o cortava em pedaços e o despedia sangrando por todos os poros. Se estavam dispostos a abandonar seus pecados e seguir o Senhor, aproximando-se com sinceridade e dizendo: "Senhor, que devo fazer?", o Senhor lhes dava todo o seu tempo, conversando com eles e explicando, a fim de corrigir quaisquer impressões falsas ou idéias erradas que tivessem. Ele é o Mestre mais doce, mais compreensivo e maravilhoso do mundo, e nunca põe ninguém em pânico. Só o pecado faz isso. Se houver um senso de pânico em sua vida, pode ser que haja pecado nela e precisa libertar-se do mesmo.

Assim sendo, antes de você poder ser enchido com o Espírito deve primeiro sentir esse desejo. Surge aqui um pouco de confusão. Alguém pode perguntar: "Como pode dizer que é preciso querer esse dom, quando sabe que tal desejo já existe? Não falamos com você pelo telefone? Não estamos aqui hoje para ouvir o sermão sobre o Espírito Santo? Tudo isso não indica muito bem que desejamos ser cheios do Espírito?"

Não necessariamente, e vou explicar o porquê. Por exemplo, está certo de que deseja ser possuído por um outro espírito além do seu? Mesmo que esse espírito seja o puro Espírito de Deus? Mesmo que seja a própria essência da gentileza do amável Jesus? Mesmo que seja sadio, puro e livre? Mesmo que seja a sabedoria personificada, a própria sabedoria, e que tenha um unguento precioso e com poder para curar? Mesmo que seja tão amoroso quanto o coração de Deus? Esse Espírito, se vier a possuir você, será o Senhor da sua Vida!

Pergunto então: você quer que Ele seja o Senhor de sua vida? Sei que deseja os seus benefícios. Tenho isso como certo. Mas quer ser possuído por Ele? Quer entregar as chaves de sua alma ao Espírito Santo e dizer: "Senhor, daqui por diante não tenho mais sequer a chave de minha própria casa. Entro e saio conforme suas ordens"? Está preparado para entregar ao Senhor o escritório de sua empresa, a sua alma, e dizer a Jesus: "Esta cadeira é sua, use os telefones e tome conta do pessoal, sendo Senhor desta firma?" É isso que estou querendo indicar. Está certo que deseja isso? É isso que quer?

Está certo que deseja ver sua personalidade dirigida por Alguém que irá esperar obediência à Palavra escrita e viva? Que ela seja dirigida por Aquele que não tolera os pecados do "eu"? Por exemplo, amor-próprio, egoísmo. Não se pode ter o Espírito Santo e amor por si mesmo a um só tempo, seria como praticar a pureza e a impureza em conjunto e num só lugar. Ele não permitirá que você seja autoconfiante, auto-suficiente. Amor-próprio, autoconfiança, auto-retidão, auto-admiração, auto-exaltação e autopiedade são proibidos pelo Todo-poderoso, e Ele não pode enviar seu poderoso Espírito a fim de possuir o coração que abriga tais sentimentos.

Quero perguntar também se você deseja ver a sua personalidade absorvida por Alguém que se destaca em franca oposição à vida fácil do mundo. Nenhuma tolerância do mal, nada de rir das anedotas obscenas, nada de tratar como triviais as coisas que Deus odeia. O Espírito de Deus, quando toma posse, irá fazer com que você se oponha ao mundo da mesma forma que Jesus. O mundo crucificou Jesus porque não podia suportá-lo! Havia algo nele que os censurava e o odiaram por isso, acabando por crucificá-lo. O mundo odeia o Espírito Santo tanto quanto odiou Jesus, Aquele de quem Ele procede. Você tem certeza, irmão? Sei que quer a ajuda dEle, quer muitos dos seus benefícios; mas está disposto a acompanhá-lo em sua oposição às transigências do mundo? Caso não esteja, não peça mais do que já tem, porque você não quer, só pensa que deseja isso!

Por outro lado, está certo que precisa ser enchido? Não pode continuar como está?

Você tem uma vida boa. Ora, lê a Bíblia. contribui para os trabalhos missionários, gosta de cantar hinos, agradece a Deus por não beber, nem jogar ou ir a teatros ou cinemas, por ser honesto e por fazer devocionais em sua casa. Está contente com tudo isso. Não pode continuar assim? Acha que precisa mais do que isso? Quero ser justo com você. Quero fazer o que Jesus fez. Voltou-se para aqueles que o seguiam e lhes falou a verdade. Não quero enganá-lo com falsas pretensões. "Estão certos de que querem seguir-me?", perguntou Ele e muitos o abandonaram. Mas Pedro exclamou: "Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna". E os que não se afastaram foram os que fizeram a história. Os que não se retiraram foram aqueles que se acharam ali quando o Espírito Santo veio e encheu o lugar onde estavam reunidos. A multidão que foi embora jamais soube o que aconteceu.

Mas talvez você sinta em seu coração que não pode continuar como está, que o nível de espiritualidade a que se sente chamado está ainda muito além de onde se encontra. Se sente que existe algo que precisa ter, a fim de que seu coração possa satisfazer-se, que existem níveis de espiritualidade, profundezas e alturas místicas de comunhão espiritual, pureza e poder que você desconhece, que existe fruto que você deveria produzir e não produz, vitória que sabe deveria alcançar e não alcança — eu então diria: "Venha", pois Deus tem algo para lhe dar hoje.

Existe uma solidão espiritual, um isolamento interior, um lugar íntimo aonde Deus leva aquele que busca, onde ele fica tão só como se não houvesse outro membro da igreja em qualquer outra parte do mundo. Ah! quando você chega ali. existe uma escuridão mental, um vazio no coração, uma solidão na alma, mas é como se fosse uma preliminar da alvorada. *Ó Deus, leva-nos de alguma forma ao romper do dia!*

Eis aqui como receber. Primeiro, apresente o seu corpo a Ele (Rm 12:1,2). Deus não pode encher aquilo que não possui. Pergunto então: Você está pronto a apresentar seu corpo com todas as suas funções e tudo o que ele contém — sua mente, sua personalidade. seu espírito, seu amor, suas ambições, tudo enfim? Esse é o primeiro passo. Um ato simples e fácil — a apresentação do corpo. Está disposto a isso?

A segunda coisa é *pedir* (Lc 11:9-11), e ponho de lado todas as objeções teológicas a este texto. Elas dizem que não se aplica hoje. Por que então o Senhor o deixou na Bíblia? Por que não o colocou em outro lugar; por que o deixou onde eu o pudesse ler se não queria que crescesse nele? Tudo é para nós, e se o Senhor quisesse, poderia dar-nos sem que pedíssemos, mas Ele prefere que pecamos: "Peça e eu darei", é sempre a ordem de Deus. Por que não pedir então?

Lemos em Atos 5:32 a terceira coisa a ser feita. Deus dá o seu Espírito Santo aos que lhe obedecem. Você está disposto a obedecer, fazendo o que lhe é ordenado? O que seria isso? Simplesmente viver de acordo com as Escrituras, da forma como as entende. Simples, mas revolucionário.

O passo seguinte é ter fé (Gl 3:2). Nós O recebemos pela fé, como recebemos o Senhor na salvação pela fé. Ele vem como um dom de Deus a nós em poder. A princípio numa certa medida quando somos convertidos; de outra forma não poderíamos ser convertidos. Sem Ele não poderíamos nascer de novo, pois nascemos do Espírito. Estou porém falando de algo muito diferente agora, um avanço além desse ponto. Estou me referindo à vinda dEle e à sua posse *do* corpo, da mente, da vida e do coração do indivíduo; tomando para si a sua personalidade, com gentileza, mas diretamente, a fim de que se torne a habitação de Deus através do Espírito.

Vamos supor agora que cantemos. Vamos cantar *O Consolador Veio*, porque Ele realmente veio. Se não veio em toda a plenitude ao seu coração, Ele o fará; mas Ele veio à terra. Está aqui e preparado, quando apresentarmos nosso vaso, para enchê-lo, se pedirmos e crermos. Você vai fazer isso?

Excerto Extraído de *A Adoração: Jóia Ausente na Igreja Evangélica*

49. A Adoração: Ocupação Normal dos Seres Morais

Por que Cristo veio? Por que foi concebido? Por que nasceu? Por que foi crucificado? Por que ressuscitou? Por que está agora à destra do Pai?

A resposta a todas essas perguntas é: "Para que pudesse transformar os rebeldes em adoradores; para que nos restaurasse, fazendo-nos voltar ao lugar de adoração que conhecemos quando fomos criados no princípio".

Por termos sido criados para adorar, a adoração é a ocupação normal dos seres morais. Trata-se da ocupação normal e não de algo acrescentado, como ouvir a um concerto ou admirar as flores. A adoração faz parte da natureza humana. Todo vislumbre do céu os mostra em atitude de adoração: Ezequiel 1:1-5, as criaturas saídas do fogo estavam adorando Deus; Isaías 6:1-6, vemos o Senhor sentado num alto e sublime trono e ouvimos as criaturas dizendo: "Santo, santo, santo, é o Senhor dos Exércitos"; Apocalipse 4:8-11, Deus abre os céus e as vemos ali, adorando Deus Pai; e no quinto capítulo, versos 6 a 14, nós as vemos adorando Deus Filho.

A adoração é um imperativo moral. Em Lucas 19:37-40, toda multidão dos discípulos se achava adorando o Senhor quando Ele veio e alguns fizeram censuras. O Senhor lhes disse: "Asseguro-vos que, se eles se calarem, as próprias pedras clamarão".

A adoração é porém a jóia ausente no meio evangélico moderno. Somos organizados, trabalhamos, temos nossos compromissos. Temos quase tudo, mas existe uma coisa que as igrejas, até mesmo as evangélicas não têm: a capacidade para adorar. Não estamos cultivando a arte da adoração. Essa é a gema brilhante que falta na igreja de hoje, e acredito que devamos procurá-la até que possa ser encontrada.

Acho que devo estender-me mais um pouco sobre o que é a adoração e o que seria se existisse na igreja. É uma atitude, um estado de mente, um ato sujeito a graus de perfeição e intensidade. No momento em que Deus envia o Espírito de seu Filho aos nossos corações, dizemos "Abba" e estamos adorando. Esse é um lado. Mas muito diferente é sermos adoradores no pleno sentido da palavra no Novo Testamento.

Eu disse que a adoração é sujeita a graus de perfeição e intensidade. Houve alguns que adoraram a Deus até o ponto do êxtase. Vi certa vez um homem ajoelhar-se junto ao altar, tomando a comunhão; de repente foi tomado de um riso santo. Esse homem riu até cruzar os braços ao redor de si mesmo, como se temesse explodir de gozo na presença do Deus Altíssimo. Outras vezes vi pessoas em tal êxtase de adoração que se sentiam arrebatadas por ela, e ouvi certos convertidos de coração simples dizerem, "Abba Pai". A adoração pode então passar por uma escala, dos sentimentos mais simples até os mais intensos e sublimes.

Quais são os fatores que iremos encontrar na adoração? Vou falar de alguns, à medida que escrevo. Em primeiro lugar a *confiança ilimitada*. Você não pode adorar um Ser em quem não confie. A confiança é necessária para haver respeito, e o respeito é necessário para a adoração. A adoração cresce ou diminui em qualquer igreja, dependendo de nossa atitude para com Deus, se o consideramos grande ou pequeno. A maioria de nós vê Deus em ponto pequeno; nosso Deus é diminuto. Davi exclamou: "Magnificai a Deus comigo" e "magnificar" não significa tornar Deus grande, pois você não pode fazer isso. O que pode fazer é vê-lo grande.

A adoração, como disse, cresce ou diminui segundo o nosso conceito de Deus. Essa a razão pela qual não creio nesses indivíduos meio-convertidos que chamam Deus de "o Homem Lá de Cima". Não acredito que adorem de forma alguma, pois o seu conceito de Deus é indigno dEle e deles também. Se existe uma enfermidade terrível na igreja de Cristo é a de não vermos Deus tão grande como ele é. Nós tratamos Deus com excesso de familiaridade.

A comunhão com Deus é uma coisa, e a familiaridade com ele outra absolutamente diversa. Não gosto nem mesmo (e isto poderá ferir alguns de seus sentimentos — mas eles irão ficar bons de novo) de ouvir Deus chamado de "Você". "Você" é uma expressão coloquial. Posso chamar um homem de "você", mas devo chamar Deus de "Senhor", "Tu" e "Ti". Sei que são palavras antigas, mas sei também que existem algumas coisas tão preciosas que não devemos abandoná-las e acho que ao falarmos com Deus devemos usar os pronomes puros e respeitosos.

Também acho que não devemos falar muito de Jesus como simplesmente Jesus. Penso que temos de lembrar-nos de quem Ele é. "Ele é seu Senhor, e é preciso adorá-lo". Embora Ele desça ao ponto mais baixo de nossa necessidade e se torne acessível a nós, com a ternura da mãe para com seu filho, não se esqueça porém que quando João o viu — aquele João que reclinara a cabeça em seu peito caiu aos pés dEle como morto.

Já ouvi toda espécie de pregadores. Ouvi ignorantes presunçosos, homens aborrecidos e secos, assim como oradores eloqüentes; mas os que mais me ajudaram foram aqueles que se mostraram reverentes na presença do Deus de quem falavam. Poderiam ter senso de humor, mostrando-se até mesmo joviais; mas quando falavam de Deus sua voz tinha outro tom; tratavam agora de outra coisa, algo maravilhoso. Acredito que devamos ter novamente o velho conceito bíblico de Deus que torna Deus terrível e faz os homens se prostrarem, gritando: "Santo, santo, santo é o Senhor Todo-Poderoso". Isso faria mais pela igreja do que qualquer coisa.

Vem a seguir a **admiração**, isto é, a apreciação da excelência de Deus. O homem está melhor qualificado do que qualquer outra criatura a apreciar Deus, por ter sido a única criatura feita à sua imagem. Esta admiração por Deus cresce cada vez mais até encher o coração com admiração e prazer. "Em nossa reverência atônita confessamos Tua beleza incriada", cantou o escritor de hinos. "Em nossa reverência atônita". O Deus do evangélico moderno raramente deixa alguém atônito. Ele consegue manter-se muito bem dentro da constituição, jamais quebrando nossos regulamentos internos. É um Deus bem comportado, muito denominacional, muito integrado em nosso meio, e lhe pedimos que nos ajude quando temos dificuldades e esperamos que nos guarde quando dormimos. O Deus do evangélico moderno não me inspira muito respeito. Mas quando o Espírito Santo nos mostra Deus como Ele é, nós O admiramos até o ponto de encher-nos de espanto e prazer.

A **fascinação** é um outro elemento na verdadeira adoração. Sentir-se cheio de excitação moral, cativo, enlevado e arrebatado. O seu entusiasmo não está ligado com a idéia de quão grande você está se tornando, nem como a oferta foi grande, nem com o número de pessoas que compareceu ao culto. Mas você se enleva com a noção de quem Deus é, e fica atônito diante da inconcebível elevação, magnitude e esplendor do Deus Todo-Poderoso.

Lembro-me da primeira vez que tive uma visão de Deus, terrível, maravilhosa, arrebatadora. Eu me achava numa floresta, sentado num tronco, lendo as Escrituras junto com um evangelista irlandês, já idoso, chamado Robert J. Cunningham, que há muito se acha no céu. Levantei-me e segui um pouco adiante, a fim de orar sozinho. Eu estivera lendo uma das passagens mais áridas que se possa imaginar — aquele trecho em que Israel saiu do Egito e Deus os fez dispor o acampamento na forma de um losango. Colocou Levi no centro, Rúben na frente e Benjamim atrás. Era como uma cidade em movimento, na forma de losango, com uma chama de fogo em seu meio, fornecendo luz. De repente pude compreender: Deus é um geômetra. Ele é um artista! Quando Ele dispôs aquela cidade, planejou-a habilmente com uma coluna no centro, e esses pensamentos vieram sobre mim como uma enorme onda: como Deus é belo, Ele é um artista, poeta e músico, e adorei a Deus ali, debaixo daquela árvore, sozinho. A partir daquele momento comecei a amar os velhos hinos e continuo a amá-los até hoje.

Temos depois a **adoração**, amar a Deus com todo poder em nosso íntimo. Amar a Deus com temor e espanto, desejo e reverência. Ansiar por Deus, amá-lo até o ponto de sentir dor e prazer. Isto nos leva a um silêncio empolgado. Penso que as maiores orações são

aquelas onde você não diz uma palavra nem pede nada. Deus porém responde e nos dá o que pedimos. Isso é claro, e ninguém pode negar tal coisa a não ser que negue as Escrituras. Mas esse é apenas um dos aspectos da oração, não sendo nem mesmo o mais importante. Algumas vezes me dirijo a Deus dizendo: "Senhor, mesmo que nunca mais responda a nenhuma de minhas orações enquanto eu viver, continuarei ainda assim a adorá-LO, tanto nesta vida como na vindoura, por aquilo que o Senhor já fez". Já devo tanto a Deus que mesmo que vivesse durante milênios e milênios jamais poderia pagar-lhe o que fez por mim.

Vamos a Deus como iríamos ao supermercado com uma longa lista de coisas a serem compradas. "Deus, dê-me isto, isto, e isto," e nosso Deus gracioso freqüentemente nos dá o que pedimos. Mas penso que fica desapontado quando fazemos dele apenas uma fonte de atendimento. Até o Senhor Jesus é com demasiada freqüência apresentado como "Alguém que suprirá as suas necessidades". Esse é o núcleo do evangelismo moderno. Você tem necessidades e Jesus irá satisfazê-las. Ele é o Supridor das Necessidades. De fato, Ele é também isso, mas, ah, infinitamente mais que isso!

Quando os fatores mentais, emocionais e espirituais de que falei estiverem presentes e, como admiti, em vários graus da intensidade, através de cânticos, louvor, oração, você está adorando. Você sabe o que é oração mental? Estou querendo saber se você tem idéia do que seja orar continuamente. O irmão Lawrence, que escreveu o livro **The Practice of the Presence of God** ("A Prática da Presença de Deus"), disse: "Se estiver lavando pratos, faço isso para a glória de Deus e se apanho um fiapo do chão também o faço para a glória de Deus. Estou todo o tempo em comunhão com Deus". Ele continuou. "As regras me dizem que tenho de tomar tempo para estar sozinho e orar, e cumprio esse mandamento, mas esses períodos não são em nada diferentes de minha comunhão regular". Ele aprendera a arte da comunicação com Deus, contínua e ininterrupta.

Temo pelo pregador que sobe ao púlpito como uma pessoa diferente do que era antes. Meu amigo, você jamais deveria ter um pensamento, praticar um ato ou ser apanhado em qualquer situação que não pudesse levar consigo para o púlpito sem sentir-se embaraçado. Você jamais deveria precisar ser um novo homem, usar uma nova voz e um novo senso de solenidade ao subir ao púlpito.

Deve poder apresentar-se no púlpito com o mesmo espírito e o mesmo senso de reverência que tinha antes quando estava falando com alguém sobre as coisas corriqueiras da vida. Moisés desceu do monte para falar ao povo. Ai da igreja cujo pastor **sobe** ao púlpito ou **entra** no púlpito! Ele deve sempre **descer** ao púlpito. Conta-se que Wesley habitualmente morava com Deus, mas de vez em quando descia para falar ao povo. O mesmo deve acontecer conosco. **Amém.**

Excerto Extraído de *Quem Colocou Jesus na Cruz?*

50. Cristão, Você se Considera Muito Inferior?

Aguardando ansiosamente aquele tempo quando se verá a sua glória — a glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo, que morreu debaixo da condenação de Deus sobre os nossos pecados. para que pudesse livrar-nos de cair constantemente no pecado e fazer de nós o seu próprio povo, de coração purificado e com profundo entusiasmo para fazer coisas boas pelos outros.

Tito 2:13-14 (Bíblia Viva)

O povo de Deus, os cristãos que estão vivendo entre os dois grandes acontecimentos da encarnação de Cristo e sua volta prometida, não está vivendo no vazio!

É surpreendente ver que os grupos da igreja cristã que negam a possibilidade da volta

iminente do Senhor Jesus acusam os que crêem que Ele virá logo de ficarem sentados, de mãos cruzadas, olhando para o céu, e esperando vagamente o melhor!

Nada poderia estar mais longe da verdade. Vivemos no intervalo entre as suas duas aparições, mas não vivemos no vazio. Temos muito a fazer e pouco tempo para executar o que deve ser feito!

Pense um pouco e considere alguns fatos muito evidentes em nossos dias.

Quem são os cristãos que estão dando tudo para ajudar os missionários em todo o mundo? Quem são os cristãos que estão ficando em casa e sacrificando-se, a fim de colaborar no grande avanço evangélico em toda parte? Os que acreditam fervorosamente que Ele está chegando.

Quais as igrejas que estão ocupadas orando e ensinando, contribuindo e preparando seus jovens para o ministério e o trabalho missionário? As igrejas que estão respondendo ao apelo de Cristo para "se ocuparem até que eu venha!"

No texto em foco, Tito nos apresentou uma doutrina cristã válida tanto à luz da esperada volta de Jesus Cristo como em face da morte.

Conta-se a respeito dos primeiros metodistas na Inglaterra, quando passavam por perseguições e tributações de todos os lados, que John Wesley exclamou: "Nosso povo morre bem!"

Em anos mais recentes, ouvi uma citação feita por um bispo denominacional que calculava que apenas dez por cento dos homens e mulheres membros do corpo de sua igreja achavam-se preparados e espiritualmente prontos para morrer quando chegar a sua hora.

Acredito que só se pode morrer bem quando se viveu bem, do ponto de vista espiritual. Esta doutrina da vida cristã e vitalidade espiritual do crente como proposta por Tito é muito válida em face de qualquer contingência que nos aguarde.

Tito identifica rapidamente Jesus Cristo como o Salvador "o qual a si mesmo se deu por nós", e podemos de igual modo aprender de imediato o valor de qualquer objeto pelo preço que as pessoas estão dispostas a pagar por ele. Eu talvez deva explicar que você pode não vir a saber o justo valor, pois em minha opinião particular um diamante ou outra jóia não tem qualquer valor intrínseco.

Você pode estar lembrado da história do galo que procurava no galinheiro milho para comer. De repente achou uma pérola de valor fabuloso que tinha sido perdida anos antes, mas ele apenas empurrou-a e continuou em busca de milho. A pérola não valia nada para o galo, embora fosse muito valiosa para aqueles que lhe tinham dado um preço.

Existem vários tipos de mercado no mundo, e aquilo que não tem valor para a pessoa desinteressada pode ser considerado valioso por quem o deseja e compra.

É neste sentido então que aprendemos como somos caros e preciosos para Cristo, segundo aquilo que Ele se dispôs a dar por nós.

Acredito serem muitos os cristãos que se deixam tentar por uma atitude de inferioridade artificial. Não estou falando contra a verdadeira humildade e meu conselho é este: Julgue-se tão insignificante quanto quiser, mas lembre-se sempre que o Senhor Jesus Cristo o tinha em alta consideração o bastante para sacrificar-se e morrer por você.

Se o diabo se aproximar de você e sussurrar em seu ouvido, dizendo-lhe que você não presta para nada, não discuta com ele. De fato, pode até admiti-lo, mas depois faça com que ele se lembre: "Apesar do que você diz sobre mim, devo contar-lhe como o Senhor se sente a meu respeito. Ele me disse que tenho tanto valor a seus olhos que se deu por mim na cruz!"

O valor é então estabelecido pelo preço pago — e, no nosso caso, o preço foi o próprio Senhor!

O fim que o Salvador tinha em vista foi o de remir-nos de toda iniquidade, isto é, do poder e conseqüências da iniquidade.

Cantamos com freqüência as palavras de um hino de Charles Wesley em que a morte do Senhor Jesus é descrita como "uma cura dupla" para o pecado. Penso que muitas pessoas cantam esse hino sem saber o significado das palavras de Wesley.

"Seja do pecado a dupla cura, Salva-me da sua ira e poder." A ira de Deus contra o pecado e o poder do pecado na vida humana ambos podem ser curados. Assim sendo, quando Ele se deu por nós, remiu-nos com uma cura dupla, livrando-nos das conseqüências do pecado e do poder que este exerce na vida do homem.

Nessa preciosa jóia de verdade espiritual, Tito nos recorda que o Cristo Redentor realiza uma obra de purificação no povo de Deus.

Você tem de concordar comigo que uma das moléstias mais profundas e disseminadas do mundo e da sociedade atual é a impureza, e ela se manifesta em múltiplos sintomas. Temos a tendência de considerar certos atos físicos obscenos e indecentes como sendo as impurezas que assolam a vida humana e a sociedade — mas a cobiça, a intriga, os planos e as tramas têm sua origem numa fonte de impureza muito mais profunda dentro da mente e no mais íntimo dos homens e mulheres pecadores.

Se fôssemos um povo de mãos limpas e corações puros, estaríamos constantemente praticando aquelas coisas que agradam a Deus. A impureza não consiste apenas num ato errado, mas ela é um estado de mente, de coração e de alma, justamente o oposto da pureza e integridade.

O comportamento sexual impróprio é um sintoma do mal da impureza, mas o ódio também o é. O orgulho e o egoísmo, o ressentimento e a avareza surgem de mentes e corações pecadores e impuros, assim como a gula, a preguiça e a complacência. Todos esses e inúmeros outros vêm à superfície com sintomas externos da moléstia profunda e interior do egoísmo e pecado.

Por ser este um fato na vida e na experiência, Jesus Cristo opera espiritualmente a fim de purificar seu povo através de seu sangue, e para libertá-lo dessa enfermidade tão grave. Essa é a razão por que Ele é chamado de o Grande Médico, por ter capacidade para curar-nos do mal da impureza e iniquidade, remindo-nos das conseqüências dos nossos pecados e purificando-nos da presença deles.

Agora, irmãos, ou isto é verdadeiro e exequível na vida e experiência humana ou o cristianismo não passa de uma fraude. Ou se trata de uma opção espiritual verdadeira e confiável, ou devemos fechar a Bíblia e colocá-la ao lado das demais obras de literatura clássica que não têm qualquer validade especial em face da morte.

Graças a Deus pelos milhões que ousam reunir-se como um grande coral e exclamar comigo: "É verdade! Ele deu-se realmente para nos remir de toda iniquidade e Ele realiza esta obra de purificação em nossas vidas todos os dias!"

O resultado da obra purificadora de Cristo é o aperfeiçoamento do povo de Deus, referido nesta passagem como "exclusivamente seu", ou "peculiar" como em algumas versões.

Muitos sabem que esta palavra "peculiar" tem sido usada com freqüência para disfarçar a conduta religiosa estranha e irracional. Alguns praticam atos bastante esquisitos e depois dizem com um sorriso constrangido, como a se desculpar: "Bem, nós somos um povo peculiar!"

Quem quer que se interesse séria e honestamente pelas advertências e instruções bíblicas pode aprender que esta palavra "peculiar" na linguagem usada em 1611, que descrevia o povo remido de Deus, não tinha qualquer conotação com atitudes estranhas, ridículas ou insensatas.

A mesma palavra foi usada primeiro em Êxodo 19:5 quando Deus falou que Israel seria a sua "propriedade peculiar dentre todos os povos". Essa foi uma forma de enfatizar que o seu povo seria para Ele um tesouro maior que todos os demais. No sentido etimológico significa "guardado para mim como minha jóia especial".

Todo pai e mãe amorosos sabem o que Deus queria dizer. Existem crianças nas casas de cima abaixo em toda rua, como se pode ver pelas roupinhas penduradas nos varais nos dias de sol.

Mas na casa onde você mora, existe uma criança especial, e ela é um tesouro peculiar para você acima de todos os outros. Isso não indica necessariamente que seja mais bonita, mas que é um tesouro maior que todos os outros e que você não trocaria a sua por

qualquer outra criança neste mundo. Ela é um tesouro **peculiar!**

Isto nos dá uma idéia do que somos — as jóias especiais de Deus, separadas para ele!

Tito esclareceu então uma coisa que sempre irá caracterizar os filhos de Deus — o fato de serem zelosos de boas obras.

Tito e todos os outros escritores que tiveram parte na revelação de Deus através das Escrituras concordam neste ponto — o Senhor jamais fez provisão para que qualquer de seus servidores fosse um cristão "de braços cruzados". O cristianismo na "torre de marfim", uma crença abstrata, composta simplesmente de pensamentos bons e belos, não foi em absoluto o que Jesus ensinou.

A linguagem neste trecho é clara: Os filhos de Deus em Cristo Jesus, remidos pelo dom de Si mesmo, purificados e tornados para Ele em jóias especiais, um povo peculiar, são caracterizados por uma coisa: o seu zelo pelas boas obras.

Aprendemos que devido à graça de Deus, esses seguidores de Jesus Cristo são zelosos de boas obras e na sua experiência diária vivem "esperando". O cristão deve viver sempre em alegre antecipação da abençoada esperança e da vinda gloriosa do grande Deus e nosso Salvador Jesus Cristo!

Existe algo na teologia cristã que desejo partilhar com você. Algumas pessoas dizem que não podem preocupar-se com a teologia porque não sabem nem grego nem hebraico, mas não posso crer que haja qualquer cristão cuja humildade chegue ao ponto de insistir que desconhece a teologia.

A teologia é o estudo de Deus e temos um livro de estudo maravilhoso — na verdade são 66 livros em um só. Nós o chamamos de a Bíblia. O ponto que quero salientar é este: Notem através do estudo e da experiência que quanto mais vital e importante qualquer verdade teológica ou doutrinária seja, o diabo se opõe mais fortemente a ela e procura fazer com que surjam mais controvérsias a seu respeito.

Considere por exemplo a divindade de Jesus.

Mais e mais pessoas estão argumentando, debatendo e lutando em relação a esta verdade absolutamente vital e fundamental.

O diabo é bastante esperto para não desperdiçar seus ataques sobre os aspectos mais insignificantes e menos vitais da verdade e ensino cristãos.

O diabo não criará problemas ao pregador que tiver tanto medo de sua congregação e estiver tão preocupado com a possibilidade de perder o emprego que prega durante trinta minutos e o resumo de suas palavras é este: "Sejam bons e vão sentir-se melhor!"

Você pode ser tão bom quanto quiser e mesmo assim ir para o inferno se não tiver colocado sua confiança em Jesus Cristo! O diabo não irá perder tempo prejudicando o pregador cuja única mensagem contenha esta recomendação: "Seja bom!"

Mas o cristão vive na alegre esperança da volta de Jesus Cristo e este é um segmento tão importante da verdade que o diabo está sempre disposto a atacá-lo e ridicularizá-lo. Um de seus maiores êxitos é fazer com que as pessoas discutam e fiquem zangadas umas com as outras por causa da volta de Jesus, em lugar de ficar "olhando" e esperando por ela.

Suponhamos que um homem tenha ficado longe da família durante dois anos, do outro lado do mar. Certo dia chega um telegrama com a mensagem: "Acabei meu trabalho aqui; chego hoje".

Depois de algumas horas ele chega à porta da frente e encontra a família em tumulto. Estiveram discutindo se ele chegaria de manhã ou de tarde. Brigaram também sobre o tipo de transporte que utilizaria. Como resultado, ninguém estava à janela com o nariz grudado no vidro à sua espera, ninguém estava olhando para ver primeiro o Papai que voltava.

Você pode dizer: "Mas isso é apenas uma ilustração". E eu respondo: "mas, qual é a situação nos vários grupos da comunidade cristã?"

Todos estão brigando e zangados uns com os outros. Estão discutindo se Ele virá e como virá, e estão ocupados usando provas textuais sobre a queda de Roma e a identificação do anticristo.

Irmãos, isso é trabalho de Satanás; fazer com que os cristãos discutam sobre os detalhes da vinda dEle e se esqueçam da coisa mais importante. Quantos cristãos estão

confusos e atônitos com as discussões, a ponto de esquecer que o Salvador nos purificou para sermos um povo especial, esperando que viva com sobriedade, retidão e piedade, aguardando a vinda gloriosa do grande Deus e Salvador.

Essa é a Epifania, uma expressão usada na igreja cristã com referência à manifestação de Cristo no mundo.

Ela é usada em dois sentidos em I Timóteo e 2 Timóteo.

Paulo diz, primeiro, em 2 Timóteo 1:8-10: "... Deus, que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos, e manifestada agora pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho".

Nessa passagem temos o registro de sua vinda, quando Ele veio ao mundo para abolir a morte através de sua própria morte e ressurreição.

A seguir, em uma daquelas comoventes e belas doxologias, o apóstolo disse em I Timóteo 6:13-16: "Exorto-te perante Deus, que preserva a vida de todas as coisas, e perante Cristo Jesus que, diante de Pôncio Pilatos fez a boa confissão, que guardes o mandato imaculado, irrepreensível, até à manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo".

Paulo fala da volta de Cristo, quando Ele revelará quem é "o único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores; o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver, A ele honra e poder eterno. Amém".

Quando leio coisas assim, escritas pelo apóstolo Paulo, elas me fazem lembrar de um sabiá ou canário pousado num ramo e fazendo ouvir inesperadamente o seu canto melodioso. Paulo muitas vezes irrompe em uma de suas belíssimas e edificantes tiradas de louvor a Jesus Cristo em meio às suas epístolas, e esta é uma delas!

Paulo lembra os cristãos neste ponto de que na volta de Jesus, ele irá manifestar-se de modo a não deixar dúvidas quanto à Pessoa do Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Paulo cuidou também de consolar os cristãos da primeira igreja que temiam morrer antes da volta de Jesus Cristo. Na igreja de Tessalônica alguns membros se preocupavam com duas coisas diferentes. A primeira era a suposição de que o Senhor já viera e eles haviam ficado esquecidos. A segunda estava ligada à idéia de que morreriam antes de Ele vir e que não participariam então do júbilo de sua vinda.

Paulo escreveu então as duas cartas aos Tessalonicenses, a fim de explicar-lhes a verdade relativa ao segundo advento de Cristo.

"Visto que nós cremos que Jesus morreu e depois voltou à vida, podemos também crer que, quando Jesus voltar, Deus trará de volta com Ele todos os cristãos que já morreram" — isto é, se você morrer no Senhor, Deus irá trazê-lo de volta com Jesus quando Ele vier — "Posso dizer-lhes, diretamente do Senhor, que nós, os que ainda estivermos vivos quando o Senhor voltar, não subiremos para encontrá-LO na frente daqueles que estão nas sepulturas. Pois o próprio Senhor descera do céu com um potente clamor, com o vibrante brado do arcanjo e com o vigoroso toque da trombeta de Deus. E os cristãos que estão mortos serão os primeiros a levantar-se para irem ao encontro do Senhor. Então nós, os que ainda estivermos vivos e restarmos na terra, seremos arrebatados até eles nas nuvens, a fim de nos encontrarmos com o Senhor nos ares e ficarmos com Ele para sempre. Portanto, confortem-se e encorajem-se mutuamente com esta notícia" (I Ts 4:14-18 — **Bíblia Viva**).

A explicação inspirada de Paulo nos ensina que os que morreram antes da volta de Jesus não estarão em desvantagem. Pode ser que até tenham proveito com isso, pois antes do Senhor glorificar os santos que continuem vivos em toda a terra, Ele irá ressuscitar em corpos glorificados o grande exército de crentes que partiram através da morte no correr dos séculos.

Irmãos, foi justamente isso que o apóstolo Paulo nos disse nas instruções dadas originalmente aos cristãos de Tessalônica.

Não temos o direito de pensar que é muito estranho que a maioria dos púlpitos cristãos estejam completamente silenciosos com respeito a esta gloriosa verdade da volta

iminente de Jesus Cristo? Trata-se de um paradoxo o fato de haver esse grande silêncio nas igrejas cristãs justamente quando o perigo de o homem ser varrido da face da terra é maior do que jamais o foi.

A Rússia e os Estados Unidos, as duas grandes potências nucleares, continuam a medir forças em termos de matança. Em inglês, o termo usado atualmente para essa matança desenfreada é uma palavra composta **"over-kill"**, que significa "matar em excesso". Os cientistas não tinham como expressar o poder praticamente incrível de destruição das bombas nucleares em nossos depósitos e inventaram então o termo **"over-kill"**.

Tanto os Estados Unidos como a Rússia fizeram declarações sobre esse poder dos estoques nucleares, que podem matar todo homem, mulher e criança no mundo — não uma só vez, mas vinte vezes. Isso é "over-kill"!

Não é mesmo um estratagema do velho inimigo, Satanás, persuadir os santos no Corpo de Cristo a se envolverem em discussões amargas a respeito de arrebatamento pré e pós-tribulação, pós-milenialismo, a-milenialismo e pré-milenialismo — exatamente numa hora em que a "morte em excesso" paira sobre nós como uma nuvem negra e ameaçadora?

Irmãos, esta é uma época e hora em que o povo do Senhor deve ficar alerta em relação à esperança e promessa de sua vinda, de modo a levantar-se cada manhã como a criança no dia de Natal — entusiasmada e certa de que o dia é hoje!

Em lugar desse tipo de expectativa, o que vemos na igreja hoje? Discussões pró e contra a sua vinda, sobre os detalhes do arrebatamento - e algumas criando verdadeiras desavenças. Por outro lado, encontramos grandes grupos de cristãos que parecem ter capacidade para ignorar toda a questão da volta de Jesus Cristo.

Poucos ministros se preocupam em pregar a respeito do Livro do Apocalipse hoje em dia, e isso se aplica tanto aos evangélicos quanto aos fundamentalistas! Estamos sendo intimidados pelo cinismo e sofisticação de nossos dias.

Existem tantas anomalias e contradições aparentes na sociedade e nas fileiras dos cristãos professos que alguém irá acabar escrevendo um livro a respeito.

Existe a anomalia da necessidade de conhecer melhor um ao outro a fim de amar e compreender melhor a cada um. Milhões de pessoas estão viajando e encontrando outras a fim de conhecer-se, e se a premissa for então verdadeira, devemos todos amar-nos como uma grande e abençoada família.

Mas, em lugar disso, nós nos odiamos. A verdade é que em todo o mundo as nações se odeiam umas às outras desmedidamente.

Quero mencionar outra contradição bastante aparente. Nossos educadores e sociólogos nos disseram que se permitíssemos o ensino da educação sexual nas escolas, todos os problemas nesse terreno desapareceriam.

Não é mesmo estranho que a geração que tem ensinado mais a respeito das práticas sexuais do que vinte e cinco gerações combinadas fizeram no passado, seja a geração que tem-se mostrado mais podre e perversa na conduta sexual?

Não é também estranho que a própria geração que poderia ser reduzida a pó pelo processo de "over-kill" seja justamente a que teme falar da volta do Senhor e não está disposta a considerar suas graciosas promessas de libertação e glorificação?

Talvez você não espere que eu diga, mas vou dizer: como somos esquisitos! Que geração estranha a nossa!

Deus afirmou que iria dar grande galardão à constância espiritual dos santos cristãos, mas como somos inconstantes quando permitimos que o diabo e nossa própria carnalidade nos confundam de modo a desviar-nos de nossa espera paciente da sua volta!

Vivemos, portanto, entre dois acontecimentos importantes — o da encarnação, morte e ressurreição de Cristo, e o da sua manifestação final e glorificação daqueles que Ele morreu para salvar. Este é o período de espera para os santos — mas não se encontram num vácuo. Ele nos deu muito para fazer e pede a nossa fidelidade.

Enquanto isso, somos zelosos de boas obras, vivendo com moderação, reta e piedosamente neste mundo, olhando para Ele e a sua promessa. Em meio a nossas vidas e

entre os dois grandes picos montanhosos dos atos de Deus no mundo, olhamos para trás e lembramos e olhamos para a frente e temos esperança! Como membros da fraternidade cheia de amor criada por Ele, partimos o pão e bebemos o suco. Cantamos louvores a Ele e oramos no seu nome, lembrando e aguardando!

Irmãos, isso me comove mais que tudo no mundo. É um privilégio abençoado, mais belo e satisfatório do que as amizades, as pinturas ou ocaso ou quaisquer outras maravilhas da natureza. Olhar para trás, para a sua graça e amor e olhar para a frente, na expectativa da sua volta em glória; enquanto isso, trabalhamos ativamente e aguardamos jubilosos — até que Ele volte!

Excerto Extraído de *Caminhos para o Poder*

51. Os Milagres Seguem o Arado

*Arai o campo virgem; porque é tempo de
buscar ao Senhor, até que ele venha e chova a
justiça sobre vós.
Os 10: 12*

Vemos aqui dois tipos de solo: o solo duro ou virgem e aquele que foi amaciado pelo arado.

O solo duro é convencido, complacente, protegido dos golpes do arado e da agitação pela grade. Um campo assim, abandonado ano após ano, acaba tornando-se a habitação do corvo e do gaio. Se tivesse inteligência, poderia ter em alta conta a sua reputação; possui estabilidade; a natureza adotou-o; pode ser tomado como certo que continuará sempre o mesmo, enquanto os campos que o rodeiam mudam de marrom para verde e de verde para marrom de novo. Seguro e tranquilo, ele se espalha preguiçosamente ao sol, um verdadeiro retrato da satisfação sonolenta. Mas o preço que paga pela sua tranquilidade é terrível: pois ele não vê o milagre do crescimento; não sente os movimentos da vida em crescendo nem aprecia os prodígios da semente brotando ou a beleza do grão que amadurece. Jamais pode conhecer fruto porque teme o arado e a grade.

Em oposição direta a isto, o campo cultivado entregou-se à aventura de viver. A cerca protetora abriu-se para dar entrada ao arado, e este veio como todos eles vêm, prático, cruel, apressado. A paz foi quebrada pelos gritos do fazendeiro e o ruído das máquinas. O campo sentiu o labor da mudança; foi perturbado, revolvido, ferido e quebrado, mas suas recompensas valem o sofrimento a que se submeteu. A semente manifesta à luz do dia seu milagre de vida, curiosa, explorando o mundo à sua volta. Em todo o campo a mão de Deus está operando no serviço da criação, velho como o tempo e sempre renovado. Novas coisas nascem, crescem, amadurecem e realizam a grande profecia latente no grão quando foi colocado no solo. Os prodígios da natureza seguem o arado.

Há também duas espécies de vida: a dura e a arada. Para obter exemplos de uma vida endurecida não precisamos ir longe. Existem muitas ao nosso redor.

O homem de vida endurecida está contente consigo mesmo e com o fruto que produziu no passado. Não quer que o incomodem. Sorri com superioridade quando ouve falar de reavivamentos, jejuns, auto-análises, e todas as tarefas ligadas à produção de frutos e à angústia do crescimento. O espírito de aventura morreu nele. É estável, "fiel", sempre em seu lugar costumeiro (como o velho campo), conservador e uma espécie de marco na pequena igreja. Mas é estéril. A maldição de uma vida assim é o fato de ser fixa, tanto em tamanho como em conteúdo. Ser tomou o lugar de *tornar-se*. O pior que pode ser dito de tal indivíduo é que é o que *irá ser*. Ele encerrou-se entre quatro paredes e, através desse mesmo ato, deixou Deus do lado de fora e também o milagre.

A vida arada é aquela que, no ato do arrependimento, derrubou as cercas protetoras e enviou o arado da confissão à alma. O estímulo do Espírito, a pressão das circunstâncias e

a angústia por uma vida sem frutos, combinaram-se para humilhar o coração. Uma vida assim abaixou as suas defesas, e abandonou a segurança da morte pelo perigo da vida. O descontentamento, a ansiedade, a contrição, a obediência corajosa à vontade de Deus: feriram e quebraram o solo até que esteja novamente preparado para a sementeira. E, como sempre, o fruto segue o arado. A vida e o crescimento começam à medida que Deus faz "chover justiça". Uma pessoa assim pode testemunhar: "E a mão do Senhor estava sobre mim."

Em correspondência a esses dois tipos de vida, a história religiosa mostra duas fases, a dinâmica e a estática.

Os períodos dinâmicos foram aqueles tempos heróicos em que o povo de Deus atendia ao chamado do Senhor e saía para levar ousadamente seu testemunho ao mundo. Eles trocaram a segurança da inação pelos riscos do progresso inspirado por Deus. O poder de Deus seguia-se invariavelmente a tais atos. O milagre de Deus acompanhava seu povo aonde quer que ele fosse; parava quando seu povo parava.

Os períodos estáticos foram aqueles em que o povo de Deus se cansava de lutar e buscava uma vida de paz e segurança. Eles então se ocupavam tentando conservar os bens obtidos naqueles tempos mais ousados em que o poder de Deus se movia entre o povo.

A história bíblica está repleta de exemplos. Abraão "partiu" em sua grande aventura de fé, e Deus o acompanhou. Revelações, teofanias, a dádiva da Palestina, alianças e promessas de ricas bênçãos foram o resultado. Israel seguiu então para o Egito, e os prodígios cessaram durante quatrocentos anos. No final desse período, Moisés ouviu o chamado de Deus e adiantou-se para enfrentar o opressor. Uma torrente de poder acompanhou esse desafio e Israel logo se pôs em marcha. Enquanto ousou marchar, Deus enviou seus milagres a fim de abrir-lhe o caminho. Toda vez que a nação parava como um campo endurecido, Ele retirava a sua bênção e aguardava que se levantasse de novo e pedisse pelo seu poder.

Este é um esboço rápido mas justo da história de Israel e da Igreja. Enquanto "saíam e pregavam em toda parte", o Senhor operava junto a eles. . . confirmando a palavra por meio de sinais". Mas quando se retiravam para monastérios ou brincavam de edificar lindas catedrais, o auxílio de Deus era sustado até que um Lutero ou um Wesley se levantasse para desafiar novamente o inferno. Deus derramava então invariavelmente o seu poder como fizera antes.

Em toda denominação, sociedade missionária, igreja local ou cristão individual, vemos esta lei em operação. Deus opera quando seus filhos *vivem ousadamente*. Ele se interrompe quando não há mais necessidade de sua ajuda. No momento em que buscamos proteção fora de Deus, nós a encontramos em prejuízo próprio. No momento em que construímos uma parede de segurança feita de doações, leis secundárias, prestígio, múltiplos agentes para a delegação de nossos deveres, a paralisia se introduz imediatamente, uma paralisia que só pode terminar em morte.

O poder de Deus só vem atendendo ao apelo do arado. Ele só é liberado na igreja quando ela estiver fazendo algo que necessite do mesmo. Com a palavra "fazendo" não quero indicar simples atividade. Já existe excesso de "movimento" nela, mas cm tocas essas atividades ela cuida para manter intocado o campo endurecido. Ela toma precauções para confirmar sua movimentação, dentre dos limites da completa segurança. Essa a razão pela qual é estéril, não dá fruto. Está segura, mas amadurecida.

Olhe à sua volta e veja os milagres de poder que estão tendo lugar, veja onde eles se realizam. Não é no seminário onde cada pensamento é preparado para o aluno, sendo recebido sem esforço e de segunda mão; não é na instituição religiosa onde a tradição e o hábito tornaram a fé desnecessária; não é na velha igreja onde placas memoriais são colocadas sobre os móveis, prestando um testemunho silencioso quanto a glória que já se foi. Onde a fé destemida está lutando para avançar contra toda e qualquer oposição, Deus invariavelmente se encontra junto a ela, enviando "ajuda do santuário".

Na sociedade missionária a que pertenci durante muitos anos, notei que o poder de Deus sempre pairou sobre as nossas fronteiras. Milagres acompanharam nossos avanços e

cessaram quando e onde permitimos que a complacência se introduzisse e deixamos de avançar. O credo do poder não pode salvar um movimento da esterilidade. É preciso que haja também o trabalho do poder.

Estou porém mais preocupado com o efeito desta verdade na igreja local e no indivíduo. Olhe para aquela igreja onde a abundância de fruto era antes a coisa regular e esperada, mas agora ele é pouco ou nenhum, e o poder de Deus parece estar em suspenso. Qual o problema? Deus não mudou, nem o seu propósito para essa igreja modificou-se de forma alguma. Nada disso, foi a igreja que mudou.

Uma auto-análise breve revelará que tanto ele como seus membros endureceram. Ela viveu e trabalhou, mas aceitou agora um estilo de vida mais fácil. Contenta-se com realizar seu programa sem demasiado esforço, com dinheiro suficiente para pagar suas contas e um número de membros bastante grande para assegurar seu futuro. Os membros esperam dela agora segurança em vez de orientação na batalha entre o bem e o mal. Ela se tornou uma escola em lugar de um acampamento. Seus membros são estudantes e não soldados. Eles estudam as experiências de outros em lugar de buscar novas experiências por si mesmos.

O único caminho para o poder em tal igreja é sair do esconderijo e mais uma vez tomar o caminho cheio de perigos da obediência. A sua segurança é o seu maior inimigo. A igreja que teme o arado escreve o seu próprio epitáfio: a igreja que usa o arado anda pelo caminho do reavivamento.

Excerto Extraído de *Deixe Ir o Meu Povo*

52. O Sistema Jaffray

Este parece ser o ponto adequado para estudar a filosofia Jaffray sobre as missões cristãs. Tratava-se de uma filosofia simples baseada em princípios neotestamentários e repleta de bom senso comum. Ele extraiu dela um sistema de trabalho, um padrão cujas linhas se manifestam através de tudo que fez desde os seus primeiros dias na China até o fim de sua vida.

É duvidoso que Robert Jaffray tivesse jamais sentado e desenvolvido uma teoria. Sua mente não funcionava assim. Ele recolhia suas idéias enquanto se movimentava. A Bíblia e um instinto sólido o guiavam e a experiência logo corrigia quaisquer falhas nos projetos. Seus pontos de vista não eram complexos nem difíceis de compreender. O trabalho missionário afinal de contas não era complexo, consistindo principalmente de quatro coisas a serem feitas: contato, evangelização, organização e instrução. Isso era tudo. Mas na concretização desses elementos essenciais, a pessoa podia trabalhar toda uma vida, e seu labor daria fruto, pois foram essas coisas que Cristo pediu a seus servos que fizessem.

O contato vinha em primeiro lugar. Nada podia ser feito até estabelecer-se a comunicação. O missionário devia procurar as tribos perdidas. Este era o princípio básico em seu credo missionário, sendo para ele a voz de comando; criando em sua mente uma ansiedade animada que jamais o deixou enquanto viveu. A vista de um mapa ou o som de um nome pagão estranho motivava-o como o de uma sineta de alarma para o velho cavalo do carro de bombeiros do passado. Jaffray foi então um pioneiro, um explorador, um aventureiro obcecado pela urgência de descobrir novos povos e tribos ocultas.

É este aspecto do trabalho missionário que cativa a imaginação do público. Todos parecemos crianças ao nos entusiasmos pelas emoções das aventuras missionárias por procuração, e Jaffray sabia disso. Como bom negociante estava pronto a dar aos que ficavam em casa o que eles queriam. Seus noticiários e artigos em revistas quase sempre pareciam verdadeiros contos das selvas, mas não fazia isso por diversão. Jaffray era sério demais para brincadeiras. Se podia chamar atenção com relatórios sinceros de costumes exóticos e formas curiosas de viver de povos estranhos, não se negava a tal, mas seus motivos estavam sempre à vista. Ele queria ajuda. Queria dinheiro, o mais que pudesse

obter; mas, acima de tudo, queria jovens que colaborassem com ele. E eles apareceram, esses jovens, nas asas da oração e sustentados pela riqueza consagrada dos que ficaram em casa.

Depois do contato veio a evangelização. Cristo dissera a seus discípulos que fossem ao mundo inteiro e fizessem novos discípulos. Para Jaffray isso só podia significar uma coisa: ganhar homens perdidos para Cristo, levá-los a confiar nele como Salvador pessoal imediatamente, sem aguardar influências civilizadoras ou longos cursos de instrução a fim de condicioná-los. Bastava que ouvissem o evangelho e seriam salvos, como qualquer homem branco o era.

Essa é a teoria de Jaffray, e sua solidez foi confirmada na prática. Ela funcionou, essa é a sua glória. Vidas foram realmente mudadas da noite para o dia, transformadas por essa simples técnica. Os homens puderam saltar da completa selvageria para o reino de Deus, e na maioria, os que fizeram a grande transição viveram para provar que a mudança foi real e permanente.

O passo seguinte era organizar os novos cristãos, formando uma igreja. Ela devia ser muito simples no começo, pouco mais do que uma organização por consentimento comum, com certos homens escolhidos como líderes e para dar orientação ao grupo. Mais tarde poderia evoluir para uma forma mais perfeita de organização, com um pastor, diáconos e presbíteros; mas isso podia esperar, pois o missionário atuaria como líder até que os novos convertidos estivessem à altura. As pessoas de mente eclesiástica podem sorrir diante da idéia, mas ela funcionou, e continua funcionando e ninguém pode negar.

Essa nova igreja deve ser então instruída a respeito das grandes verdades da fé cristã, deve ser ensinada, doutrinada e para isto era necessário o seguinte: a escola e a impressora. Essas vinham depois da organização, e onde Jaffray conseguia, a coisa se fazia rapidamente.

A impressora era para Jaffray o que as epístolas foram para Paulo, um meio de manter-se em contato com seus convertidos, à medida que estes cresciam em número, e as distâncias tornavam impossível o contato pessoal. As impressoras também punham ao alcance desses novos cristãos o melhor em matéria de literatura espiritual. As máquinas de impressão de Jaffray no geral trabalhavam com material escrito por ele mesmo e dirigido a necessidades particulares, mas também produziam livros, tratados, revistas, cursos bíblicos e comentários sobre cada um dos livros da Bíblia, à medida que podia prepará-los e sentia que as pessoas estavam prontas para recebê-los.

A Escola Bíblica funcionava juntamente com a impressora como um instrumento eficaz para a disseminação da verdade. Jaffray tinha uma confiança incrível na Escola Bíblica, que chegava às raias do dogmatismo. Ele conhecia o seu poder e a promovia com zelo incansável. Os missionários estrangeiros jamais seriam a última palavra na evangelização de qualquer país. O trabalho melhor e mais rápido seria sempre feito pelos cristãos nativos agindo entre o seu próprio povo. Mas estes tinham de primeiro aprender a verdade e ser treinados para prestar um serviço eficiente. Esse o papel da Escola Bíblica, nenhum outro agente podia desempenhá-lo melhor. Cada zona precisava ter então a sua escola e mais de uma se houvesse necessidade. Essa era a opinião de Jaffray e sua solidez foi confirmada na prática.

A velocidade com que se espalhou a fé cristã entre pessoas até então inatingíveis testemunha o fato de que a visão de Jaffray foi de inspiração divina. Ele jamais permitia que seus obreiros ficassem reunidos, parados; esperava que se espalhassem e se mantivessem em movimento. Insistia tanto nisto que alguns chegaram até a duvidar de seu bom senso, e uns poucos ousaram opor-se a ele diretamente. Mas os resultados no geral o apoiavam e os céticos se viam forçados a reconhecer que tinha razão.

Um oficial diante de quem ele apareceu pedindo permissão para pregar o evangelho dentro de seu território perguntou-lhe: "Você vai naturalmente concentrar as suas forças, não é?"

"Certamente", concordou Jaffray. A seguir, aproximando-se de um enorme mapa que pendia da parede, ele tocou com o dedo em vários pontos.

"Vamos concentrar-nos aqui, aqui e aqui."

"Quantos missionários você tem?" inquiriu o oficial atônito.

"Seis", respondeu Jaffray sem sorrir.

Foi esta estratégia de "concentrar-se" por todo o mapa que deu tal ímpeto às suas campanhas missionárias.

Apesar desta velocidade de avanço ele jamais caiu no erro corrente hoje em alguns lugares — ele não acreditava ter feito o trabalho do Senhor simplesmente enunciando o evangelho e partindo, pois não deixava que os novos cristãos voltassem ao paganismo. Toda vez que fazia novos convertidos, era formada uma igreja; os bens precisavam ser consolidados. O mensageiro podia então partir, mas não antes disso. Essas medidas continham grande dose de sabedoria e tratava-se do método usado no Novo Testamento, podendo perfeitamente servir de padrão para todas as sociedades missionárias.

A idéia de que precisamos anunciar o evangelho apenas uma vez a cada tribo e depois passar para outra sem considerar os resultados é tão velha quanto falsa. Embora seja a filosofia de apoio de muitos empreendimentos missionários modernos, trata-se entretanto de pura heresia quanto ao método, com base em uma interpretação errada das ordens. É interessante saber que Wesley e os seus metodistas tiveram de enfrentar isto em suas primeiras atividades missionárias, e é instrutivo aprender como resolveram a situação.

Em uma seção da antiga Disciplina Metodista, publicada em 1848 e trazendo (segundo penso) as marcas das idéias do próprio Wesley em data anterior, sob o título, "Regras pelas quais devemos Continuar ou Desistir de Pregar em Qualquer Parte", a pergunta é feita: "F recomendável que preguemos em quantos lugares pudermos sem formar qualquer sociedade?" A resposta é enfática: "De modo algum. Abrimos a trilha em vários pontos e durante muito tempo, mas toda a semente caiu à beira do caminho. O fruto que resta é mínimo."

Jaffray era presbiteriano e é difícil que tenha dado muita atenção aos métodos dos primeiros metodistas, mas no fogo ardente da experiência ele aprendeu as mesmas lições que eles haviam aprendido antes e chegou às mesmas conclusões. Esta pode não ser a última palavra que venha a ser dita sobre o assunto, mas o missionário sábio irá ouvir respeitosamente esses mestres. Eles apresentam como apoio de sua filosofia o argumento irresponsável do sucesso total

Caro leitor

Desejamos que este livro tenha correspondido a suas expectativas.

Para continuar a atendê-lo sempre melhor, compartilhe suas impressões de leitura desta obra escrevendo para: opinio-do-leitor@mundocristao.com.br

Cadastre-se para receber nossos informativos no site: www.mundocristao.com.br

Acesse nosso blog, www.mundocristao.com.br/blog



Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79
04810-020 — São Paulo, SP